

MANA E MANUSCRITOS

MANA BERNARDES

MANA E MANUSCRITOS

Fotografias de Mauro Kury

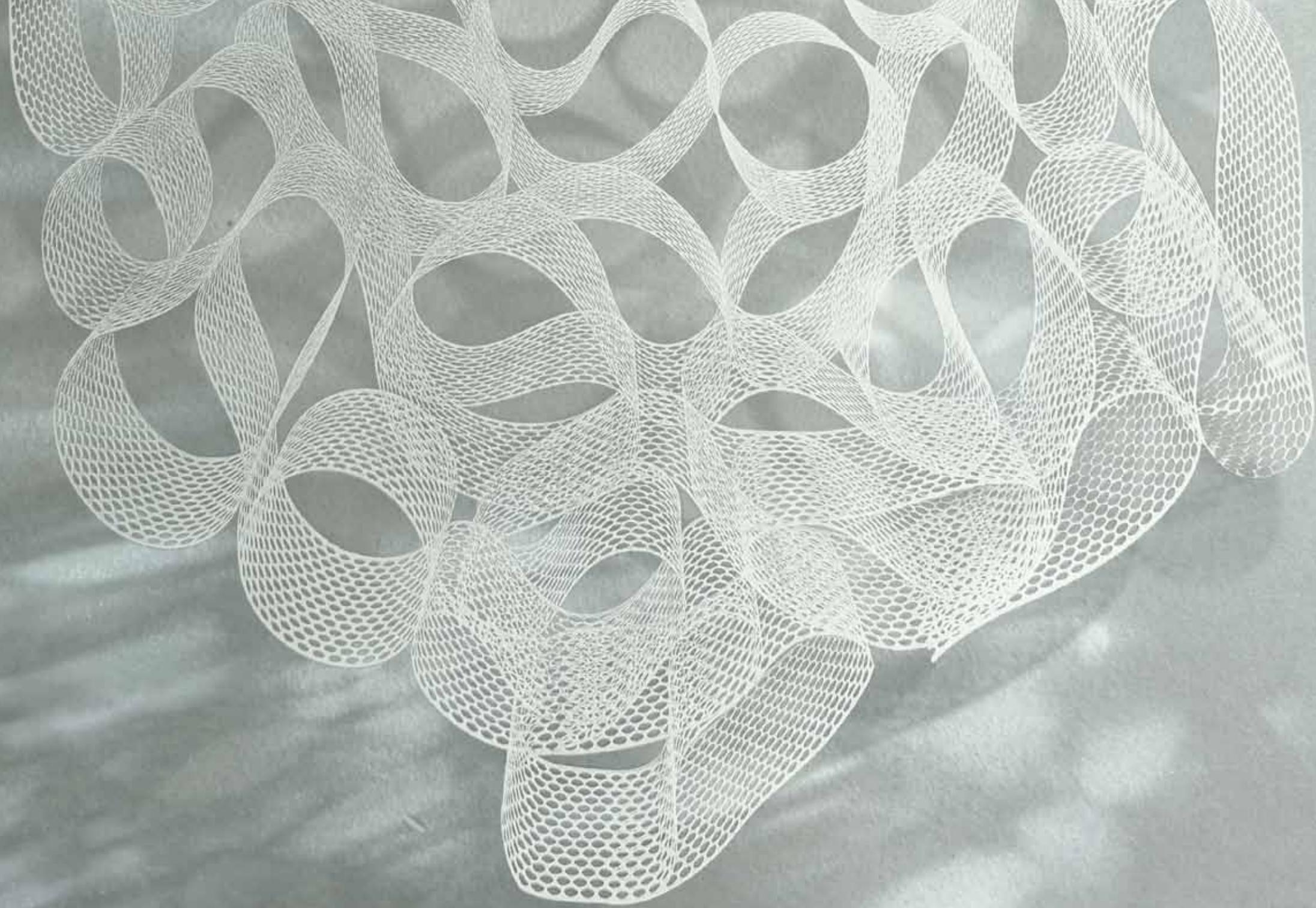


Dedico este livro à minha mãe,
matriz, Rute Casoy e a meu pai
Sergio Bernardes (*in memoriam*),
por seus intermináveis cafunés.

*I dedicate this book to my mother,
matrix, Rute Casoy, and to my father,
Sergio Bernardes (in memoriam),
for their endless cafuné (running
their fingers through my hair).*

Agradeço a vovó Rosinha, matriarca viva, a tia Christiana pela acolhida, a Bel Seabra, segunda mãe, a Thiago, Pedro, João, Lola e José, meus irmãos. A Rosa, mãe dos meus irmãos, a Mano e Dom, meus sobrinhos. A Renata Gebara por toda a voz, a Mariana Brunelli pela convicção, a Mauro Kury por vivermos as imagens. A Andrea Francez pela justiça, a Suelen pela irmandade, a Luciene Silva pela competência, a Tatiana Dutra pela liderança. A Argus pelo seu exemplo, a Helô Buarque pela coragem. A Antonio Salvador pela irreverência, a Mariana Ximenes pelos ouvidos, a Paulo Betti pela transformação, a Christiana Cavalcanti pela dança das palavras, a Miyoko pelo eixo, a Marina Sá pela permanência, a Marisa Monte pela força nos inícios poéticos, a Carlinhos Brown pelo alfabeto poético. A Afonso Luz pela filosofia, a Didi Rezende pela maestria, a Zeca Cury por confiar nas letras, a Mia Lehrer pela nossa família, a Samantha Caldato pela generosidade, a Chloe de Carvalho por toda a afinidade, a Ana Branco pela plenitude, aos Rippers pelo afeto, a Mariana de Moraes e Marilu pela linhagem de afilhações, a Claudio Peixoto pelo abraço, a Camila Pitanga pelo amor a poesia, a Walter Appel por acreditar no livro, a Marcos Saboya pelas suas ideias, a Renata Seripiere pela emoção e metamorfose, a Mariana Ochs pelo seu pai e papel, a Rodrigo Moura pelo cuidado, a Sonia Barreto pelos primeiros encontros. A Arnaldo Antunes por todas as letras, a Adélia Borges pela singeleza e amplitude, a Antonio Bernardo pela devoção as formas belas, a Daniel Cywinski por todas as ondas, a Iolanda Silva por me botar no mundo da pedagogia. A Vera Holtz por todo o percurso conjunto, a Rossella Terra Nova pela lua de mel ancestral, a Wladimir Gasper pelas suas composições, a Iky Castilho pelo som e pela boa vibração, a Alex Forman por trazer ao mundo a poesia. A Elisa Ventura, a Camilla Savoia, a Tatiana Louzada e a Valeska Zamboni por pousar o voo do livro e a todos que trabalharam neste projeto. Aos parentes e aos que de amigos são parentes.

I thank Grandmother Rosinha, living matriarch, aunt Christiana for the warm welcome, Bel Seabra, second mother, Thiago, Pedro, João, Lola and José, my brothers and sister. Rosa, mother of my brothers, Mano and Dom, my nephews. Renata Gebara for her full voice, Mariana Brunelli for her conviction, Mauro Kury for living the images with me. Andrea Francez for justice, Suelen for fellowship, Luciene Silva for competence, Tatiana Dutra for leadership. Argus for setting the example, Helô Buarque for courage. Antonio Salvador for irreverence, Mariana Ximenes for lending an ear, Paulo Betti for transformation, Christiana Cavalcanti for the dance of words, Miyoko for centering, Marina Sá for permanence, Marisa Monte for supporting the poetic beginnings, Carlinhos Brown for the poetic alphabet. Afonso Luz for philosophy, Didi Rezende for mastery, Zeca Cury for believing in the letters, Mia Lehrer for our family, Samantha Caldato for generosity, Chloe de Carvalho for all the affinity, Ana Branco for plenitude, to the Rippers for affection, Mariana de Moraes and Marilu for the lineage of friendships, Claudio Peixoto for the bearhugs, Camila Pitanga for the love of poetry, Walter Appel for believing in the book, Marcos Saboya for his ideas, Renata Seripiere for the emotion and metamorphosis, Mariana Ochs for her father and her role, Rodrigo Moura for his care, Sonia Barreto for the first meetings. Arnaldo Antunes for all the lyrics, Adélia Borges for the simplicity and amplitude, Antonio Bernardo for devotion and beautiful forms, Daniel Cywinski for all the waves, Iolanda Silva for thrusting me into the world of pedagogy. Vera Holtz for sharing the path with me, Rossella Terra Nova for the ancestral honeymoon, Wladimir Gasper for his compositions, Iky Castilho for the sound and good vibrations, Alex Forman for bringing the poetry to the world. Elisa Ventura, Camilla Savoia, Tatiana Louzada and Valeska Zamboni for the book's safe landing and to all who worked on this project and their relatives and to those who are relatives of their friends.



SUMÁRIO
TABLE OF CONTENTS

Manuscritos 20
Manuscripts

Jóias Cotidianas 214
Quotidian Jewels

Experimentos Visuais 284
Visual Experiments

Ambientes Pedagógicos 340
Pedagogical Environments

Legendas 402
Captions

MANA

POR HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA

Eu me assustei com a poesia de Mana Bernardes. Há mais de trinta anos como crítica de poesia, dentro e fora da universidade, fiquei ao mesmo tempo fascinada e paralisada diante dos textos da poeta. Pouco a pouco, fui entendendo o porquê. É difícil considerar a poesia de Mana como um fato simplesmente literário. Seu texto é, sem dúvida, belo, bem construído, e mostra um claro talento lírico e filosófico. Mas isso não basta. Fica claro para mim que essa poesia não se esgota no texto. Há um quê de plasticidade que invade e domina tanto as imagens dos poemas quanto sua realização caligráfica. Uma realização que não respeita as separações clássicas de palavras e ora se faz escultura, ora um fluxo contínuo e nervoso de letras e símbolos, ora nos leva a uma viagem por curvas às vezes envolventes, às vezes perigosas. Mas ainda tem mais. As letras e seu desenho inesperado não prescindem de suportes também carregados de significação e magia. É um papel finíssimo, ou encorpado, ou com cores leves ou com uma luminosidade agressivamente branca. Pentimentos poéticos. O texto, as letras, o papel, o traço da caneta ou do lápis pesquisados, de forma exaustiva, em suas possibilidades de textura, brilho, opacidade, ranhuras. O espanto e o encantamento por ver o fato poético ganhando vida e ultrapassando os limites do texto formal. Ao mesmo tempo, é bastante claro que essa é uma poesia para ser lida e se afina ainda mais quando acompanhada por sons instrumentais. Foi isso que vi e ouvi no lançamento de seus poemas impressos nas peças da grife UMA, de São Paulo. Um banquinho, um som e Mana, translúcida ela mesma, lendo em *sotto voce* o texto anotado em infinitos fragmentos de papéis, rolos, cartazes.

Intrigada, fui entrevistar a poeta. Primeira pergunta: por que o nome Mana? Primeira resposta: Mana, no universo indígena, quer dizer a magia contida nos objetos. Há objetos que possuem ou não possuem mana. Seria coincidência? Ou eu estava apenas fechando as peças de um quebra-cabeças? A entrevista prosseguiu por um bom tempo em um domingo à tarde, mas não vou reproduzi-la aqui. Dela, entretanto, ficaram alguns pontos esclarecedores. Mana começa o trabalho com a joalheria, muito cedo, aos 7 anos e logo percebe que não há criação (ou, no nosso caso, poesia) sem pesquisa e sem metodologia, esses sim o verdadeiro eixo criativo da grande arte. O ambiente próximo, à sua volta e alcance, descobre-se precioso. Sementes, retalhos, conchas partidas, escamas de peixe, sobra industrial, o universo dos cadernos escolares com a potência de suas fantasias e o prazer da caligrafia. Como quem não tem escolha, Mana investe em tudo. Torna-se profissional aos 12 anos, já com produtos distribuídos em lojas e grifes de prestígio. Aqui também o que Mana faz são apenas joias? Ou seriam interpretações poéticas e pessoais de seu entorno? Leituras radicais “da magia que emana dos objetos”? Novamente a pesquisa de materiais e a metodologia de utilização e recriação desses materiais são sua poética. Observo sua produção de joias recente mais de perto. Percebo textos esparsos em nomes de peças, embalagens. São os poemas que acabara de ler nos seus papéis. Coincidência

de novo? A poesia é a dominante. Parece não poder se separar das diversas práticas artísticas de Mana. Poemas flutuando dentro de joias, poemas sugerindo imagens no espelho, poemas inscritos em linha e seda, em roupas e acessórios. Poesia como método em sua intensa atividade pedagógica em ONGs e cooperativas. Poesia na superfície do papel branco. Enganosa. Como se fosse igual a todos os outros poemas de tantos outros poetas que passaram por nós.

É a partir do espanto e da admiração que tive de imediato, já no meu primeiro contato com a obra de Mana Bernardes, que estou totalmente seduzida pela possibilidade de trabalhar a publicação – obrigatoriamente sutil e inventiva – de seus trabalhos na minha área de afeição que é a poesia.

Heloisa Buarque de Hollanda é escritora, professora de teoria crítica da cultura da UFRJ e diretora da Aeroplano Editora e Consultoria Ltda.

Mana

by Heloisa Buarque de Hollanda

I was startled by Mana Bernardes' poetry. With more than thirty years as a poetry critic, within and outside the university, I was at once fascinated and paralyzed by the poet's texts. Little by little, I discovered why. It is difficult to assume Mana's poetry as simple literary fact. Her texts are, without a doubt, beautiful, well constructed, and demonstrate clear lyrical and philosophical talent. But that is not enough. It is apparent to me, that these poems are not limited to the text. There is some plasticity that invades and dominates the imagery within the poems as well as their accomplished calligraphy. A rendering that does not abide by the classic separation of words but makes sculptures of them, now a continuous and nervous flow of letters and symbols, now carrying us on a voyage through curves that are at times welcoming, sometimes dangerous'. But there is more. The letters and their unexpected design are not without material, also laden with meaning and magic. It is the finest paper, or the most heavy weight, or of the lightest colors or of aggressively white luminosity. Poetic pentimentos. The text, the letters, the paper, the pen or pencil's mark, exhaustively investigated for its textural possibilities, shine, opacity, groove. The surprise and enchantment of seeing the poetic fact come to life, surpassing the limits of the formal text. At once, it is sufficiently clear that this poetry is meant to be read, and that

becomes further attuned when performed, accompanied by instrumental sounds. This was what I saw and heard at the launch of her published poems for uma's designer pieces, in São Paulo. A stool, sound, and Mana, translucent, reading the text inscribed on infinite fragments of paper, rolls, and posters in *sotto voce*.

Intrigued, I interviewed the poet. First question: Why are you called Mana? First response: Mana, in the indigenous world, refers to the magic in objects. There are objects that contain, or don't contain mana. Is it coincidental? Or was I only placing the final pieces in a puzzle?

The interview went on for a long time on a Sunday afternoon, but I won't reproduce it here. A few points were clarified, however. Mana's work with jewelry began very early, at the age of seven, and she soon perceived that there was no creativity (or in this case, poetry) without research and methodology, these being the true creative axis of great art. She discovered that the immediate environment surrounding her and within her reach was precious. Seeds, cuttings, cracked shells, fish scales, industrial waste, the universe of school notebooks, with the power of their fantasies and the pleasure of calligraphy. Like someone without a choice, Mana invested in everything. She professionalized at 12 years of age, her products already selling in stores, and with prestigious designers. But, is what Mana makes

simply jewels? Or would they be a personal and poetic interpretation of her environment? Radical readings “of the magic that comes from objects”? Once again, her research into materials and methodology, her care regarding utilization and recreation, are her poetry. I observed her most recent jewelry production up close and perceived the sparse texts, giving title to the pieces, included in their packaging. These are the poems that I have just read in her papers. Another coincidence? The poetry is dominant. It seems as though it cannot be separated from Mana’s diverse artistic practices. Poems float in jewels; poems suggest mirror images, poems written in linen and silk, in clothing and accessories. Poetry becomes method in her intense pedagogic activity for ngo’s and cooperatives. Poetry on the white paper’s surface. Deceptive. As though it were equal to all the other poems by all the other poets who have passed us.

From the instantaneous startled admiration I felt in my first encounter with Mana Bernardes’ work, I am now fully seduced by the possibility of publishing this, her – necessarily subtle and inventive – work in poetry, my area of affection.

Heloisa Buarque de Hollanda is a writer, professor of Critical Theory and Cultural Studies at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), and director of Aeroplano Editora e Consultoria Ltda.

MANUSCRITOS

ARNALDO ANTUNES

As palavras que Mana Bernardes *desenhescreve* não são só palavras. Apresentam uma dança; eco do gesto da mão. Quando elas se aglomeram nos limites da folha (parecendo querer vaziar para fora dela), o bloco de escrita vibra como folhas de uma árvore que vibram ao vento.

Num tempo em que tudo se faz cada vez mais rápido, o apuro desses traçados opera uma ressensibilização da escrita. O sentido das palavras passa a depender de sua realização manual, assim como a voz também ressignifica as palavras no canto.

Às vezes a compreensão é fluente e imediata, mas às vezes temos que nos deter para decifrar. Assim, alternamos a velocidade da leitura, que acelera ou ralenta para acompanhar o fio do discurso. Quando nos deparamos com algum caroço de difícil decodificação, nossa atenção se volta para os aspectos sensoriais dessa escrita — uma letra que se alonga até a próxima, um vocábulo que se parte em dois no corte do papel, uma frase de palavras amalgamadas, um alinhamento deslocado, uma mudança de escala, uma letra que salta pra fora do contexto, ou treme com a repetição dela na linha de cima.

Dança de letras que se justapõe à linearidade da sintaxe, possibilitando leituras fragmentárias de palavras que saltam aos olhos sem ordem definida, sugerindo outros possíveis sentidos, para além dos textos que sustentam.

Ao mesmo tempo, grande parte desses textos é narrativa, construída pelos mesmos instante-gestos que as desordenam para gritar sua presença em tempo-espço, ritmo, movimento. Em um deles, o relato começa na terceira pessoa e depois passa para a primeira, como se a personagem fosse nascendo por meio da escrita, até incorporar de vez, assumindo voz própria.

“A mulher do oco sem fim”. “A combinada de mar e atordoada de resto”. “A costureira de desalinhos”. A “que vendia vodka escondida no meio das saias lá na Ucrânia”. Não há como não associar essa presença constante do feminino na prosapoesia-manuscrita (aquí essas bordas borram) de Mana, à sua maneira tão singular de grafar manualmente as palavras, lembrando as tradições de bordadeiras, costureiras, tecelãs de linhas e tecidos (ela mesma, Mana, artesã de joias e ideias).

“Vou como um cavalo embora seja mulher.”

Aqui a escolha das palavras, sua inflexão, o tom do discurso, a pontuação, tudo ocorre por meio do desenho manual de cada letra no papel.

“Vou para onde a caneta me levar.”

A sobreposição de transparências, o tipo e o tamanho de cada papel (amassado, milimetrado, envelope pardo rasgado) e de cada lápis ou caneta é incorporado expressivamente e insere diferentes formas de ler — seguindo o fluxo das linhas, obsessiva ou pausadamente, ou colhendo palavras que saltam do meio da massa informe de texto.

Mana passeia livremente da narrativa à reflexão, do rascunho de um ensaio ao projeto de uma instalação, de um jogo poético à anotação de um exercício educacional

— tudo se mistura porque cada coisa é extensão de outra em sua produção. Como seu texto se funde à caligrafia, suas joias se estendem à embalagem, ao material que recicla, à atitude de quem as modela sobre a pele.

Assim também os erros, manchas, garatujas, riscos e correções revelam o processo, a gênese de sua concepção e confecção, transformando o rascunho em produto final.

O resultado é que o verbal se poetiza por meio do código visual.

Não é uma poesia em versos. Tampouco reproduz o não verso dos concretos. Não é só prosa, apesar de ter narrativa. Não tem estrofes, métrica ou pontuação. Manchas de discursos se moldando aos limites materiais do papel. E, no entanto, se faz poesia, sim, capaz de: “agradeço aos detalhes por se prenderem ao meu olhar”; “me esperei em você”; “como pedra olhei fixo, mas as borboletas passaram”; “perder o oco e achar a linha”; “o desengonço ficou buscando roupa”; “sai de mim, história”; “sua voz era baixa e seu olhar era longe”; “atrás do todo dia”; “um silêncio muito grande fazia até as nuvens pararem” (não resisto a citá-los, apesar de quase me sentir cometendo um insulto, ao transpor esses trechos de seus escritos para os tipos digitais dessa era pós-gutemberguiana, como se separasse corpo de alma).

Como Arthur Bispo do Rosário, Gentileza, ou o Waly Salomão dos Babiliques, Mana criou um alfabeto próprio, que mantém um padrão básico, com variações de extensão, espessura, curvatura, ângulo, tamanho e disposição das letras. Com esses instrumentos, sugere ritmo e movimento, ligando a visão à percepção tátil.

Com delicadeza ou voracidade (do “escrevo cada letra com medo e quando a palavra acaba me encorajo e outra vem” ao “vou para onde a caneta me levar”), Mana Bernardes instaura uma dimensão de afeto à linguagem verbal — “no ápice de um vocabulário, encontrar as palavras e trazê-las num berço para aconchegar os signos” — que nos reeduca a ler, para reaprendermos a ver.

Arnaldo Antunes é poeta, músico, escritor e artista plástico.

Manuscripts

Arnaldo Antunes

The words that Mana Bernardes uses to *designscribe* are not just words. They represent a dance; echo of a hand gesture. When they fill up a page (seeming to want to spill over the edges), the notebook vibrates like leaves on a tree rustling in the wind.

At a time when everything happens with increasing speed, the neatness of these tracings produces a rethinking of the written word. The meaning of these words depends on their being hand-made, just as the voice reassigns meaning to the lyrics in a song.

Sometimes, comprehension arrives fluently and immediately but at times, we have to slow down to decipher meaning. So, we alternate the speed of our reading, accelerating or decelerating to accompany the thread of the discourse. When we come upon some kernel that is hard to decipher, our attention comes back to the sensorial aspects of the written word — a letter that elongates until it touches on the next, a term that splits into two on the fold of the page, a phrase of amalgamated words, a dislocated alignment, a shift in scale, a letter that leaps out of context, or trembles with repetition from the line above.

A dance of words that are juxtaposed in the linearity of the syntax, facilitating fragmentary readings of words that jump to our sight in no defined order, suggesting other possible meanings beyond the texts that sustain them.

Simultaneously, much of this text is narrative, constructed with the same instant-gestures that disarrange it, so that it screams out its presence in time-space, rhythm, movement. In one of the texts, the story begins in the third person and then moves to the first person, as if the personage is born out of the writing, takes on body, and then assumes its own voice. “The woman of the endless hollow.” “The combining of the sea and the dizziness of the rest.” “The seamstress of untidy lines.” She “who sold vodka hidden between the folds of skirts back in the Ukraine.”

There is no way not to associate this constant female presence in the prose-poemanuscript (here the borders blur) that Mana weaves together, to her own unique way of penciling words, which is reminiscent of the traditions of embroiderers, seamstresses, weavers of linen and cloth (Mana, herself, an artisan of jewelry and ideas). “I go like the horse, though I am a woman.” Here, the choice of words, their inflexion, the spoken tone, the punctuation occur when each word is hand drawn on the page. “I go where the pen takes me.”

The layering of transparencies, the type and size of each piece of paper (crumpled, lined, torn brown envelope), each pencil or pen is expressively incorporated and informs a different kind of reading — following the flow of the lines, obsessively or with pauses, or reaping words that leap from the middle of the text’s amorphous mass.

Mana passes freely from narrative to reflection, from the outline of an essay to an installation design, from a poetic game to notes on an educational exercise – it all mixes, since each is an extension of the other in her work. How her text fuses with calligraphy, her jewelry extends to the packaging, to the materials she recycles, to the attitude of those who model the jewels on their own skin.

Thus, the errors, stains, scribbles, scratches, and corrections also reveal the process, the genesis of her conception and confection, transforming the sketch into a final product.

The result is how the verbal poetizes by means of the visual code.

It is not poetry in verse. Nor does it reproduce the non-verse of the concrete poets. It is not just prose, despite having narrative. There are no stanzas, metrics; there is no punctuation. Stains of discourse mold themselves to the material limits of the page. And, meanwhile, it becomes poetry capable of: “I thank the details for fixing themselves in my gaze”; “I waited in you”; “like a stone I stared fixedly but the butterflies passed...”; “lose the hollow and find the line”; “the ungainly kept searching for clothes”; “take leave of me, history”; “her voice was soft and her look was far away”; “behind every day”; “a echoing silence made even the clouds stand still” (I cannot help but cite them, even though I almost feel that I am insulting her by transporting these handwritten pieces to digital typeface in this post-Gutenbergian era, as if separating body from soul.)

Like Arthur Bispo do Rosário, Gentileza, or Waly Salomão dos Babiliques, Mana creates her own alphabet, maintaining a basic pattern, with variation in word extension, width, curvature, angle, size, and disposition. With these tools, rhythm and movement are suggested, joining vision to tactile perception.

With delicateness or veracity (from “I write each word in fear and when the word ends, I take courage and another comes,” to “I go where the pen takes me”), Mana Bernardes restores a dimension of affection to verbal language – “In the apex of a vocabulary to find the words and bring them in a flying cradle to snuggle from each corner the significances”– so that we are re-taught how to read, so that we can learn again how to see.

Arnaldo Antunes is a poet, musician, writer, and visual artist.

Se o que eu

A costureira dos

Desatim

RINHA, LOVEJAS ROUPAS

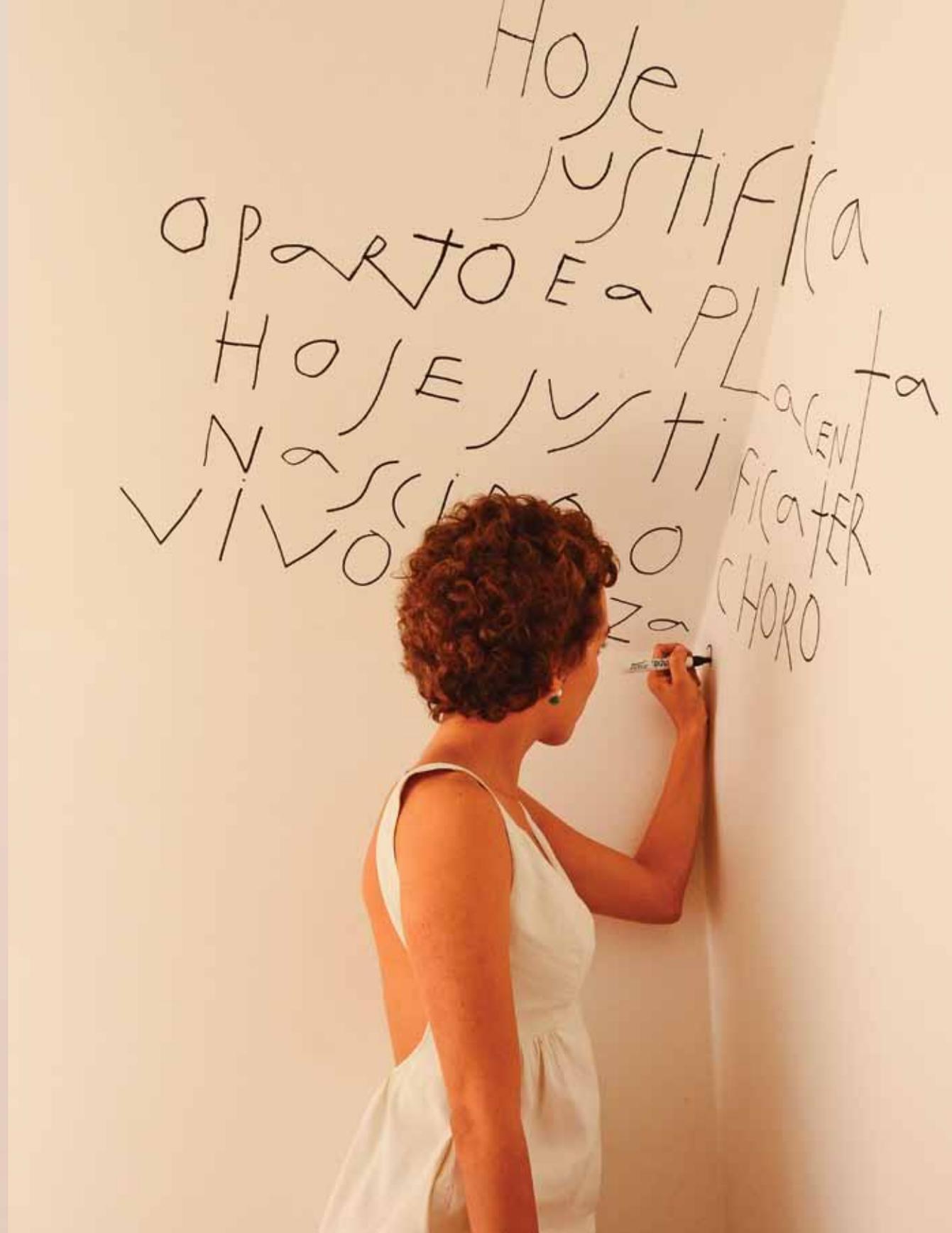
ESTRADA

... (part of a larger handwritten note on patterned paper)

— A MUND
E SCRATA
E B q u a s e m j a n
P R A t é o B A m h e l p
U m m o n t e d e c o l
E O v a n d o P A R a v o
E P A a l e i s j o m
E P M O a r q u e
E M o - O a t P N e
o C é u m o s t r i p l
C A t o e s p o s t e r
C A p a n t e P P
E P A C o i t (F A L T A
E F A V o J M
E H o s E
v e z o c o m t e
M A v a c o m t e
t a v a c o m t e

V o l a (H a p t e)
t e m o i n q u e r a
V O L T A S R E S O L T A
F A L O A R S O M E
C o l f a

... (part of a larger handwritten note on plain paper)



Hoje
justifica
o parto e a placenta
Hoje justifica
na vida o choro
Vivo e a bolsa que
estou e a bolsa que
o leite mamar
deram dentes
sem gripe mas
por ter vividos
e pronto
justifica
seja o que for
nascerido

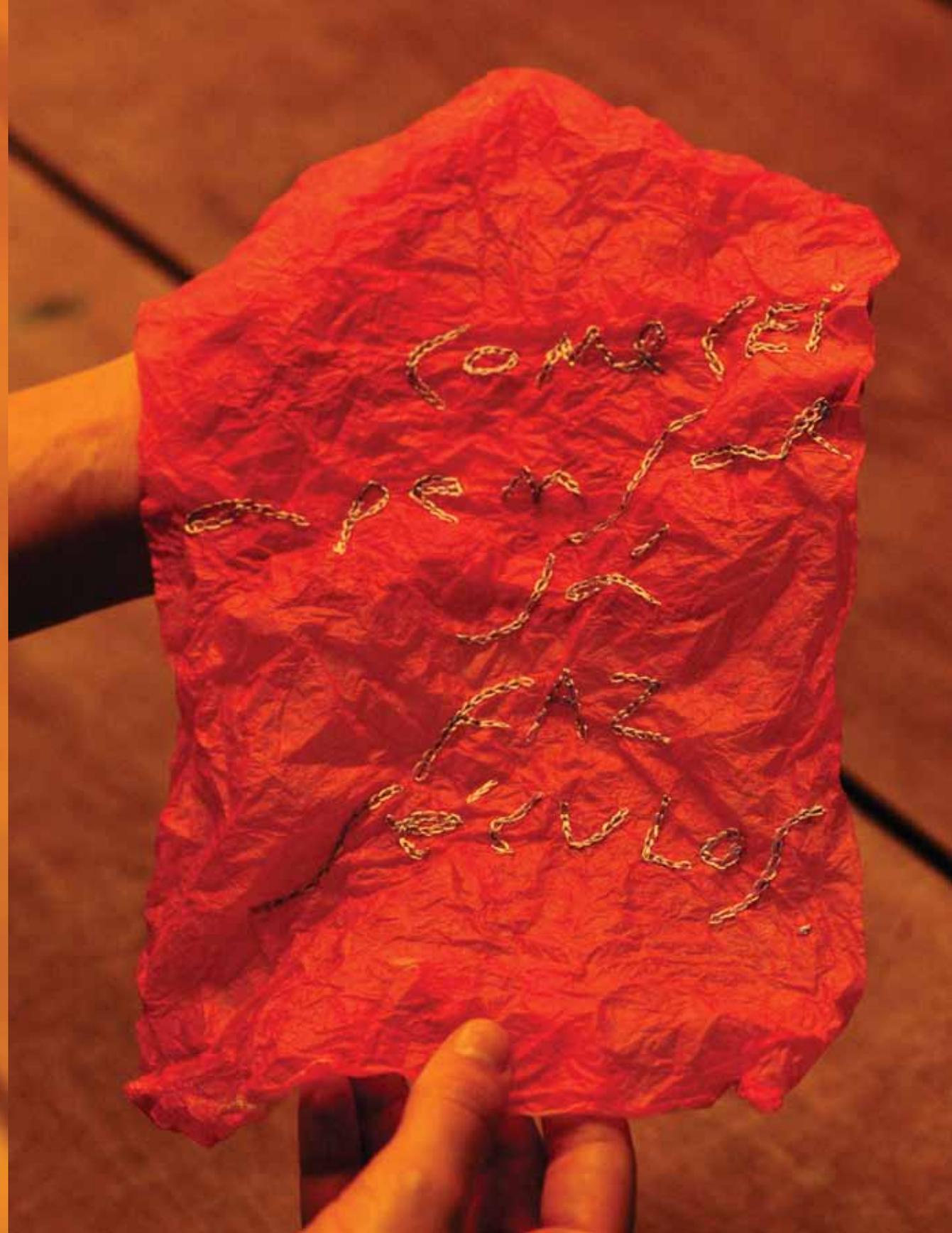


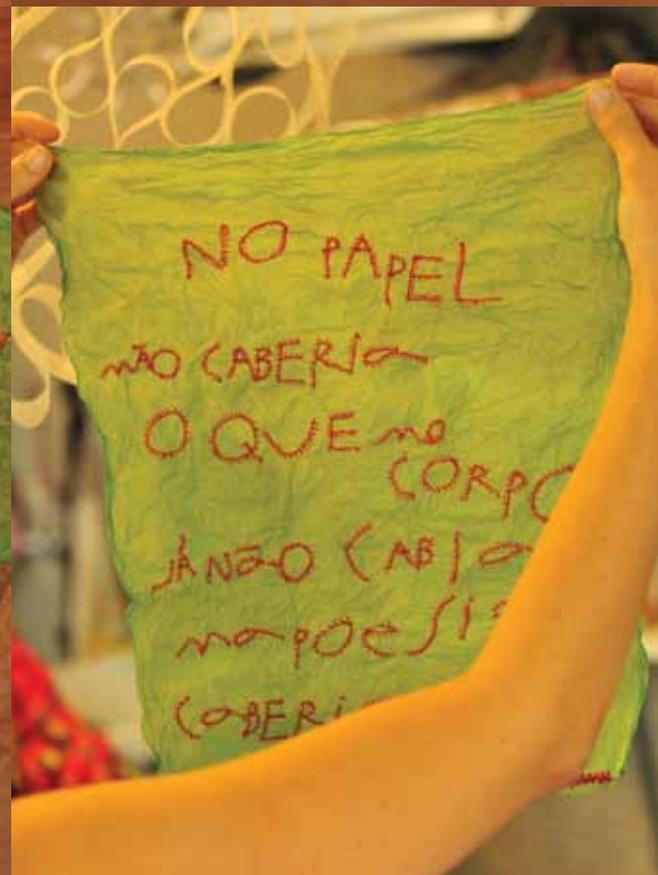
WOLVUS.COM

© 1999

©







NO PAPEL

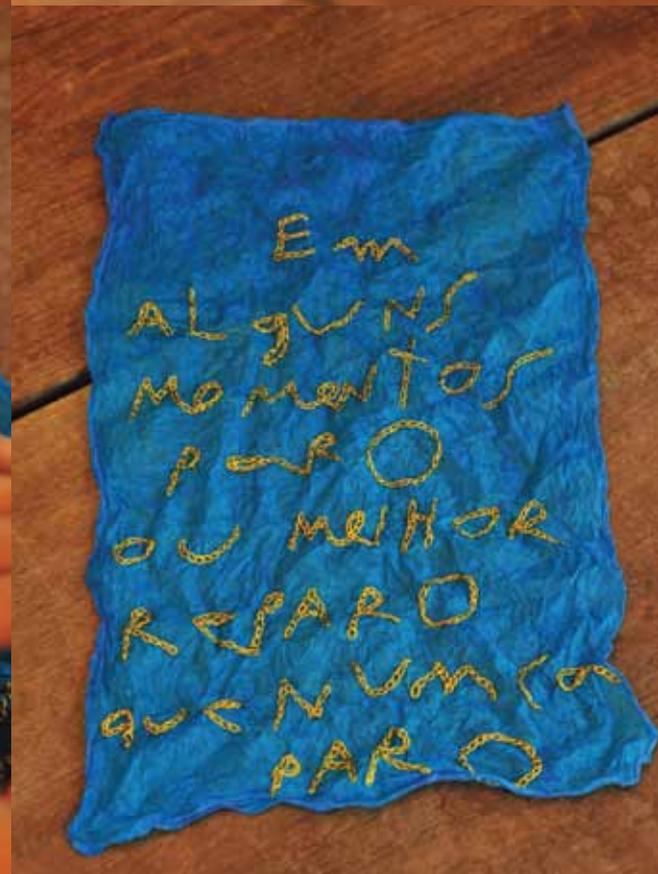
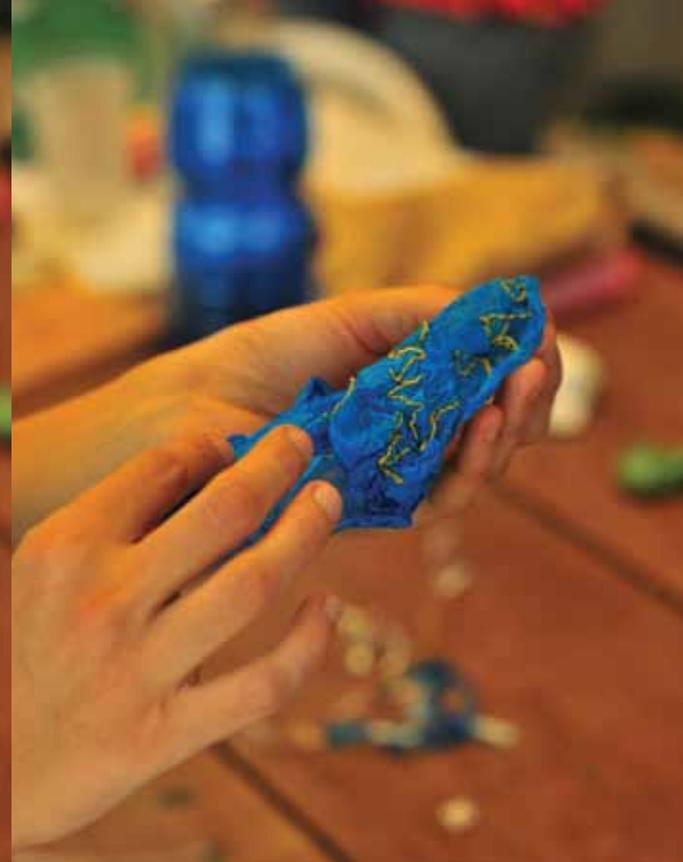
NÃO CABERIA

O QUE NO
CORPO

NÃO CABIA

NA POESIA

CABERIA



A MILIO MIRA
 COM LINDA
 COM SUSTIRO
 DE ALIVIO
 PELO CORPO
 SABOREJA
 E TEM CART
 DE PASSAGEM
 DE VERDADE
 E NÃO É ANDARILHA
 E NÃO É
 PASSO
 EM VINDO
 ONDE
 TUDO SEM VENTO
 ENTA
 LA NOITE
 FALSO
 DE ANHORA
 EN AVANÇADA
 COM PRIMEIRO
 CURTO VENTO
 JA NUNCA
 NA ANTONDO O BOM
 É BOM
 NA PEDRA
 ANO E JE SUAS
 QUE VESTIDA
 QUEM QUE DE
 ALI É HOJE
 COM O OHO
 EM SIKEN
 MANDEI
 E MEU
 E TEM
 VOI
 HOJE
 HOJE

NESTE PAPEL
 ERAM FLORES
 DE LÍLIOS
 PERFUMADOS
 E ABERTOS
 COM TANTO
 AMOR
 CONFESSE
 QUE ME EMBRIQUEI
 FIQUEI FRÁGIL
 COMO ESTE PAPEL,
 QUE TODA HORA
 PARECE QUE
 VAI ROMPER
 E ROMPE UM
 POUQUINHO,
 MAS É MELE
 QUE EU ESCREVO
 CADA LETRA
 COM MEDO
 E QUANDO
 A PALAVRA ACABA
 ME ENCORAJO
 E OUTRA
 VEM.



AGRADEÇO
 OS DETALHES
 POR SE PRENDEREM
 AO MEU OLHAR.
 NELES POSSO
 ME VER
 DENTRO
 DA RETÍCULA
 DE VOCÊ.
 HOJE
 COMO PEDRA
 OLHEI FIXO,
 MAS AS
 BORBOLETAS
 PASSARAM
 COM SUAS
 SUAVES
 ASAS DE
 SUTILIDADES
 CINTILANTES
 POR SEREM
 ELAS MAGNÉTICAS
 AS FLORES.
 BOA NOITE POEMA
 VOU DORMIR
 PRA PARIR MEU
 DIA EM SONHOS.

ME ESPERO
 EM VOCÊ
 FUI ATÉ
 OS MURMÚRIOS
 DO CORPO
 COM OS PÉS
 NA LAMA
 E OS BRASOS
 A CATAR M
 VENS, VOCÊ
 CHEGOU NO
 TEMPO
 DAQUELA VOLTA
 RESOLVI
 FALAR SOBRE
 MIL COISAS
 VOCÊ PERENE
 FOI MAS GOSTA
 EM AVANTO EU
 FALAVA, MAS
 QUEI SEU
 OLHO ESTE
 TROUXE
 PRA FICAR
 COMIGO.
 NA PEDRA
 APERTADI
 NHO O QUE
 TINHAMOS
 ERA DE EQUILÍ
 BRAR.
 ...NWA

1

Uma Mulher muito bonita
 Fica a Virgínia
 Um tempo mais um tempo para de Pólvora
 Para um minuto e como essa
 Plagueira e ela faz a varalosa
 Nas flores e ela paga tanto de nozes e fita com elas
 Num gozou (aquele via de guerra)
 Permitiu ao seu marido como prostituta
 tirando a castidade e deixando no bolso de seu falatório para a quantidade

Graciosa nos as roupas que ella podia e as roupas
 E a roupa para o marido
 Compeadidas por nascimento de a dependência da mãe
 Leu a se a colega de la na ca do mundo
 Será que a ja gozou
 Digta me que a em HUBA MAKA tinha um R. O. m. s. a. a. l. l. a.
 Na da judeu o poppe
 seu cabelo era R. M. I. N. G.
 e até em o da me a se a a l. l. e. d. a. v. a. d. o. c. e. a.
 for a se r. f. a. d. o. b. e. l. a.

2

na trem na se conseguia para de meter como os dedos
 Ela ventia a KA escondia no meio das saias (ela na VIRGÍLIA)
 Ele na se aguçou e eles se encontram na p. l. o.
 e g. a. t. i. n. g. a. d. i. l. i. l. l. o.
 e p. a. m. a. l. i. z. e. s.
 ela Filizina Bagajeta de navio

N. no p[ro]prio terreno
uma mesa
fimcada
A. sol,
fundo
passa
trás
é p[ro]nto
na frente
estrada.
é a obra
franc
muito
de fato
muito
na realidade
colhiamos
vegetais
na realidade
colhiamos
vegetais

EM CONSCIENTE
VAZAMENTOS
CONSTANTE
PESOSINEL
DE A ESPERA
DA CABANA
SAGRADA E
VERTICAIS
ARRETO
DA BARRACA
A FASE JIM
ENROLADA DE FATO
VATAVA
PRENDENDO
MANTENHA
NA REAL
DADA HORTA
COLHIAMOS
VEGETAIS

MAQUETA PARA ELA
mesa
presente.
envolta
de 4 árvores
serviamos
de vida
com verjel
com muita
gente
do ultimo
fiz o vir
mesa
em frente
a ela
trazia
barbas

FAZ BAILARI
mas do nada
CIA CO
ARMAJO
FAZIAM
NUMEROS
CINTILANES
DE MANTA
antes no
da escola
de JE JUM
ERA MUITO
DE MANEIRA
MOVIMENTOS
DE FORÇA
ESTO RÁPIDO
NOS ATRAZA
LHA VAM
NO CIRCO

Muito sempre
amigas
do meu
pai

~~Alto~~
nos movimentos
de dentro
EQUILIBRAVAMOS
AS LOUCAS
DO QUINTAL
PRA COZINHA e
DA COZINHA
PRO QUINTAL
POR ÚLTIMO
A TOALHA
SOVA
PROS OLHOS
AS MARRAS
ELAS
BRIGAVAM
ALTO

NA DISPUTA
DAS SEMENTES
E a gente
JÁ SE AFAS-
TAMAO
E o NOSSO
PAI
NO PIANO
EXAGERADO
FAZIA o
AGRADO
AO TUCANO
ÍNTIMO
AS TECLAS
E SE VAM q
E A MESA
DA PORTA
CRA VISTA

~~Alto~~
depois
AO CORREDOR
POR ENTRE
AS PORTAS
POR CIMA
DO PORTÃO
ATRAS DAS
FOLHAS.

A COSTUREIRA DOS DESALINHOS

NÃO ERA ATORADA
COMO DIZIAM
ERA NECESSITADA
DE FICAR EM FRENTE
DE MIM E ENTRE
O MAR
DE OITAVAS
COSTURAVA
COM FIO
O CABELO, O CRINA,
O CORDA, O LINTHO
E DE OIRO
SOBIA DO OS TÊCIDOS
E JONHVA NOS AMOLTAADOS
RETAHOS ONDE DURMA
TODOS OS SORTUDOS
PEDIAM A COSTUMEIRA
ELA MEDIA NO CORPO
E FAZIA POR AMO
5 RUPAS
E TRÊS COLHAS
SE TIVESSE AFIM
PORA COMPLETAR
COM MAIS
UMAS MANTAS
E TAVES E CHALAS
PRA CHEGAR AHA
TOM QUE SER
INDIADO
ELA CONSULTAVA
E MEDIA
MUITOS
HOMENS
ESTAVA DE COSTURAR
PRA ELES
MAS ESCOLHIAS
E NÃO FAZIA
NECESSIDADE
INTERPRETAVA SINTS
FAZIA UM, DOIS, TRÊS
VÁRIOS
QUANTO
NECESSARJOS
OS ENCONTROS

DE FRENTE PRO MAR
A (EU ABERTO
TINHAVA QUE ENTENDER
A DSA LINHOS
PRA TE (ER, TE (ER,
TE (ER PEGAVA A
LINGUA DO SAIATO
COM A (CUPULA DO
ABA JOUR, MILIMETRAVA
TUDO QUASE PUA
PEDIA RESTOS
ELES DIXAVAM
DO OZARIO
OS LENCIS
DEIXADOS
DO ULTIMO
ENCONTRO
DORMIRAM
EM (HIA ROSA
5 MOITES CLIMO
DIAS REMOVANDO
PIGMENTOS DA ALFATA
FAZIAM VERDES
SUAS ASSISTENTES
VINHAM TODAS
DA AMAZONAS
O OZARIO TINHA UM
NÓ NA GARGANTA
ERA ATLETICO MAS
NA VOZ ERA BAIXA
E SEU OITAVAS ERA LONGE
MAS ELE ERA BEM
SUCESSIDO
DAS IDEIAS
JÁ TINHA
REALIZADO
UM MUSEU
E DUAS ESCOLAS
ME VISITAVA
MÁS DE UMA
NOVA ROUPA
PRA VESTIR A VEZ
SEU PROJETO FOI
A MUITOS MORGUINHOS
OSAL NAS SUAS GRAVATAS
VELHAS FOI TÃO OITAVAS
QUE FEZ CESTIM VILAR SEDA

das gravatas MAS CEM
FIBRAS E LA PAE (SIVA
NUM (HIA E (OP (HIA
DOS LENCIS FIZ DUAS
CAMISAS TAMBEM (A
A (HIA COM BOTÕES
A MADRE PÉROLA
DO AVE TINGI DE ALFATA
FIZ COM O COURO DO SAIATO
APATE INTERNA DA CAR
TEIAPRA PROTEGÊ-LO
DAS METAS E DO AVE TI
MHA A MAIS DOS LENCIS
JUNTEI COM UMAS SEDA E CA
MISAS E BORDEI A FEMAS
O ESSEN
SUS
TENTA
DO
POR
SOMTOS
FICA
BORDEI NOS PUNHOS
E ENTREGUEI PRO
OZARIO O HOMEM DE
MAR (O ABRIL OCHA
TÉ, AS 2 CAMISAS, A
CARTEIRA PROTEGIDA E
O PIJAMA BORDADO

COMBINADA DE MAR
E ENTORNOADA DE RESTO

SOLTAR SONSORILINDOS
ONDE NÃO DEVE
CAMINHA A ERMO
TENDO HORA PRA CHEGAR
MÃO SABE DAS HORAS
ENÃO COMEUVAR
FAZ FI LA PROS OUTROS
DEMORA A ENTENDER PIADA
VERDE DE OITAVAS
COMBINADA
DE MAR
E ENTORNOADA DE RESTO
VOLTA E MEIA TINTA DE
SER INTERNADA NO MAR
ERA NECESSARIA A ESPERA
DE UM ÔNIBUS
QUE NÃO EXISTIA
PRUM LUGAR QUE A ESPERAVAM
ATÉ O TRÂNSITO
FECHAR
E ELA ENTREGUE AO VENTO
MEDROSA DE CARINHO
E DEDICADA AO ERMO
COM CONVICÇÃO
QUE OS DESALINHOS
ERAM TOCADOS NO RÁDIO

FEZ 3 MUSICAS DAS AAVORES
DE LETRA E DEU STAR
NUM ENVE ELA A TÃO
LOPE BORDADO MOLHADA QUE
PRUM POP STAR SE SEM JOU
DO MOMENTO, E FLOU QUENTE,
BORDOU O EN AVENTE, QUASE
VELOPE, O TÊCIDO, FEBRIL E COM
FEZ UMA MANTA A BUCHA
COM A MUSICA RUBRA
E LETRA. CENTAL
O POP STAR TAR
SE COMO VEU OS PENSAMEN
COM A A TOR TO, ERA
POADA IMPASSIVEL
DE RUA, PARECIA QUE
E FEZ UMA TUDO
CARTA-PES FEZ VIA
POSTA EM CIMA
CHAMANDO DO PIANO
PRA A CONHECER ELE TINHA
ELA PERDU OS MANHOS
TAR ÔNIBUS, E AS CAR
LATA, HIA DE
CHOUV LETRA;
NA HORA PRA PEDIR
MAS ELE SE ELA
ESTAVA PODIA
PRESENTA A JUVA LO
DE PALETÓ APAZOL
E ROSA O SINK
NUM PIANO DE LETRA
DE ANARJO COM MUSICA
DE SONDALIA QUE ERA O NO
NOS DEBOS E TI VODO ENON
CASA DE SER TAO ELA
ELA FEZ SWEET RECVOU
ELA FEZ SWEET ELA FEZ SWEET

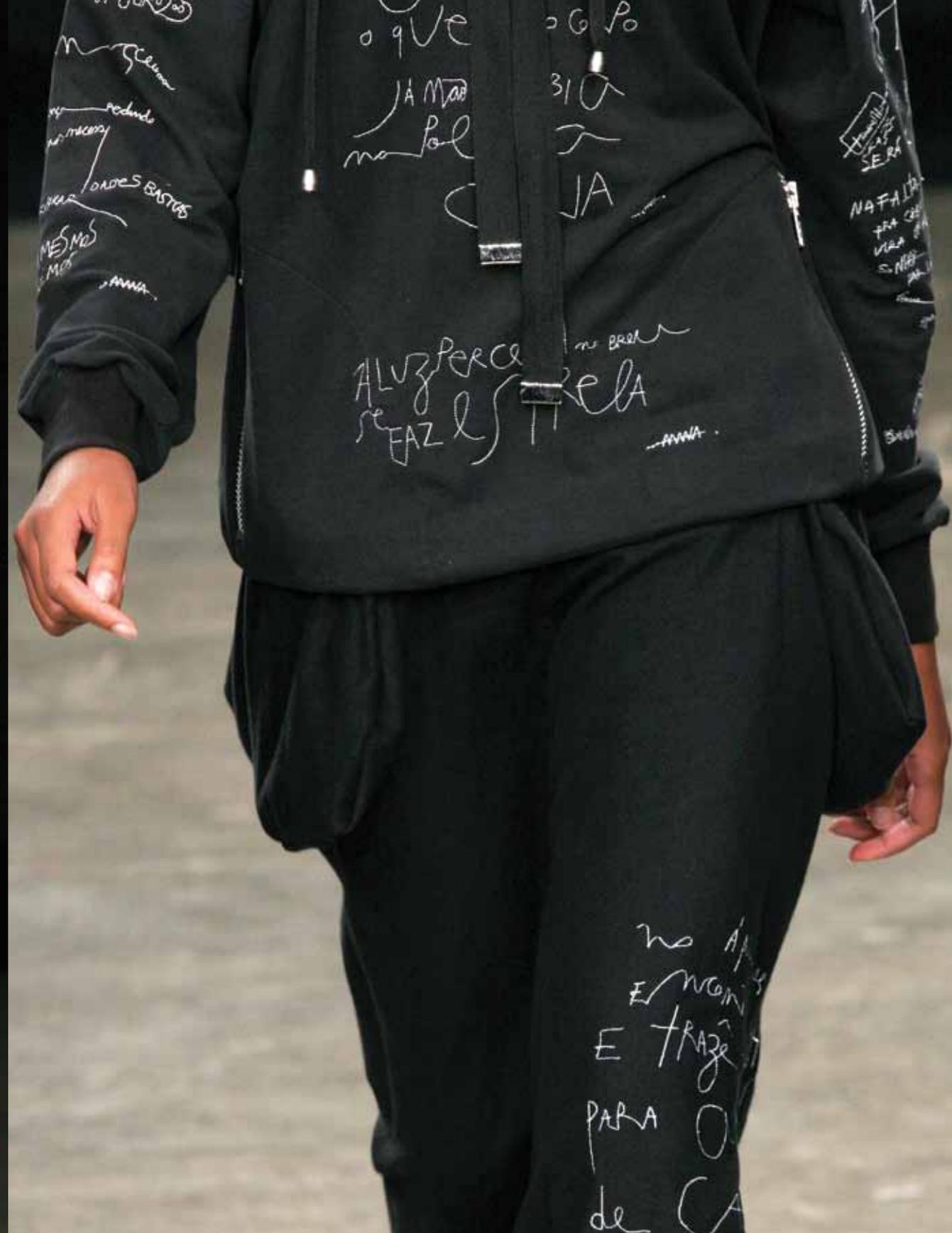
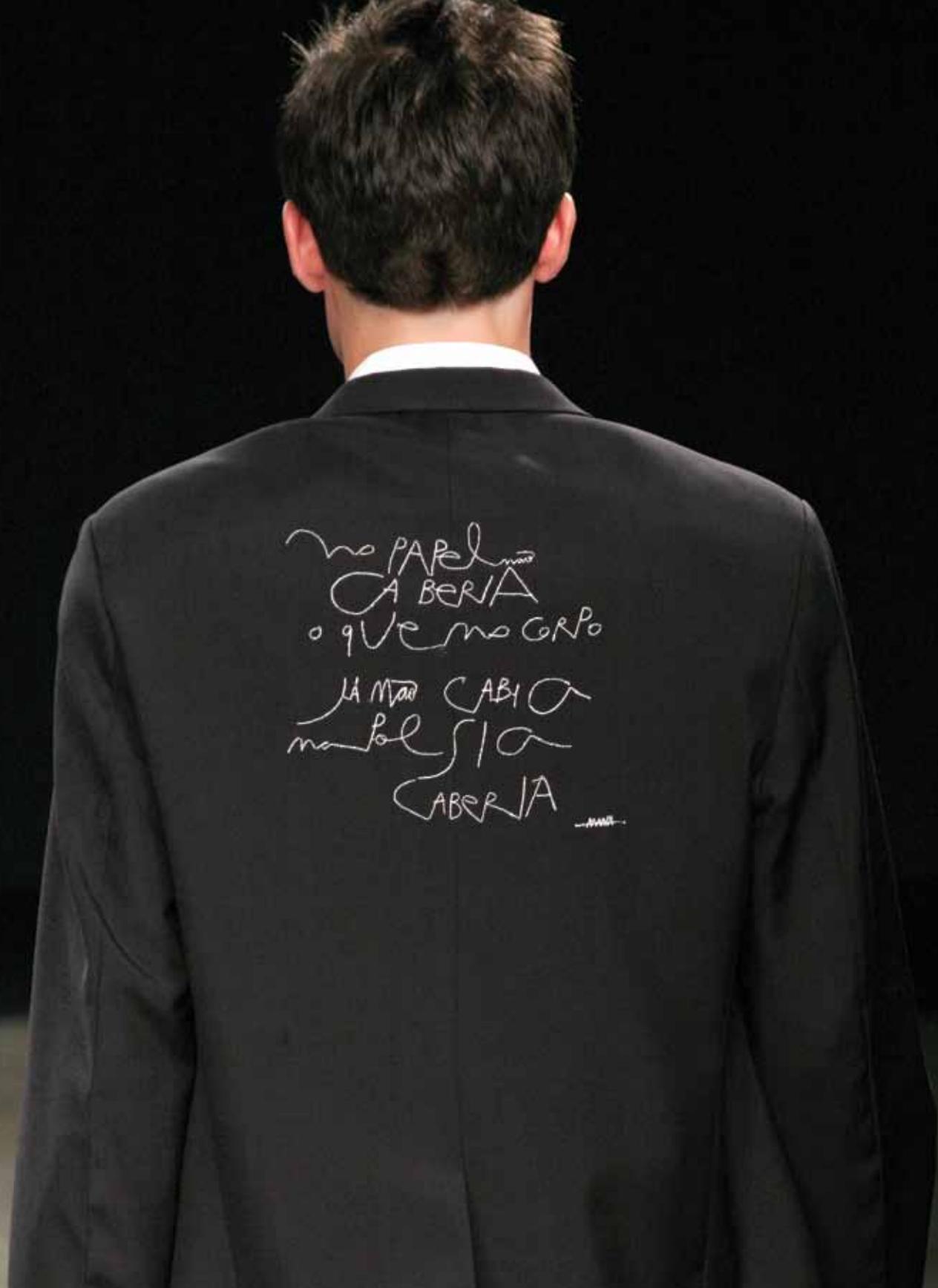
O HOMEM PRESO NO MEDIEVAL VAL

A janela era um retângulo igual a de tão longe, e alta do chão.	de um metro do tempo de parede esse cavada, pulava salvo presente aí, lia	O LINE MA
O homem diariamente se apoiava em muitas de livros até lá.	para ficar recolhido na sua única janela.	DA LUZ AS DIREÇÕES E O MÃO MÃO
Ele ia a altura daquele retângulo encrustado na parede grossa de pedra, óculo de baleia	ali, conferia conferia apa imagem por detrás das montanhas, ia até onde vinha a LUZ	PARA QUAL SERIA SEU LI VRO DIA ALI AGR DAVA, DESCIA
E barro. para isso antes, um feixe de LUZ vindo de lá acordava ele com projeção do dia na sua estante gigante de livros	E virava para onde ela era fazia o foco, projeção ELE RECOLHIDO pela janela encrustada, OBSERVAVA O QUE ACADA CICLO DE LUZ ACONTECIA DE FOCOS, PROJEÇÕES, FEIXES E NESGAS.	MÉ O CHÉ POR MUITOS METROS DE DISTÂNCIA E PER SEGUIA O FEIXE COM O LIVRO NA MÃO TINHA PAS SADO ANO PRESO, SEM, E APOIA ERA PRESO, COM LUZ!
no E para conferir o atrás das montanhas da onde vinha o tal dia essa escalada existia. E ao apoiar os braços na	ALI RECOBIA	

TODA CORAGEM É UMA ESCANTA

O desengano ficou buscando paupa. a mulher continuava a botar E O CÉU ERA AMP de todos. DESASTRE VEM DE SEM ASTRO.	A meio centímetro do ALTAR PLANTARAM O CAPOÇO DA NUVEM gozando E CASARAM
O casamento dos sentidos VELO DE TREINO. dois centímetros a beira do altar FONTOU LAVANDA EXTRAIRAM ELES O SEU DA PLANTA. PARA PODER CASAR	
tinha que tor cheiro u AUM centímetro do altar FONTOU SABOR BUSCARAM A NUVEM gozando TROUXERAM LITIA CHUPARAM POR ALGUNS SEGUNDOS MAS NA VERDADE SEM NINGUÉM PERCEBER	





... ~~MANIA~~ .

MANUSCRITOS

O que é IN, vento sai

SOBRE
a forma sei
que detesto
ideia
fixa.

CONTAVA COM O CÉU PRATUDO

LUGAR
que E m^ão
EXISTE
E PR A O m^ã
EU VO
QUANDO PRECISO
CRIAR
LÁ
TUDO
PASSA.

AMILIONÁRIA AUSTERA

CAMINHA LINDA
COM SUSPIRO
DE ALÍVIO
PELO CORPO
SABOREIA
E TEM CARA
DE PAISAGEM
DE VERDADE
ELA SAI E
ANDARILHA
AESMO
PASSOS SÃO
EM VIA
DUTOS ON
DE ENTRA
MHA TUNEL
SEM VENTO
E VOLTA
JÁ À NOITE
SABE SER
DE BANHEIRA
EM LAVANDADA
CUMPRIMENTA
A LULA

CURTE
O VENTO
JÁ BRISA
NADANÇON
ONDE O,
BAILE É
BRANDO
NA SEDA DE
SUAS FÁBRICAS
A NUDEZÉ
SUA MESMO
QUE VESTIDA
POIS SUAS SAIAS
SABEM
QUE DEVEM
FLUTUAR
ALÍ É HORA
DE SEU
PAR ELE
CONVERSA
COM O OIHO
NADA DIZ
SÓ PRO
CIAMA
EM SILÊNCIO

UM CHEIRO
DE MAMJERI
CÃO INVAADE
A PISTA
E ELAS
ENTRAM
NA MÚSICA
DE MERGU
IHO ELE
CONTA DOS
PEIXES
E TEM
CARA DE
VELEJA
DAS FAZ
PARA ARquite
TURAS EUSO
MHO NO
MEIO DO
PASSADO DE
UM LADO PARA
O OUTRO ELA
TROPEÇOU
E ELE SE
GUROU MUITO
BEM

UM SILÊNCIO MUITO
GRANDE
FAZIA ATÉ AS NUVENES
PARAREM.

MAD ¹ COMPREENDE SÓ (É
COMPREENDE.

pequenos gestos
são ENORME
MENOR
quando se está
EXAUSTO.

É como	só disse	Já é dia
se eu	que dissolve	tal mormaço
pudesse	cansei	meio cinza
DORMIR	de ir	prateado
as His	Longe	pássaros
tórias	MIE	calmos
do sonho	volta	camã
e acordasse	praperto	MARAMINGO
AVESSA	+ Ôna	das serejas
SÓ AO	CAMA	Mangas
LÁPIS	a CABEIR	FIRMES
VARETA	DE DORMIR	mas
do mestre	MEUS	manguel
em frente	sonhos	mas
ao oceano	PRECISO	ras
onde	de um	MÚSICA DO
os ventos	LÁPIS	MUNDO MES
os do céu	MAIS	TEPED AÇO
as cores	do que	o que
são azuis	deles	antes
no de repente	PA CORAGEM	É AGORA
CINZA	DE UM	aperto
RE LÂMPAGOS	PAPÉL	MACIO
ATROPELAM	que faz	

Na gargalhada	EAM	colher
dos bambus	que colhe	fibras
à cestaria	frutas	Não que
onde	pois	o cesto
o vento	aqui	sem dura
faz barulho	Não há	são por isso
e o chinês	espelho	recorro
suas	e eles	ao tempo
moradas	são	certo
parecem	da onde	da colher
gargantas	estou	ta eles
vegetais	vou	sabem mas
olhos	verneles,	voltou pelo
instrumentos	o que há	mesmo
desapros	sempre	céu de
fincados	pança	sabedoria
vou ao	há de haver	e mar
moço	amanhã	descontar
que	vou me	cimento
faz cesto	curvar	só olho,
	pois será	no olho é
	noite de	alento
		no meio

DESTA
IMENSIDÃO
ACORDO
PRALER
OS gestos
DABONHIA
PIENNA
DE BRISAS
EMBAIXO
DO MOSQUI
TEIRO
TÃO
SINGELO
E IMPERIAL
QUANTO
AS
FLECHAS
DA CONQUISTA
ESTAMBORES
ETERNOS

COMO
ACORDAR.

No PAPEL

Não
(ABERIA

o que No (CORPO

Já não ABJA

Na poesia ABERIA.

O QUE NÃO VEJO É
TEMPO

ALUZ
PER (EBIDA no BREU
SE FAZ ESTRELA.

apenas o essencial
sustentado por sonhos e ficção.

UM DIA TI ~~N~~ HA UM HOME
MEJO CASCU DO
COMO CASCO DE TARTARUGA.
UMA MULHER NÃO SABIA
O QUE FAZER.

O DIA DE HOJE ERA UM
DIA AMARILHO QUE ELE DESPER
TAVA SEM DAR BOA DIDA
ELA FOI E MANDOU
ELE PASSAR

ERA SOL, SO ZINHO FOI AO
JARDIM DE UM PAR QUE
PASSOU DESPERADO
SEM PERCEBER TROPEÇOU
FOI PARAR EM CIMA DE UMA CRI
ANÇA QUE FALOU VOCÊ JÁ FEZ CARINHO NA
TARTARUGA

O Desemprego
FICOU BUSCANDO
ROUPA.

por que você
COLECIONA Vasos?

-PORQUE
ELES CONTÊM
VAZIOS
QUE ME AJUDARAM
A CRIAR VOCÊS

EM
ALGUNS
MOMENTOS
PARO, O MELHOR,
REPARO.
QUE NUNCA
PARO.

MÃE,
PROCUREI PRA VOCÊ UM PA-
PEL QUE RESPIRA, COM ESTRU-
TURA ABERTA E APARENTE.
PRA ACHAR VOCÊ TIVE QUE
IR NESTE PAPEL. NELE PER-
DI^{DI} TEUS COM SENTIMENTOS,
E PUDE DECIDIR AS PALAVRAS.

MÃE,
VOCÊ É UMA MULHER (HEJA
DE MUNDOS E SEU PASSEIO
PELO UNIVERSO DE CADA
PALAVRA ME FAZ
TER CUIDADO COM O
MEU PAPEL.

Um punhado
de opções
é super perigoso

NÃO OMITO
O VOO QUE
FAÇO PARA ANDAR
NA LINHA
MAS PRESTO
ATENÇÃO
nos gestos
E sei que
PRESTO.

come(EI
apensar
já
faz
séculos.

SEXO,
NÃO
FOI

FALADO
NEMHUMA
PALAVRA,

CABERJIA
aquele

Orgasmo
único,

que me fez, que te fez,
que gera.

Uther Passarinha
LAVEI AS ROUPAS ATÉ (LAREAR
NO BEIRADO AQUELE DE ERRESOLVI
QUE HOJE IA CORTAR MEU CABELO
LONGO. ANDANDO ENO CAMINHO
UM PASSARINHO MINIMO, DE PENA
DO, SEM NINHO, EU VERIFIQUEI EN
TÃO FUI CUIDAR, OIHEI EN
RONA QUE LA ESTRADA DE TERRA
COM A MINHA BACIA DE ROUPA
EM UMA ÚNICA CASINHA
UM RELÓGIO DE FUNDO TINHA
ERA M6 E UM PASSARINHO
NOVINHO CUIDEI DELE ATÉ
UMA ARVORE CHEGAR CHEI
DE FOLHAS MAJESTOSA
ENCAIXADO COMO ESTOJA UM GALHO
NHA DAQUELE OUTRO A CAMI
PASSARIA SEM DIA NÃO
CABELO LONGO PRA VESTIR NO
DIA SEGUINTE AQUELA ROUPA QUE CLAREEI.

MeesPEREJ
Em VOCE
fui até os
MURMURIOS
DO CORPO COM
O PÉ NA LAMA
E OS BRAÇOS
A CATAR NUVENS
VOCE CHEGOU
NO TEMPO DAQUELAS
VOLTAS RESOLVI
FALAR SOBRE MIL
COISAS VOCE PERENE
FOI MAS COM CHAS
EM AVANTO EU FALAVA
BUSQUEI SEU OIHO E
TETROUXE PRA FICAR
COMIGO. NA PEDRA APER
TAPINHOS QUE TINHAMOS
ERA DE EQUILIBRAR.

VOU PARA ONDE A CANETA ME
LEVAR.

NA BEIRA DO LIMITE
UMA LÍMHA MOLE DE
ÁGUA É O HORIZONTE

O POÇO
DA INFÂNCIA,
ONDE ESTAVAM
TODOS:
ADULTOS VELHOS SE BANHANDO.
TODOS:
QUE ANTES ERAM CRIANÇAS
RIAM DA LEMBRANÇA E A LÁGRIMA
MA ESCORRIDA NO CANTO

DO POÇO,
ONDE HAVIA OUTRAS
CRIANÇAS,
DO LUGAR,
DA ÚNICA FONTE, DO BANHO.

JÁ NÃO SEI ONDE
HABITA MINHA CASA
AINDA EM DUAS MANGUEI
RAS
(ARREGADAS A CHO SOMBRA
DURMO E CONFIO
QUE AQUELES FRUTOS
VÃO ENTENDER
MEU CAIR
SEM CAÍREM.

CRÉSTER

É mais RÁPIDO
DO QUE ESTRUTURAR

Quando o que é **MA** Agino Habita
em LETRAS RELAXO.

PALAVRAS MOJES ANDANDO POR TODO
O TETO NA DISPARADA ANTES QUE
A CANETA AS COMPROMETA

NUM PAPEL

PEGANDO DE LAS

AS LAGARTAS

AINDA NEM

PALAVRAS

FORMADAS

AINDA

NEM

VOO

DE

BOR

BO

LE

TA

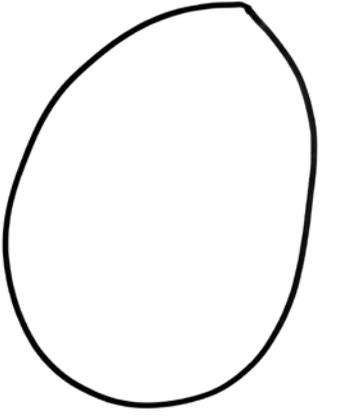
SOBRE MENSURACÃO
Antes tudo Rodou, Rodou
tanto que ela caiu, e sem ESCO
VAR os dentes foi puxada pelo sono
lá puxaram todos os sentidos pra bai
xo e ela mesma era puxada pra
cima trazendo um peso muito gra
de no centro de seu corpo. QUAN
DO no MEIO DA MADRUGADA ELA COME
çou a ficar leve seus olhos abri
ram... E no primeiro respiro após
a tontura soltou o ar, colocou a
mão no verme e logo se sentiu
e sentiu que era seu. Mas estava
tão exausta que seu corpo fechou
RAM no inconsciente e ela se fecha
ESCORREGA FAZENDO TAVAMUM
PRAXA ONDE MESMO O UHU UHU UHU
PEQUENA MINIMAS SENDO MUITO
NO LENÇOL QUE ERA O MAE DEIXAVA
VIA MANCHAS CONSCIENTE HA
IAS ENORMES DE BOLAS VERME
PAS PARA O COLCHÃO E PARA O ENCHIMEN
TO PASSARAM 4 DIAS.

É ^o desprezo
MA ARMA.

UMA
Pessoa
COM
DESPREZO

É ^{UMA} pessoa
EM
POSIÇÃO
ARMA.

tenho
meu
corpo
como
(A)



meu coração
meu cérebro
Assa

É nos escuros
que
os contornos
são agrados
Alíma
silhuetas
vogalímaginação
do que está contido.

QUANDO
A RIGIDEZ TOMAR
CONTATO
DOS OLHOS

ã
E ENXER
GAREI
MAIS.

Vou como um cavalo, embora
seja mulher, fujo do céu que
orienta, me aperto na distância mínima
do olhar e me afasto. Nada vale
enrolar onde o trico foi feito para aque-
cer, nenhuma tripa de carneiro
costura o que tá aberto, só o céu re-
solveria mas sou mínima e apenas
o brilho reluz. E do lado do brilho
o sóbrio mastiga o vento parece
alimentado mas sua carne pe-
de outra, ri por dentro e no ele-
gante desfecho, me diz boa noite
no fim do dia aonde as ovelhas
passeiam e entre viadutos e
santas ceias um homem falou
suas palavras foram comidas
e davam sentir alheios ao que o
mundo fazia, eles se atrapa-
lhavam nas redes e dormiam a
marrados com o tempo de desper-
tador elétrico, lá onde as
estreias não iam.

A MULHER DO SILÊNCIO
o tempo ia virar, primeiro um si-
lêncio muito grande fazia
até as nuvens, pararem
tudo era estático como uma
fotografia. Deprateado um
monte de pássaros
corria desesperadamente,
e o céu pretejava vindo de trás
do morro sempre o mesmo.
Na praia o mar trepidava e
nas pedras o mar batia tanto
como uma violência só permi-
tindo o mar em pedra. Na hora
do raio chegava com muita água
do céu o barulho e tudo se me-
xia, só a mulher que do si-
lêncio acostuada fechava
as janelas da casa que o vento
batia e chorava porque o silêncio era dela.

so m Hos são
om s TRUÇÕES

DO NOSSO
DINAMISMO
INTERNO

E VEIAS
FAZEM
CIRCULOS

Embrã (ADA
Espaço Am EMÓRIA
(RESERVA
TRAA

ESILENCIOSA
ESTUDA
O QUE QUER
REGISTRAR.

TUDO ESCURO
E UM FEIXE SOLAR
ME ACORDA NUM
BAIÉ DE POEIRAS
CÓSMICAS.

~ HISTÓRIA ERA DE UM HOMEM
QUE ACUMULAVA gestos

ACUMULAVA tanto que DESAPRENDEU
DE TANTO QUE ELE QUERIA SER
DE TANTO QUE ELE QUERIA FAZER

DE TANTO PERDEU O INSTANTÂNEO,
E O INSTANTÂNEO É ESPECTACULAR,
GUARDOU POR OPRIMIR, GUARDOU PARA SI
EM SI FECHOU, E O UNIVERSO
NÃO ESCUTOU SEUS ATOS.
ELE INTERNALIZOU E VIROU UMBIÇHO

ELA NÃO CONSEGUIA NEM MESMO É COMO SE ELE
TIVESSE MORTO VIVO.

POR TER GRAND EZA RESOLVEU FICAR
MORTO, POR FICAR O MORTO RESOLVEU, E
VIVEU.

QUANDO ELE VIVEU UMA ESTRELA
BRILHOU NO CÉU E DISSE QUE O ACOMPANHARIA,
QUANDO ELA BRILHOU ELA MORREU,
E FEZ COM QUE SEU BRILHO
MAIS INSTANTÂNEO FICASSE IMPRESSO NELLE.

faz
silên
cio
e olha PRA quem
tá do seu LADO

COMO PEDRAO HEI FIXO, MAS
AS BORBOLETAS
PASSARAM.

os olhos
Em (Haver
casos
de vista
somam
gativotas

ESCREVO
CADA
LETRA
COM MEDO
E QUANDO
APENAS
ACABA
ME ENCORAJA
E OUTRA VEZ.

A MULHER aos poucos
antes de todos os pedaços fez um
pedido, não era de se esperar
mas queria um perfume, ames-
tura do sal das flores, o pedaço
do (Hã) dos lugares, e os re-
talhos das coisas da terra
nem suspirar o foi tempo
ele inebriou, quando o cheiro
chegou, foi assim, ele era
de se esfregar. foi dos olhos
das coisas dos jardins
do recolhido. quem fez o per-
fume era o homem antigo
que acabara de chegar, e ne-
ta todos os esvoantes
véus prele a garrar o
corpo agora perfumado
meste Cheiro da mulher aos poucos.

agora eu quero ver, sem
espelho e sem reflexo,
agora eu quero ver

QUANTO
tempo

EM ANEJ,
ATÉ W E O/Hs
SANTO REM DO MEU
(CORP O

nele permanencia,
ASSIM PERCEBI que
O tempo era MEU
em ganho EM PERMANÊNCIA

No á-pi (e de um vocábul
LÁRJO Em CONTRAR
AS PALAVRAS
E TRAZÊ-LAS
M BERÇO
VOADOR para
a CON (H) e GAR de ADA
(ANTO) os signos
FICADOS.

AVIDA
É + ã O Leve
no Balamgar
DAS (ORR) Entes
que ELA
PODE
se e Xpor
E SE RE ColHER (ALMA
mente

A MULHER DO OCO SEM FIM
DO OCO SEM FIM SURGE ELA MIS-
TURADA E CARREGADA DE AR QUÊ TIPOS
EXAURIDA POR CA MINHAR E PERCORRER TAN-
TO PASSOU ELA BATENDO DE PORTA EM PORTA
MAIS UMA VEZ MAIS UMA DE PORTA EM PORTA
ACOLHIDA. VESTIDA DE CIDADE BUSCANDO SER
NÃO TINHA RIGORES, MAS NEM TUDO SERVIA
ALIAS NADA SERVIA NO SEU MUNDO. ABOR-
TOU ENTÃO LOS PROJETOS E AS IDEIAS DE
TUDO O QUE BUSCOU, PÓS O BORTO REPOUSOU
EMBALADA POR UM ABRISSE E UMA CANÇÃO.
DORMIU SEM SABER DE ONDE VINHA AQUE-
LA CANÇÃO. AO DESPERTAR UM LONGO
VIAGANTE HE RECEBE COM FLORES E BOM
DIA. IMPRESSIONADA ELA PASSOU A CHORAR
E DISSSE QUE NINGUÉM A APANHARIA DE VI-
VER NO MUNDO DE LA. A MULHER DO
OCO SEM FIM BUSCAVA ENCONTRAR
UMA LINHA QUE TUA AVÓ PERDERA AO OS-
TURAR E TUA MÃE HE ENSINARA QUE
VALIA MILHÕES POIS ERA O URICERA. BOM,
O HOMEM PASSOU A RESPEITAR AQUELA
MULHER E NO MESMO INSTANTE DE SEUS
PERNEIRO DE LÁGRIMAS SE AFASTOU DIZENDO TE AGUARDO
LÁ FORA. ELA, FOI.

o lugar
GARANTIDO
É o CORPO

Exaustão
EM SI
DESPEO RACIOCÍNIO
A SOMBRA dos olhos
ATÉ O AR
do que estão a (H)ANDO
QUE VEE MAS É
ILUSÃO
só o SONHO É REAL
Porque ESTAMOS os INTEIROS
COM os Nossos CORPOS NELE
E o que PRECISAMOS É SÓ AR.

SOBRE O AMOR
NADA ESCRITO
TERÁ COERÊNCIA
DE UM CORP
QUE É COMPLETO
COMPLETO E DES
COMPLETO
COM O OUTRO

AGRADEÇO
AOS DETALHES
POR SE PRENDEREM
AO MEU OLHAR
NELAS POSSO
ME VER
DENTRO DA RETINA A VÓCÊ

HOJE
COMO
PEDRA

OLHEI FIXO, MAS AS BOR
BOLETAS PASSARAM
COM SUAS SUAVES
ASAS DE SUTILEZAS
CINTILANTES
POR SEREM,
ELAS MAGNÉTICAS
AS FLORES

BOA NOITE POE MA VOU DOR
MIR PRA PARIR MEU DIA EM
SONHOS.

No meio
da página
o Alinhamento invisível
DE PAPEL BRANCO
o ESPAÇO É TIDO

PARO NO Ponto
DECORAÇÃO
SOLTO MINHAS LÁGRIMAS
RECÉM-MASCIDAS
E O BERREIRO SÃO
PALAVRAS POR TODO LEITE
NO VAZIO

da página
HÁ
(a BO.

OLHAR O SURFISTA
HORIZONTE

CLINICAMENTE

ESCOLHE POR ONDE ENTRAR

PARA NÃO SER ENGOLIDO.

O ATORRADO PERDEU
O CÉU EFICAZ
BUZI
NAN
DO
EMGARRAFADO NO
SEU VOLKSWAGEN

MÃO se, INSISTIR
É a solu
ção
PRO
CURA
RÁPIDO

COMO UMA CRIANÇA QUE
A BOLA DEIXOU E
CORRE, MAS SEI QUE
UM CARRO PODE E
TAREM AÍ A VELOCIDADE

ESCRAVA DE SEU TEMPO
ELA QUASE MIAVA NAS CALÇAS PRA CORRER
ATÉ O BANHEIRO, FAZIA SEM PARAR UM
MONTE DE COISAS SEMPRE QUANDO PARA
VA A CABEÇA GIRAVA E ERA APRISIONADA
PELO SEU PRÓPRIO AR, QUE TAMBÉM NÃO
SAIA DE CIMA. O TEMPO AQUELE COLORIDO
QUE O CÉU MOSTRA, ELA COLECIONAVA EM
CARTÕES POSTAIS, PREGAVA TODOS DE FRENTE
PRA CIMA ONDE SE OLHAR ERA CONDICIONADO
AS VEZES DESPERTAVA, VIA A PAISAGEM DOS
CARTÕES E UM SUSPIRO MUITO LEVINHO
SE DAVA, ACONTECE QUE A ÚLTIMA VEZ OS
PIRÓVIROS LÁGRIMA QUE TAVA CONDENSADA
EFREZ HORO LONGO SOLUÇANTE. SEU PATRÃO
NESTE DIA A SEU MODO CARINHOSO LHE PRESENTEOU
COM MUITOS COMPRIDOS E UM BILHETINHO: PARA
SUA ANGÚSTIA. ELA SE ENCHEU DO REMÉDIO
E FICOU 3 MESES SEM NENHUM SUSPIRO.
QUANDO FOI NO DIA 28 OLHANDO PARA OS CARTÕES
EXAUSTA AO ACORDAR SUSPIRO
SEM QUERER, DAÍ TINHA QUE SAIR E SAIR
CORRENDO PARA O TRABALHO SOLUÇANTE. SEM
CONSEGUIR FALAR PERDIA AS LIGAÇÕES E OS TÃO
DESEJADOS RECADOS DO PATRÃO. TODA VEZ QUE
O TELEFONE TOCAVA ELA OLHAVA DESESPERA
DA REPAROU TANTO QUE VIU
QUE ALI TINHA UM DICIONÁRIO
VELHO EM CAPADO E EM ANGÚSTIA PAROU.

os
sustipros
dos
olhos
infantis
ATRÁS
das
EXCITANTES
coisas
que se
ESVAEM

gota do que é ^{A ÚLTIMA} IMPOSSÍVEL PRANIM
É a MORTE, VOU PERCEBO
A CORRENTEZA DA VIDA E DE GO
ta EM gota volta A CORRE
NÃO PRECISO MAIS EXPERI
MENTAR ESTA LOUCURA.

nessas horas,
em que só

MAMAR NO PEITO
Resolveria
ênfase adulta
fisicamente apenas
a memória sensorial.

Neste papel eram
flores de lírios
perfumados
e aberto

Com tanto amor
confesso que me em
briaquei
fiquei frágil como es
te papel, que toda hora
parece que vai
romper e rompe
um pouquinho
mas é nele que eu escrevo
cada letra com medo
e quando a palavra aca
ba me encorajo e outra
vem.

POR FAVOR TERITÓRIO
Vou ATRÁS DE UMA
MEMÓRIA
DA ONDE O AMOR GERA
FLORES
MINHA BISAVÓ
COM ELAS
EM FEITAVAS
SUAS TORTAS DE NOZES.

a Noite está
a ZULDA QUELES
QUE AS HORTÊM
CIAS APREEM
DERAM.

que BOM que EXISTE

EU

em favelas, em Hospitais,
em Ruas, em feiras, em
centro, em CIDADES PE
QUEMAS, em CIMã,
Na pista de VOO.

Se o que fica
interrogado
que sobra.
O que fica
é a alma,
e o que sobra
é a matéria.
O que sobra in-
terrogado que
fica.

Você terá
que caminhar
sabendo deixar
sobras para não
se fartarem.
As sobras são as
matérias do
espaço,
e a alma que
as domina.
A conversa
foi tão profun-
da que deu eco

entre duas mon-
tanhas e toda
a aldeia veio
ouvir,
mas no que eles
chegavam as pa-
lavras viravam
sussurros e depois
som soprado
é a única coisa
que eles
ouviam
foi
esta música,
feita por nin-
guém, mas
que existi-
tiu.

Audio dos manuscritos no CD. Transcrições e traduções na página 405.
Audio of the manuscripts on CD. Transcripts and translations on page 405.

JOIAS COTIDIANAS
ANTONIO BERNARDO

Tomei conhecimento do trabalho da Mana faz, mais ou menos, cinco anos e tenho acompanhado seu desenvolvimento, com interesse, desde então. O bate-papo que aqui segue ocorreu em uma noite de quinta-feira em seu ateliê. Foi em uma espécie de entrevista informal a melhor forma que encontrei para revelar seu trabalho como designer de joias, sabendo, entretanto, que ela circula, também, pelo mundo da poesia, da filosofia, do design e da educação, com igual desenvoltura. Sua abordagem e seu vocabulário inovam, surpreendem e encantam. Talvez o intenso contato que teve com os índios, enquanto ainda era jovem, moldou seu pensamento. O que é o mais precioso para ela, o essencial, é o ser humano. Com vocês, Mana.

— *Eu faço joias. Então, a palavra joia, para mim, tem um significado pessoal. Minhas joias, contudo, possuem uma abordagem, um material bastante diferente das suas. Quando você fala de sua atividade com a joia o quê, exatamente, você está pensando, em termos de materiais, técnicas?*

— Para começar, a joia, para mim, não é um fim, é um meio. E a palavra joia, nesse sentido, é menor tamanho para maior valor. É, portanto, um símbolo de valor para mim, e isso independe do material.

— *Esse conceito, no qual o material não é o mais importante em uma joia, é contemporâneo. Eu queria saber, no seu caso, o que ele quer dizer?*

— Quando digo que a joia é um meio, e não um fim, quero dizer que hoje posso fazer uma joia como faço outra coisa, porque estou interessada mesmo é no pensamento, você entende?

— *É um meio no sentido de que o seu trabalho é idealizado de uma forma e acaba se transformando em outra? E em meio a esse processo onde está o aprendizado?*

— É como se todas as joias que criei fossem maquete daquilo que, hoje, estou começando a fazer. Este caminho é um processo, porque comecei a fazer joias quando criança, com 7 anos, e fui fazendo, fazendo... Acho que é por isso que minhas joias estão se transformando em outra coisa, virando escultura, instalação, trabalho de educação, sempre a partir de um pensamento poético. Existe uma frase muito importante nessa passagem, que vem impressa nas embalagens das minhas joias: "o poder de transformação é a joia do ser humano." Essa frase simboliza o meu trabalho. É um pouco abstrato, Antonio...

— *Abstrato?*

— Sim, porque vejo o ser humano como uma joia, entendeu? Sou completamente desapegada das joias enquanto produto. Não gostaria de ter lojas, não gostaria de ter de lançar coleções todos os anos. A joia é um meio de expressão do meu pensamento, da minha emoção.

— *A poesia, seu trabalho com joias e outras tantas coisas que você desenvolve possuem um sentido educativo, você concorda?*

— É nesse sentido que acho a joia coisa preciosa, sabe? Como um símbolo muito importante para acessar as pessoas, porque tem a ver com a sensibilidade, com uma dimensão que é absolutamente humana.

— *Por que ela fica no corpo, ela fica no outro?*

— Você projeta uma joia para o corpo do outro. Há, neste sentido, uma relação. O design é uma questão com o corpo e como ele vai receber a joia.

— *Você, em algum momento da sua vida, teve dúvida em relação ao que iria ser quando crescer?*

— Muita angústia. Eu tinha grande dificuldade de aprendizado. Eu chorava, não entendia qual era o sentido da minha vida com aquele formato de ensino. Mas também acho que não adianta ter angústia superficial, tem que ter angústia profunda. Porque você pode passar a vida inteira com uma angústia superficial e não transformar nada. O dia em que chorei no banheiro da faculdade me fez compreender algumas coisas. O primeiro entendimento foi que eu teria de criar uma metodologia chamada história de vida através do objeto, história do objeto através da vida.

— *Você já se reconhecia múltipla?*

— Não. Porque achava que ser múltipla era insustentável. No fundo, ser múltipla é o que é sustentável. Ser um fragmento é insustentável. Eu tive oportunidade para ver isso, que foi a minha família me permitir ir.

— *Seu processo de criação surge a partir de um conceito, de um ponto de vista?*

— Na verdade, o começo é a poesia. Início uma coleção partindo da poesia. Escrevo um poema e ele vira uma joia. Mas, ainda assim, não dá para dizer que o processo criativo começa com um poema e vai para a joia. Não. Por vezes, começa com um material que se torna um poema e, depois, rapidamente, preciso criar um nome que, esse sim, exerce uma função poética. Então, por exemplo, “joias cotidianas”, além de um nome é, também, uma função poética. A função de que meu cotidiano seja uma joia e que, a partir do meu cotidiano, eu busque joias.

— *E como você busca esses materiais?*

— Eu cato materiais o tempo todo. Por exemplo, essa caixa de maçã é uma de minhas paixões agora. Trata-se de um trabalho novo que se chama desembrulho poético. O conceito apresenta a joia, que levo para outras plataformas; é o que estou desenvolvendo no momento. Agora estou nessa plataforma dos poemas. Porque isso não é apenas um produto, é um gesto. O gesto, nesse caso, é o Desembrulho Poético.

— *Parece um tecido. Não é um tecido?*

— É um papel de Kozo. É um material que estou pesquisando, é um processo. Fiquei dois anos sem fazer uma joia sequer, muito envolvida em instalações e projetos educativos, e, agora, estou desenvolvendo isso, que não deixa de ter um conceito de joia. A joia, para mim, é algo muito importante. Foi a primeira coisa que fiz em minha vida, com quem perdi minha “virgindade profissional”.

— *É o início. É a semente.*

Não quero parar de fazer joias porque acho que, no fundo, tudo o que faço tem um quê de joia. Mas também tento ser coerente com meu momento. Desse modo, o desembrulho poético está fazendo mais sentido porque é uma forma de colocar os poemas e também de conseguir misturar com as minhas outras práticas. A palavra mistura é hoje muito importante, porque estou vivendo um momento de transição, saindo das joias para as Joias Gigantes que são as instalações, e as Joias Poesia. São desafios, escolhi isso.

— *E como é dar valor ao que não tem valor?*

— O primeiro material que procuro é o ordinário, o que vem do cotidiano. Tem a ver com sustentabilidade, no sentido de buscar materiais que são dispensados. São sobras de fábrica. Não porque eu goste, especialmente, de sobras, mas porque me fascina muito pegar um material ordinário e transformá-lo, esse é o desafio. Tenho muito orgulho quando inicio um processo, e trabalho de forma incessante no ateliê até que aquela coisa se transforme em outra.

— *A joia, para você, é mais o simbólico ou o significado?*

— Eu tive uma marca, por cinco anos, com a qual lancei sete coleções, batalhei para colocar essas joias no mercado, para entender que mercado era aquele. Então, quando minhas joias chegaram no MOMA, que era o lugar no qual eu mais queria vendê-las, falei “tá bom”, cheguei onde quis. Mas também sei que esse “tá bom” pode não ser definitivo. Pode ser que, em dois meses, aconteça alguma coisa e eu morra de vontade de fazer novas coleções. Mas meu lance não é empresarial, sabe, Antonio? É mais de pensamento. Estou gostando muito de dar consultorias, fazer objetos em série limitada, projetos visuais.

— *Por que você põe um brinco, usa uma joia?*

— Para me sentir bem. Sinto-me nua sem brincos. Para sair na rua, se eu não estiver com um colarzinho, eu acho que é até falta de respeito.

Antonio Bernardo é designer de joias e empresário.

Quotidian Jewels

Antonio Bernardo

I came to know Mana's work more or less five years ago, and have accompanied its evolution with interest ever since. The conversation that follows occurred on a Thursday night in her atelier. It was an informal interview, the best way I found to reveal her work as a jeweler, knowing all the while that she circulates also in the worlds of poetry, philosophy, design, and education with equal nimbleness. Her approach and her vocabulary innovate, surprise, and enchant. Perhaps, the intense contact she had with Indians when she was very young molded her thinking. What is most precious for her, the essential, is the human being. May I present, Mana.

— *I make jewelry. So, the word jewel holds personal meaning for me. But my jewelry has a particular approach, a type of material that is very different than yours. When you talk about your jewelry-making activities, what are you saying in terms of materials, in terms of technique?*

— For me, the jewel is not an end; it is a means. And the word jewel, in this sense, is a small thing, with greater value. So, it is a symbol of value for me, independent of its material.

— *It is a contemporary concept of jewelry, in which the material is not the most important component. But I want to know, in your case, what this means.*

— When I say that the jewel is the means and not the end, it's in the sense

that I can make a jewel or something else, because what really interests me is thought. Do you understand?

— *Is it a means, in the sense that your work begins in one thing and is transformed into another? And in this process learning occurs?*

— It is as if all the jewelry that I have created was a mock-up for what I am beginning to do now. And path is a process, because I began to make jewelry as a seven-year-old child, and I kept on making and making... I think this is why my jewels are turning into something else, becoming sculpture, installation, education work, always on the basis of a poetic thought. There's a very important phrase in this passage, which I have printed on the packaging I use for my jewelry: "The power of transformation is the jewel of the human being." This phrase symbolizes my work. It's a little abstract, Antonio...

— *Abstract?*

— Yes, because I see the human being as the jewel, do you understand? I am completely detached from the jewelry as product. I wouldn't want to have stores; I wouldn't want to have to launch collections every year. The jewel, for me, is a means of expression for my thoughts, my emotion.

— *Poetry and your work with jewels, and the other many things that you develop, have an educative appeal, do you agree?*

— It is in this sense that I think the jewel a precious thing, you know? As a very important symbol for reaching people because it has to do with sensibility, with a dimension that is absolutely human.

— *Because it lies in the body; it lies on the other?*

— You project a jewel onto the other's body. There's a relationship, in this sense. For me, design is an issue of the body and how it is going to receive the jewelry.

— *At any moment of your life did you doubt what you would be when you grew up?*

— Much anxiety. I had a lot of difficulty learning. I cried, I didn't understand what the reason for my life was within that system of teaching. But I also don't think it leads anywhere to be superficially anguished; you need to have a profound anguish. Because you can spend your whole life feeling superficial anguish and not transform anything. The day I ended up crying in my college bathroom, I began to understand some things. The first insight I gained led me to create a methodology called The Story of Life Through The Object, Story Of The Object Through Life.

— *Did you already consider yourself multifaceted?*

— No. Because I thought being many things was unsustainable. At base, being multifaceted is what is sustainable. Being a fragment is unsustainable. I had the opportunity to see this, which was that my family permitted me to go.

— *Does your creative process emerge from a concept, from a point of view?*

— In truth, the beginning, for me, is poetry. I begin a new collection on the basis of poetry. I write a poem and it becomes a jewel. But, still, it doesn't really help to say, that the creative process starts with a poem and goes to jewelry. No. Sometimes it begins with the material and evolves into a poem. In quick succession, I need to create a name and this name is a poetic function. So, for example, "quotidian jewels," beyond being a name it has a poetic function. To the end that my quotidian is a jewel and in the quotidian objects of my daily life, I find jewels.

— *And how did you find these materials?*

— I search for materials all the time. For example, this here is my current passion, an apple box. It is a new work called poetic unwrapping. So, the concept presents the jewel, which I then take to other platforms; it's what I'm developing at the moment. Now, I am on this platform of poetry. Because, for me, this isn't only a product, it's a gesture. The gesture in this case is Poetic Unwrapping.

— *It looks like tissue. Isn't it tissue?*

— It's Kozo paper. It's a work that I am investigating, it's a process. I spent two years, without making any jewel at all, very involved with installations and educational projects, and now I am developing this, which has a very jewel-like concept. The jewel is very important to me. It's the first thing I did in my life; it's how I lost my "professional virginity."

— *It's the beginning. It's the seed.*

— I don't want to stop making jewelry because I think that at base everything I make has to do with the jewel. But I am also trying to be true to my moment. So, the poetic unwrapping makes sense because it is a form of placing the poems and also of managing to mix them up with my other practices. The word mixture is very important to me because I am living a moment of transition, going from jewel to Giant Jewels, which are the installations, to Jewel Poetry. These are challenges; I chose them.

— *And how do you give value to what has no value?*

— The first material that I seek is ordinary, quotidian. It has to do with a question of sustainability, in the sense of looking for materials that are cast-offs. They're the factory leftovers. Not because I particularly like remainders, but because what fascinates me in picking up an ordinary material is the challenge of transforming it. I take great pride when I begin the process, and stay in the atelier incessantly until that thing transforms into another.

— *Is the jewel more signifier than signified for you?*

— I had a benchmark, for five years, in which I launched seven collections. I struggled to get these jewels to the market, to understand what the market was. So, when the collection arrived at MoMA, which was the place where I most wanted to sell my work, I said, "okay." I got to where I wanted to be. But, also, I can say that this "okay" might not be

definitive. Two months from now something might happen and I'll be dying to make new collections. But my thing is not to be an entrepreneur, you know, Antonio? It's more about thought. I very much enjoy consulting, making objects in limited editions, visual projects.

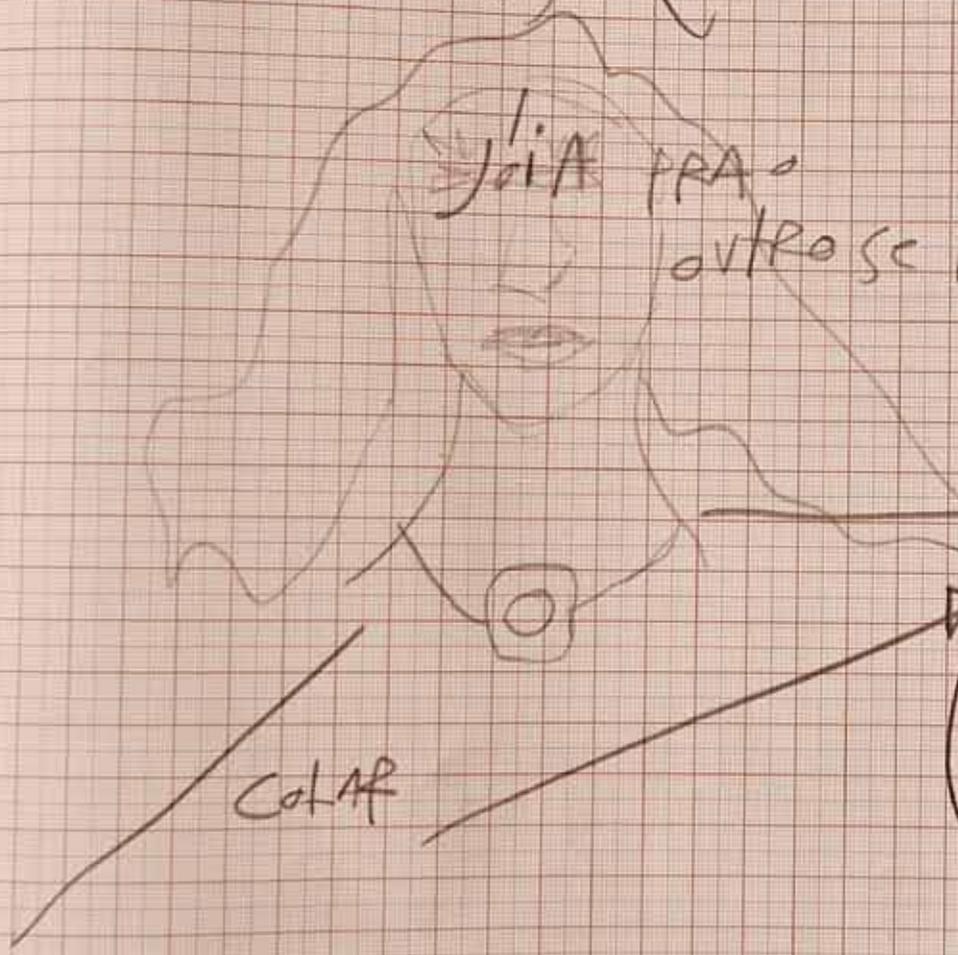
— *And why do you wear earrings, use jewelry?*

— To feel good. I feel naked without earrings. If I don't wear a necklace when I go outside, it feels disrespectful.

Antonio Bernardo is a jewelry designer and businessman.

~~TODA HORA
DOS ALIMENTOS
AUMENTAR
OS OLHOS~~

PARA e PRESTA ATENÇÃO
PRA QUEM FA' DO
SEU
LADO



Jóia PRA o
OUTRO SE VER REFLE
TIDO

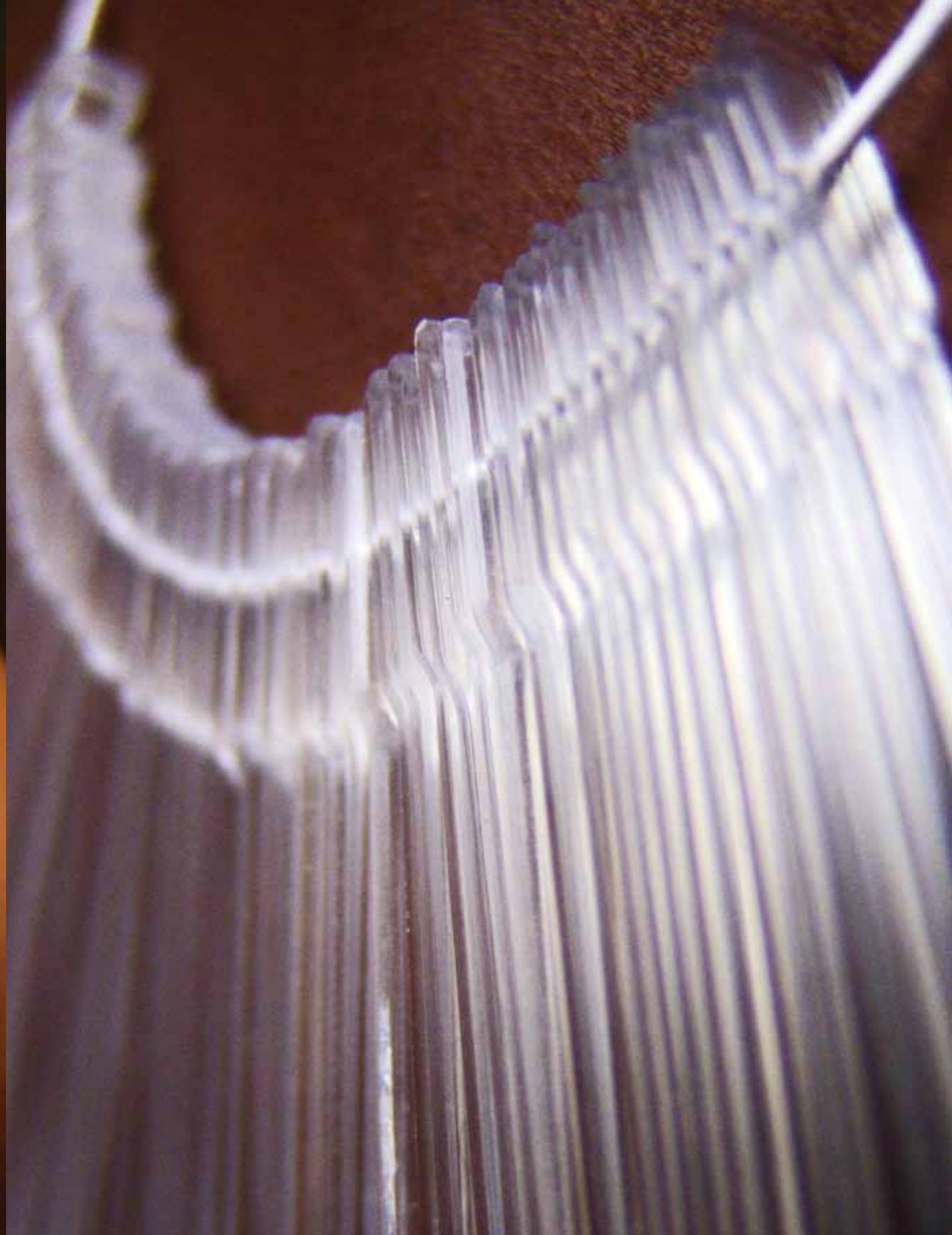
REFleti o lha
faz o ESPAÇO
PREENCHI
DO

VOCÊ
É ALGO
EM
MIM

de
OLHAR
o OUTRO POR
SE VER
NA RETINA
SUA
E VOCÊ IDEM
SEMPRE



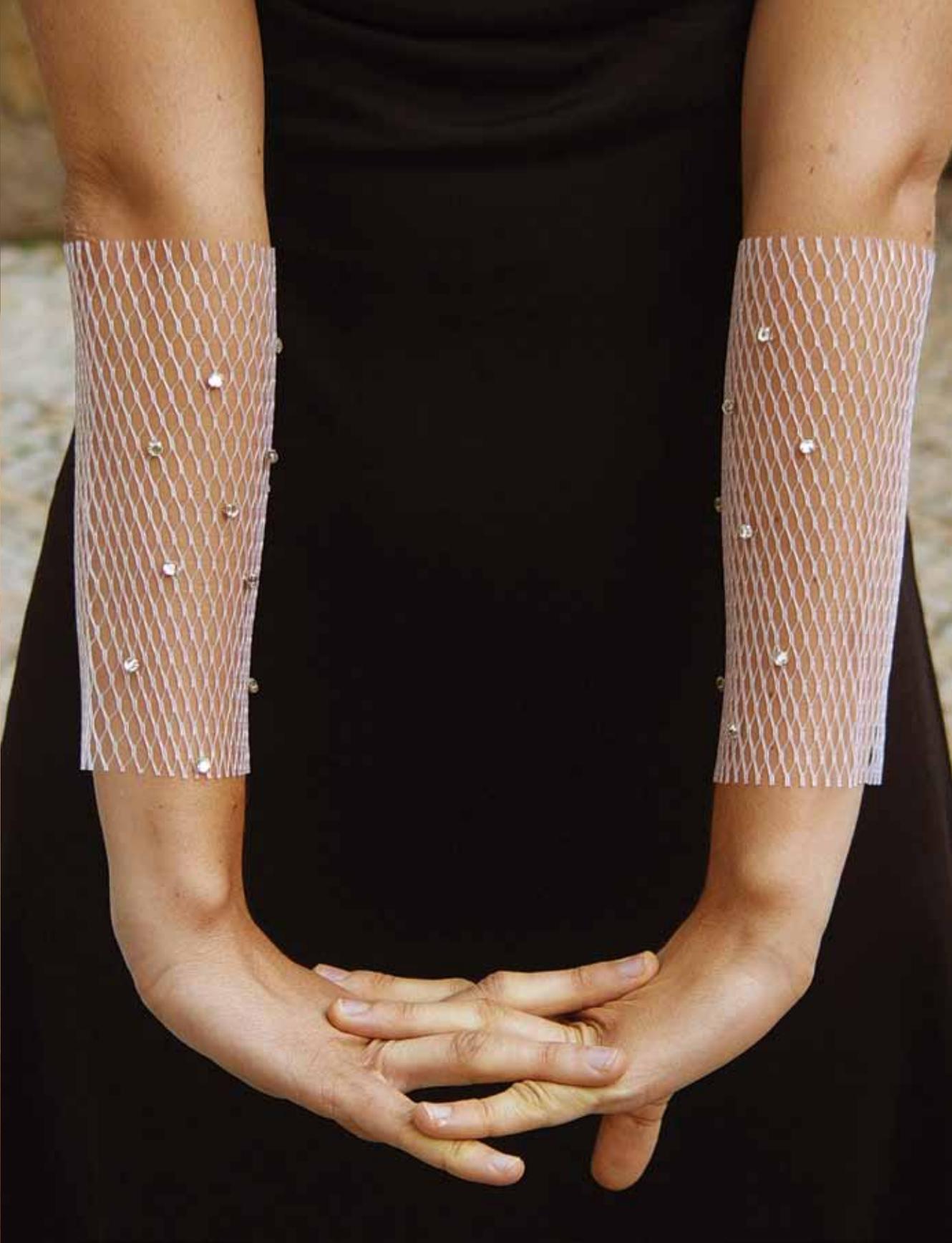
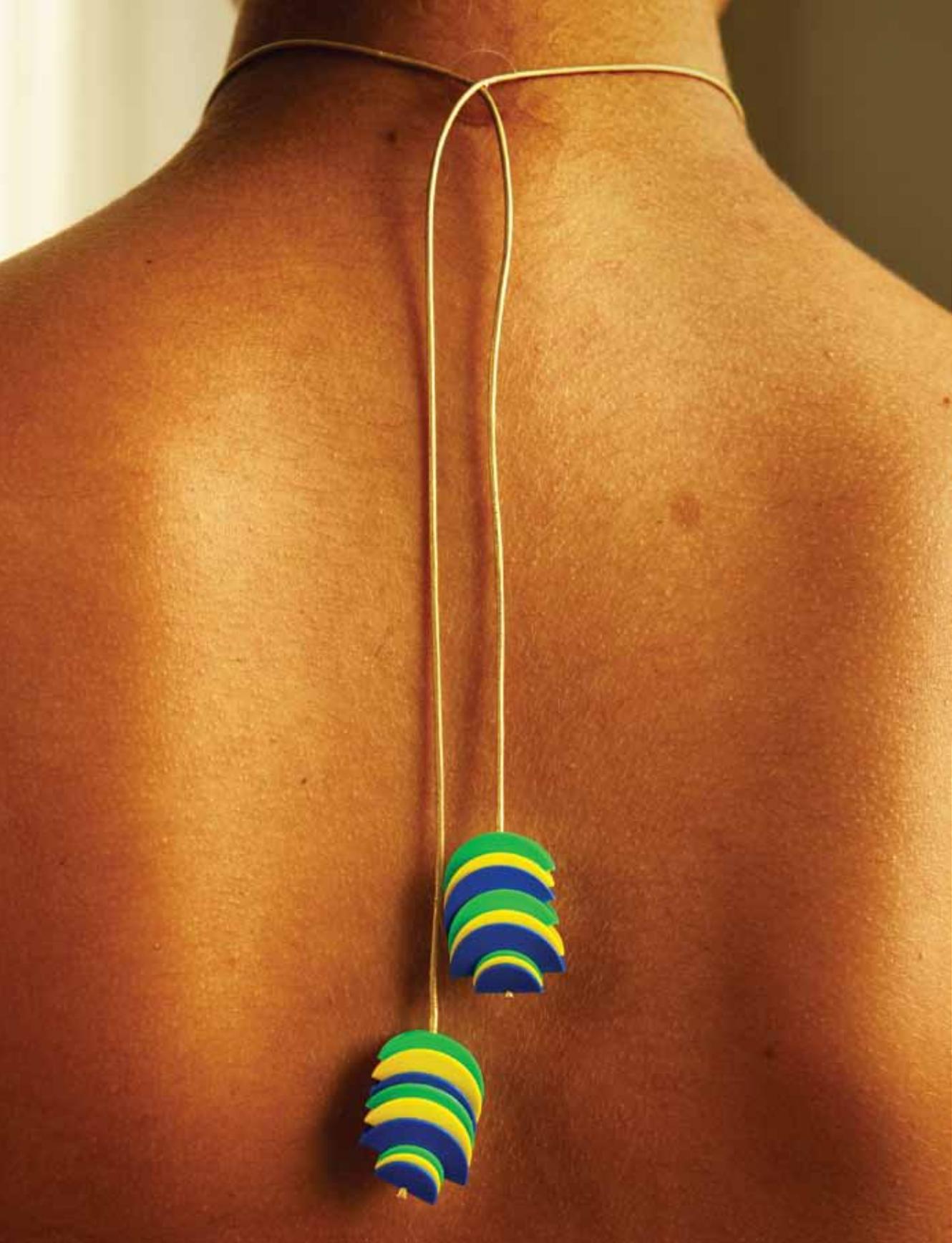






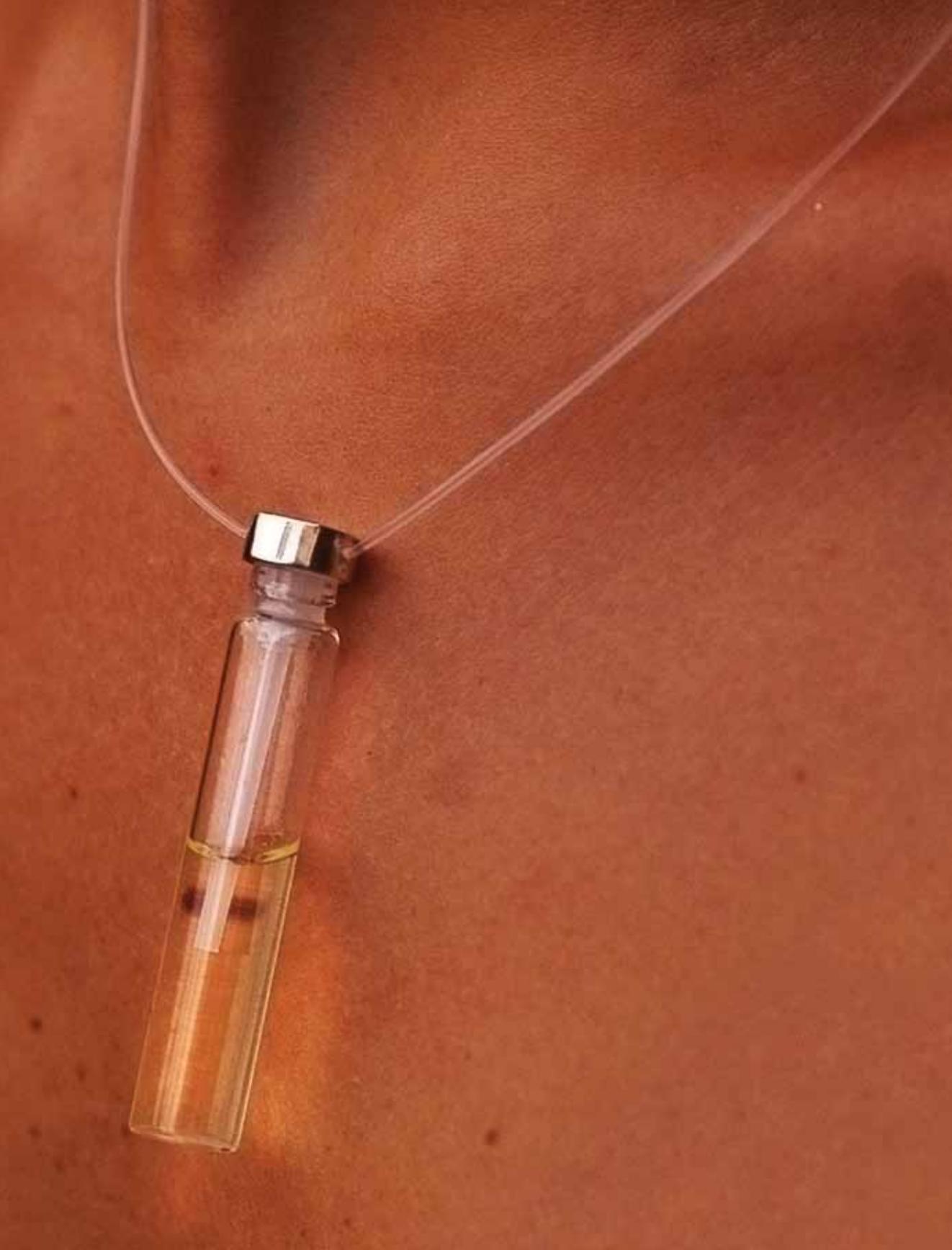










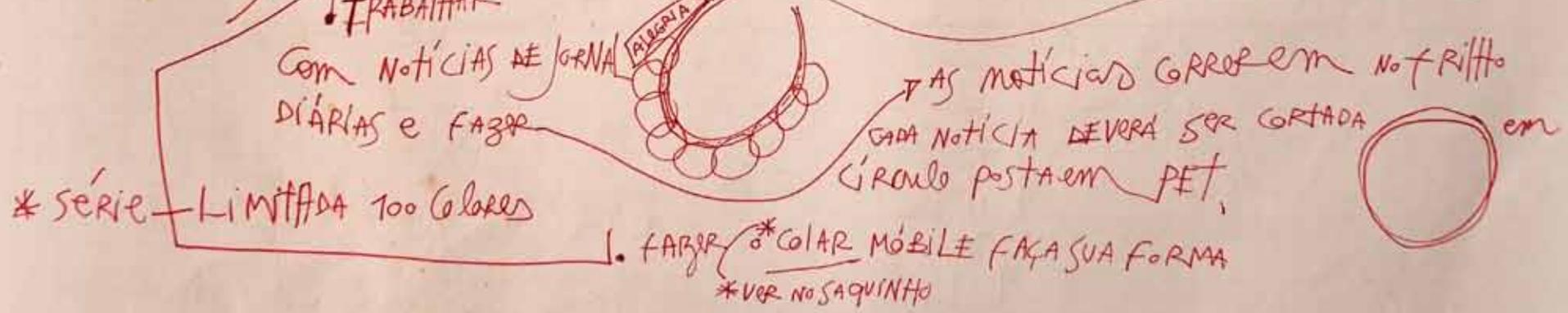
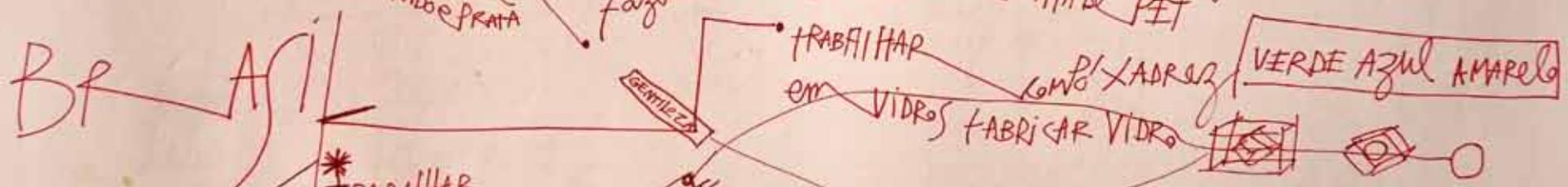
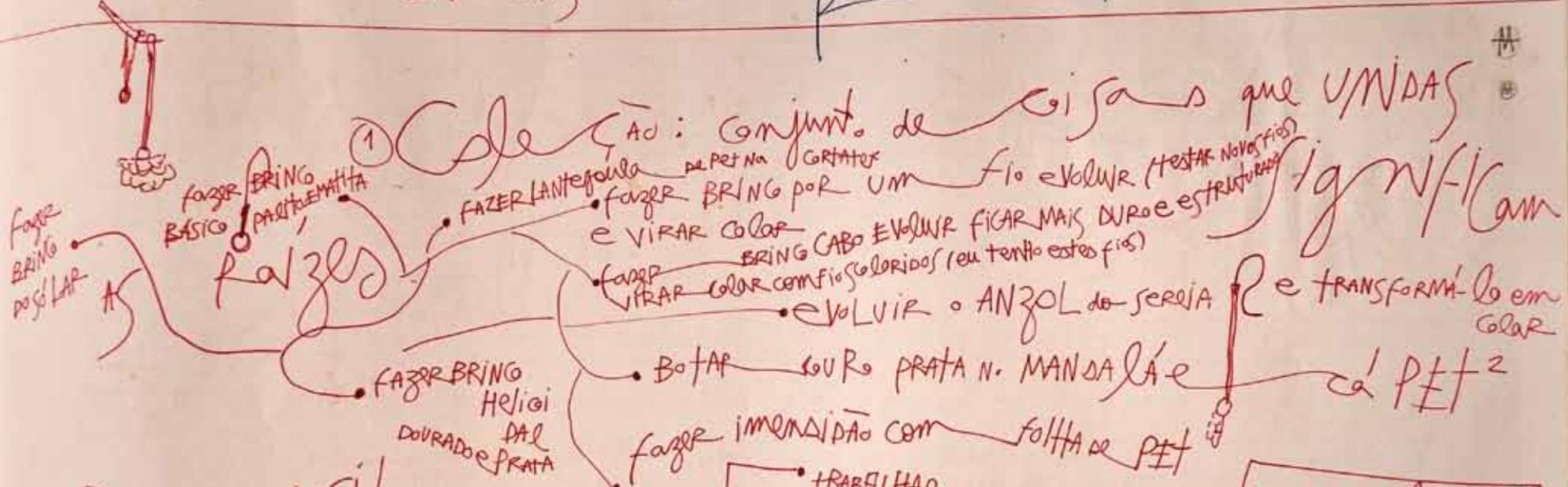








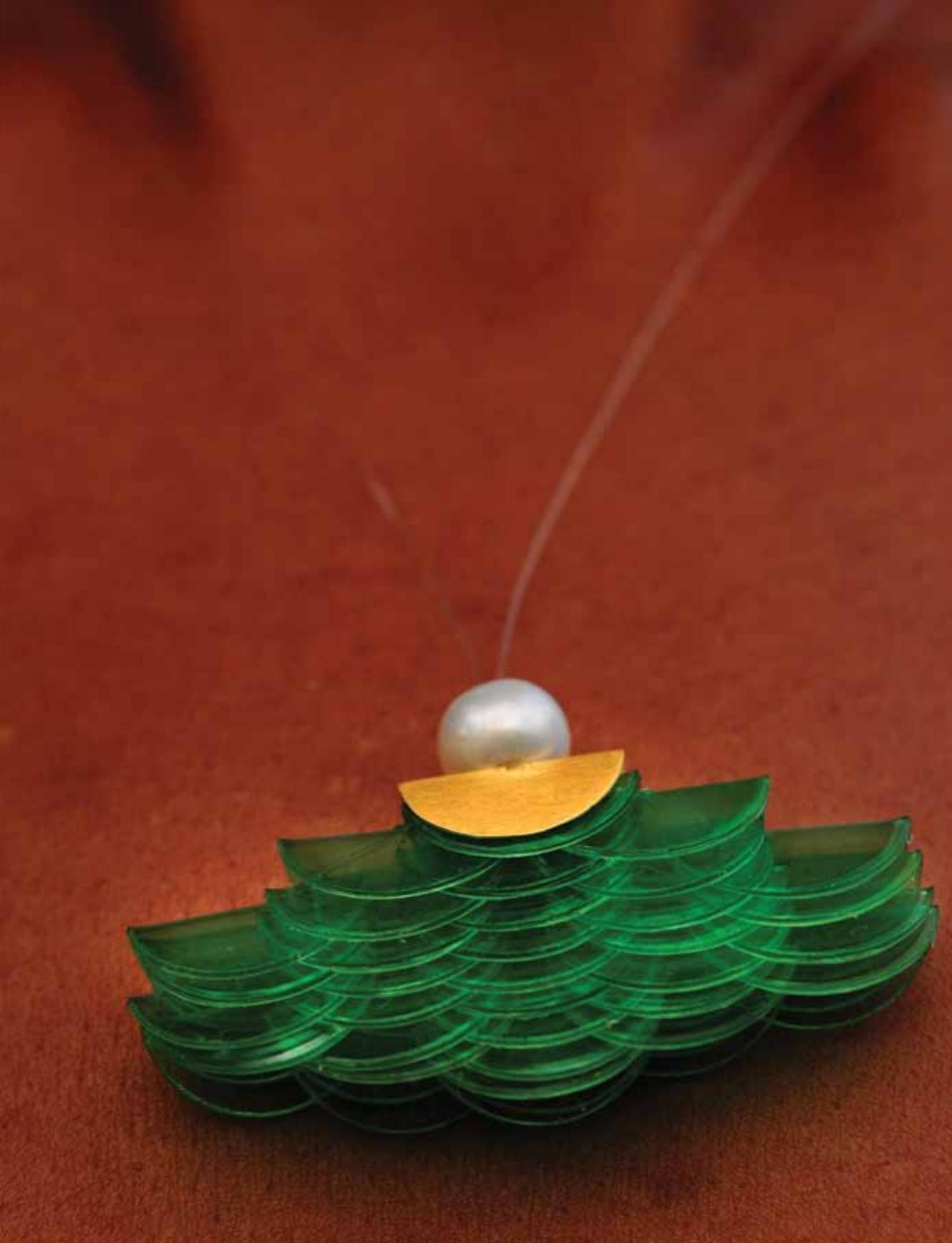
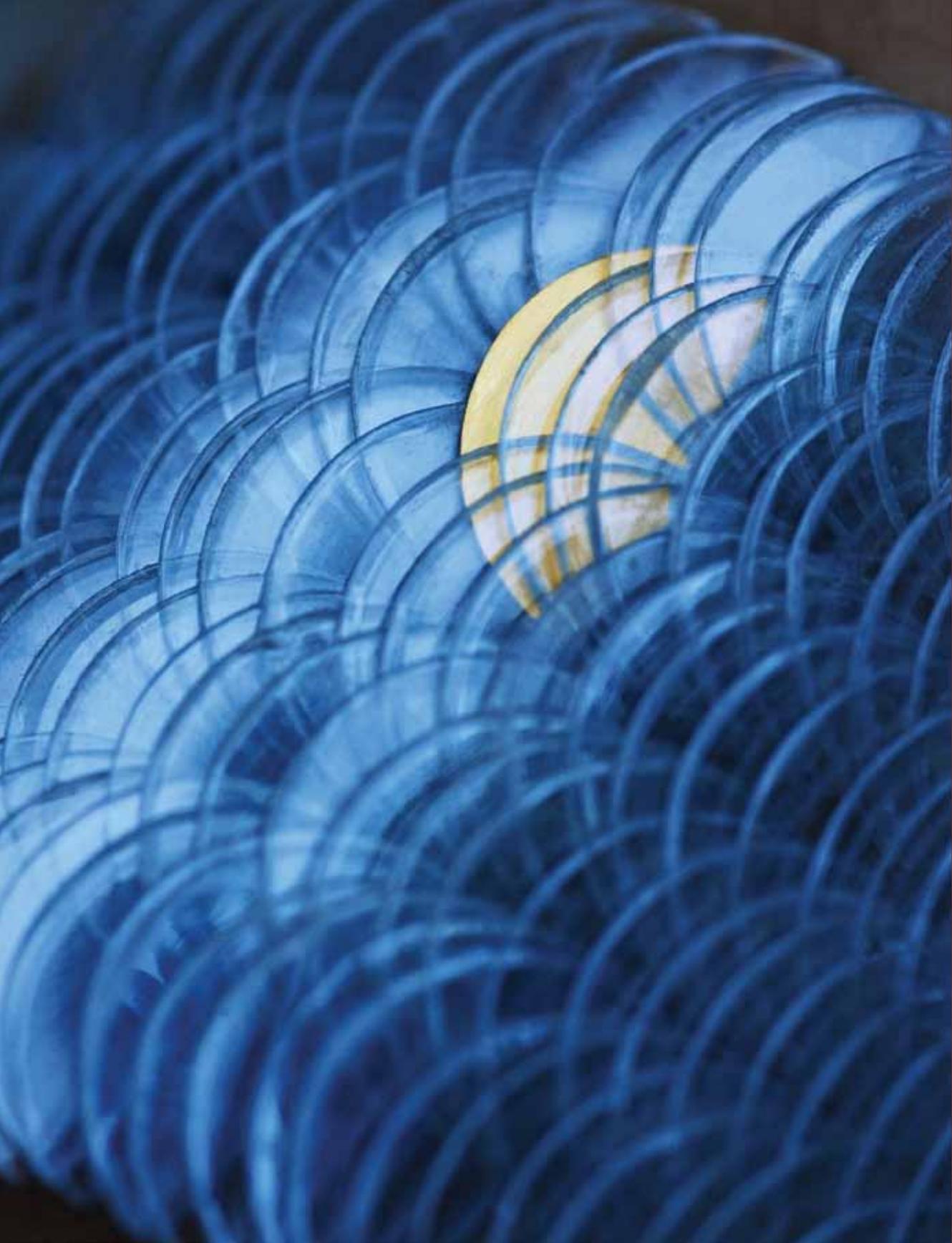
FALTAM 39 DIAS CONTANDO SÁBADOS DOMINGOS e FERIADOS | 10, 26 ABRIL 2007

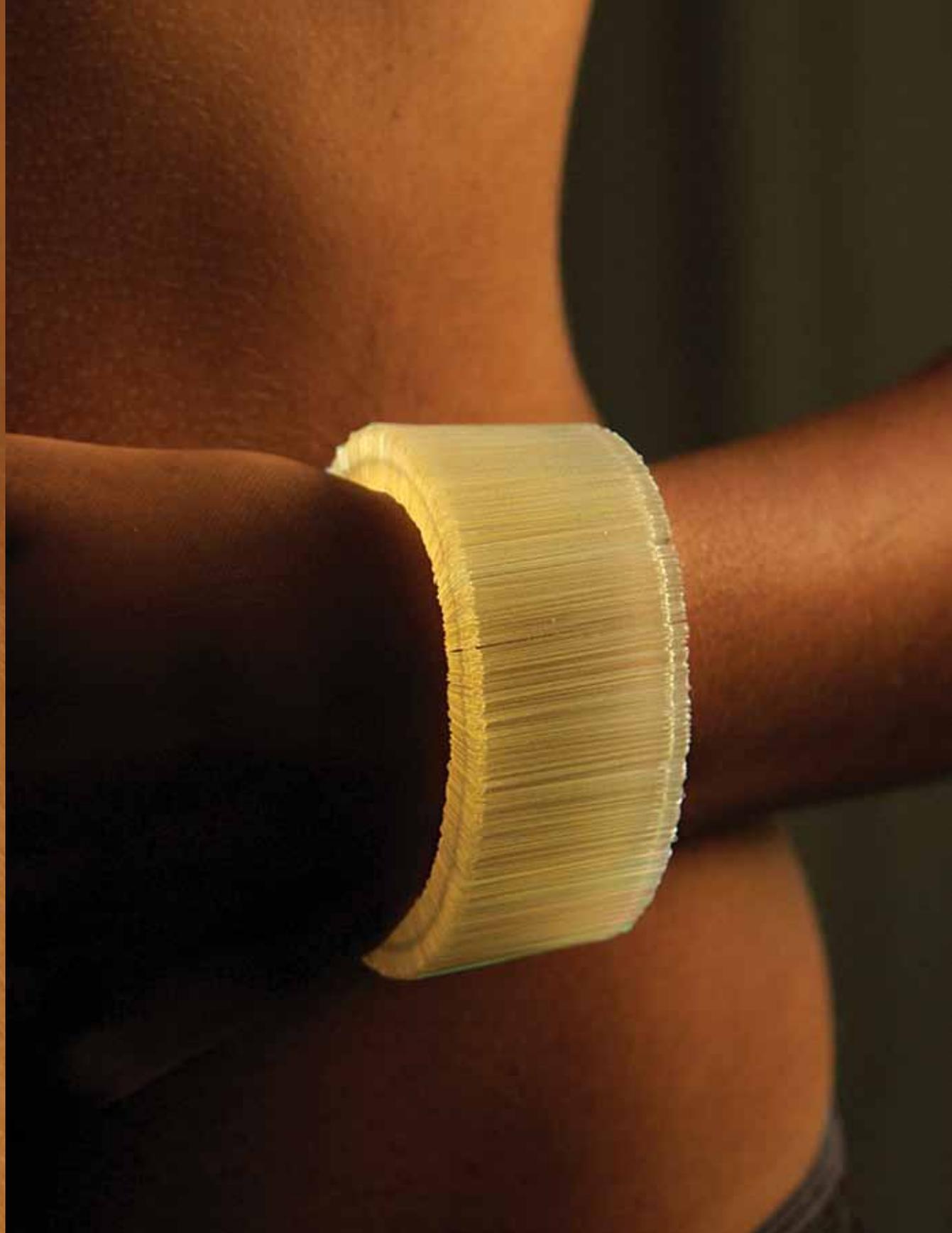


FEU NO LIXO



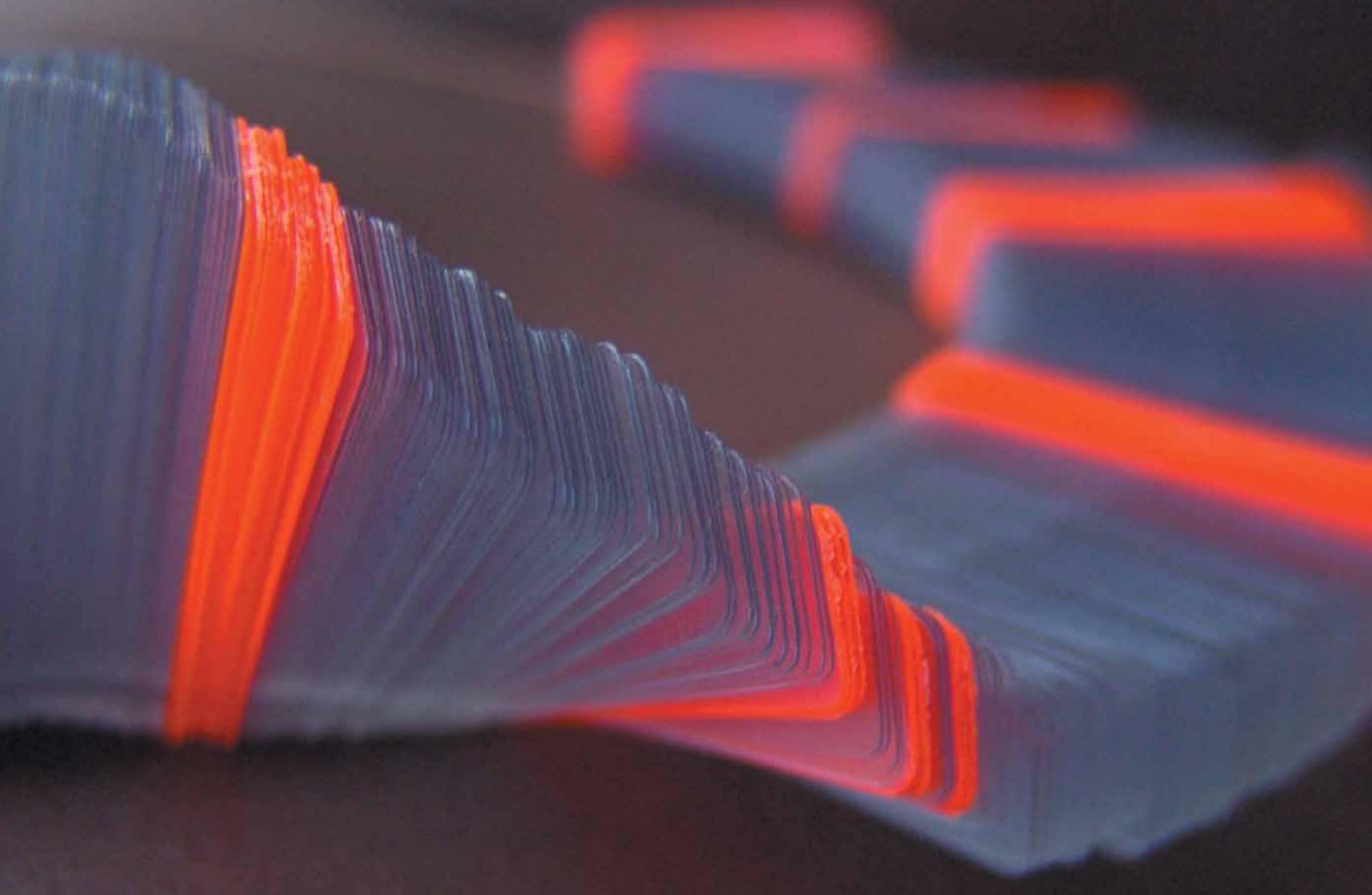


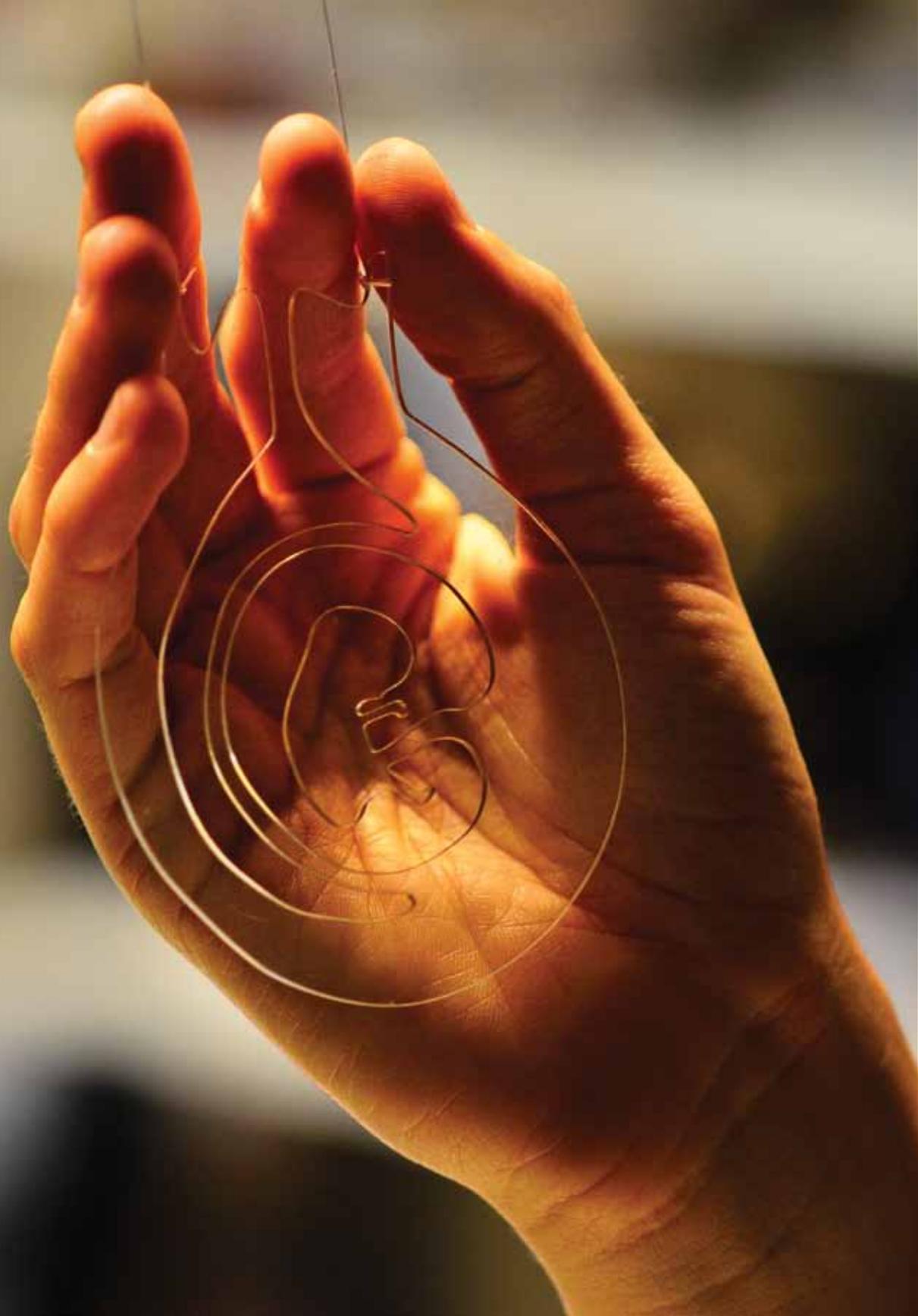






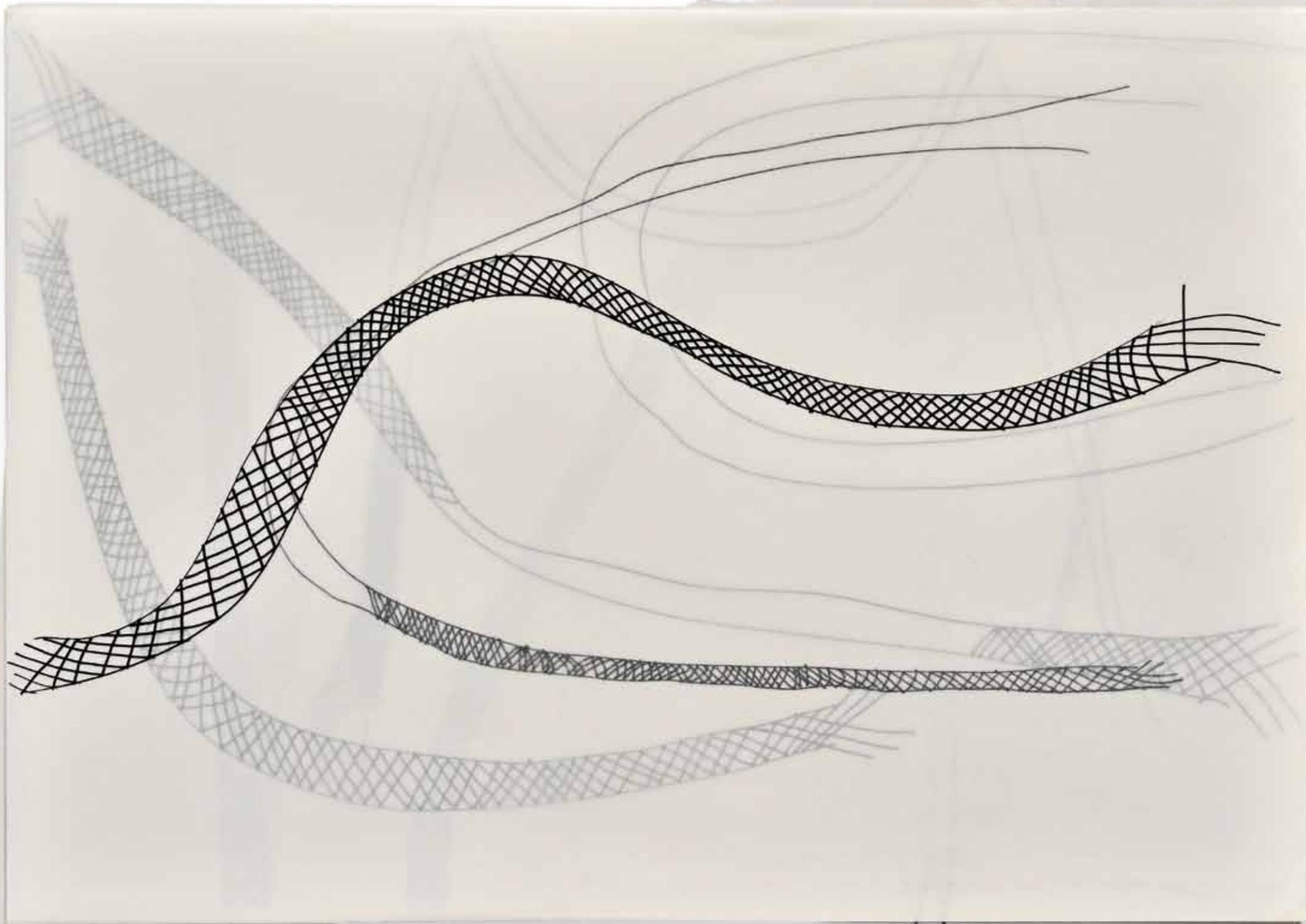


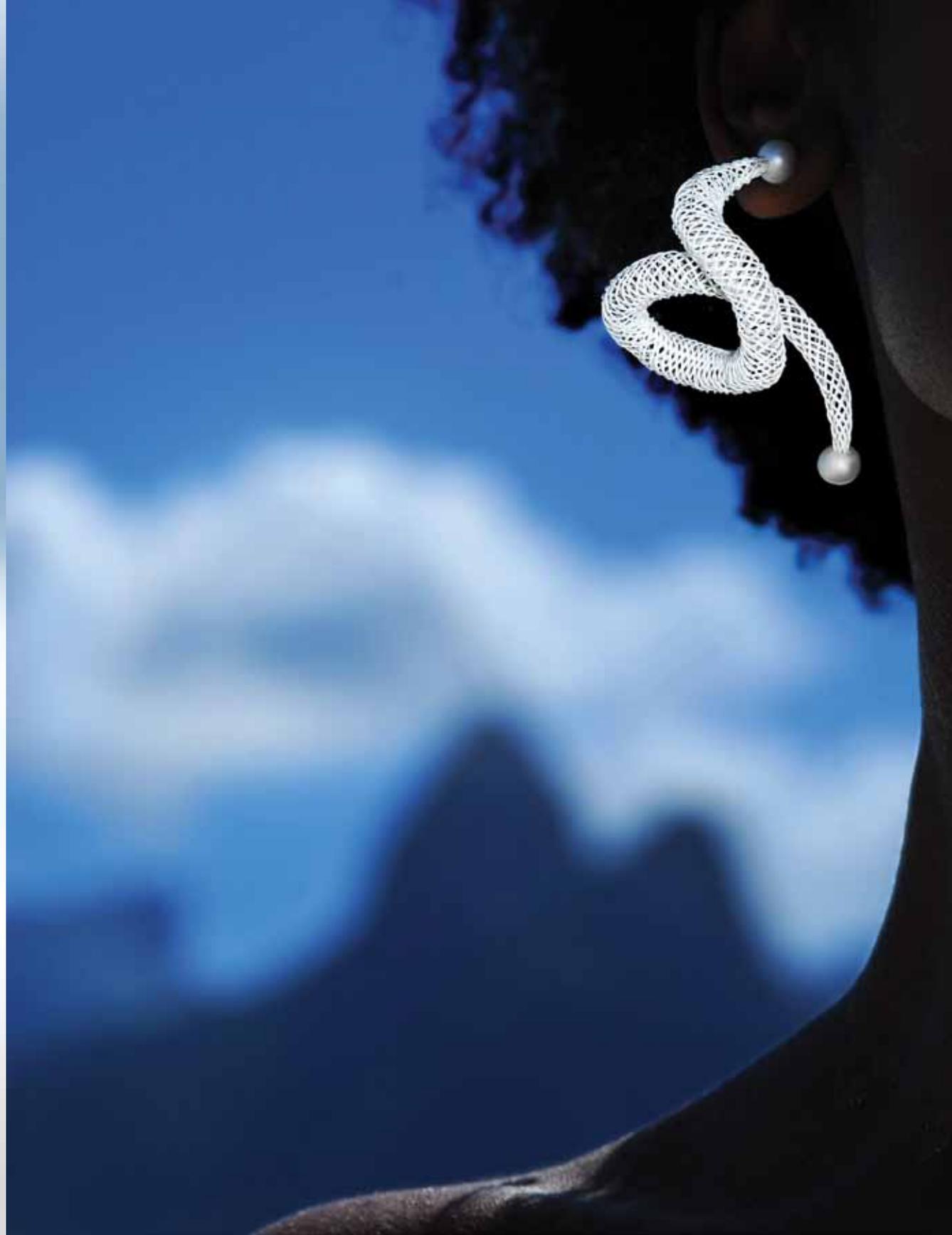


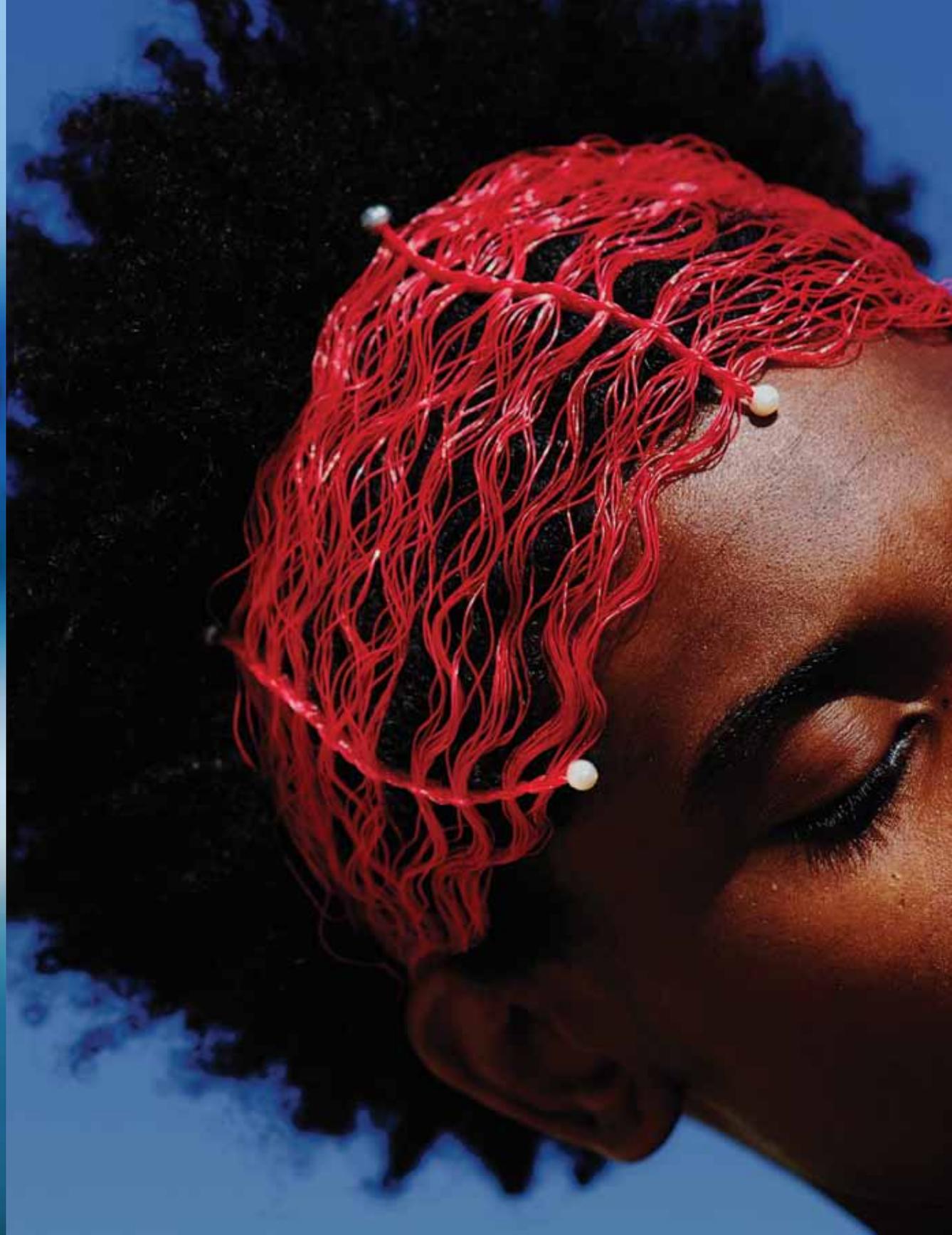


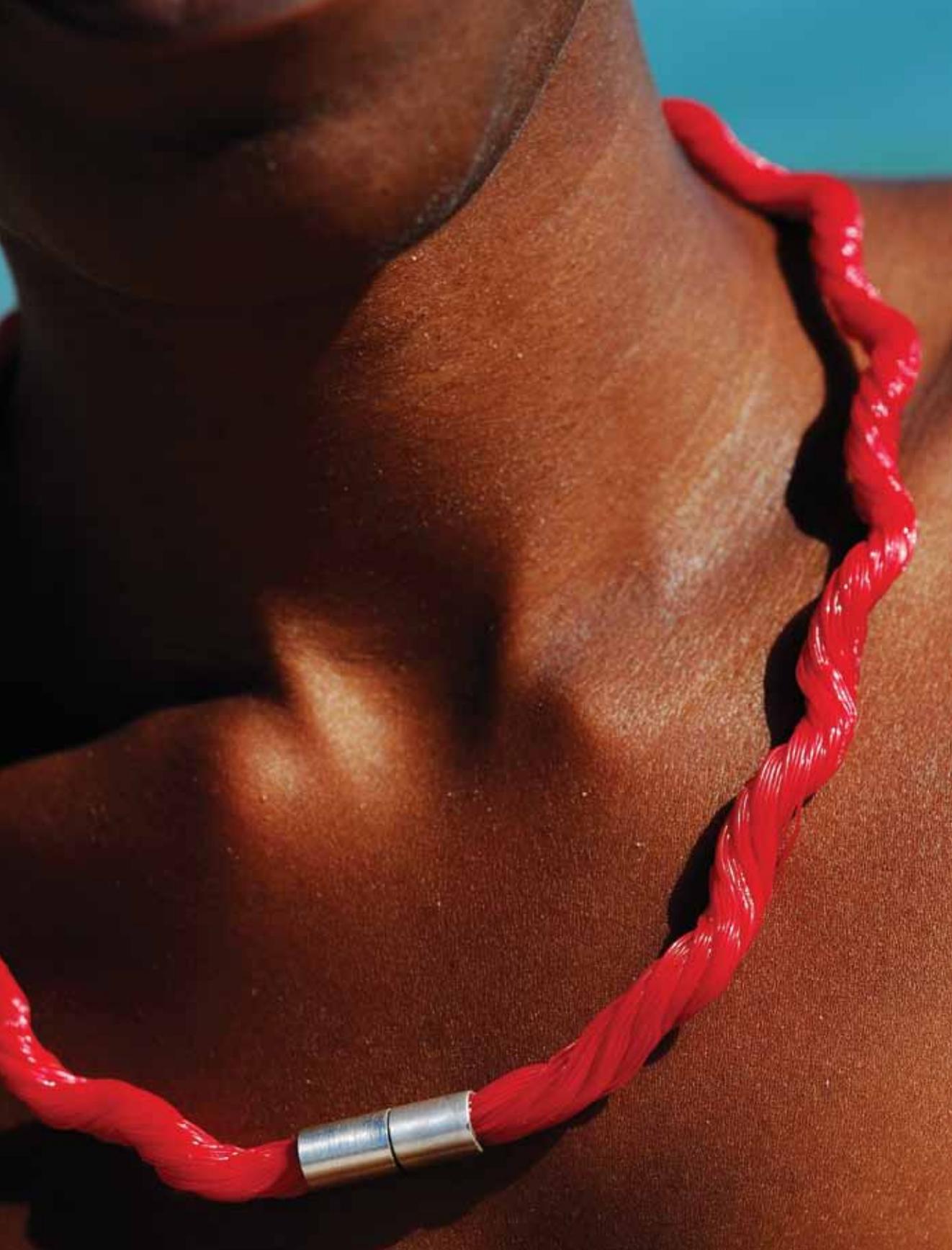


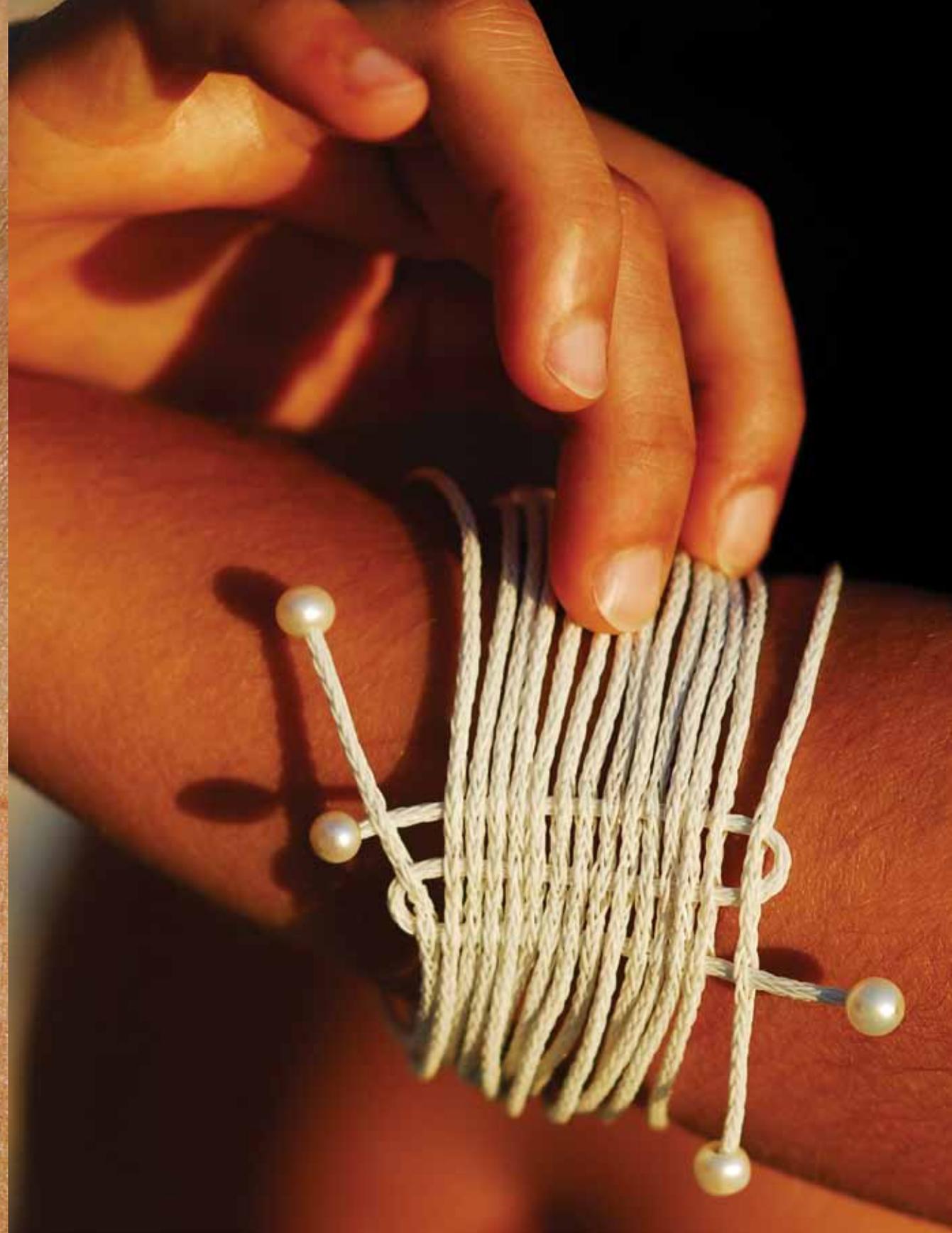














EXPERIMENTOS VISUAIS

ADÉLIA BORGES

Os campos de ação de Mana Bernardes são apresentados neste livro em quatro blocos: Manuscritos, Joias Cotidianas, Experimentos Visuais e Ambientes Pedagógicos. A meu ver, essa divisão corresponde mais à necessidade de organizar e categorizar o universo apresentado – um recurso legítimo e imprescindível em qualquer edição – do que a uma categorização pré-existente.

Em Mana, as várias dimensões se interpenetram e se cruzam o tempo todo. Uma dá sentido à outra, iluminando-a e alimentando-a. Seu trabalho está diretamente ligado à autoexpressão, uma pulsão relacionada à arte. É um extravasar de alma, que ela torna tangível em formas, cores, matérias. E que, por sua vez, muitas vezes podem ter uma ou mais funções de uso, um atributo do design.

Essas coisas variam em escala. Em uma ponta, o micro, estão as joias cotidianas; mas um micro que subjetivamente se avoluma pela proximidade com o corpo de quem as utiliza. A intimidade envolve o relacionamento da matéria com a pele humana. Por serem em geral mutantes, destinadas a serem finalizadas pelo usuário no momento do uso, elas envolvem um relacionamento que vai além do sensorial. São pequenas esculturas que têm no corpo humano o seu suporte (ativo e não passivo).

Na outra ponta, estão as intervenções que se inserem na paisagem urbana. De novo matérias, cores e formas, mas desta vez maiores, em grande escala, enriquecendo o trajeto que fazemos nas cidades por onde circulamos diariamente. No meio das duas, as intervenções de Mana como artista visual / plástica que são apresentadas em museus, tais como a tocante “impressão” de seu próprio corpo.

Se a poesia é apresentada neste livro como um capítulo à parte, é preciso lembrar que ela está impregnada no trabalho de Mana como um todo. A palavra nasce no cérebro, resulta de uma atividade mental. Os poetas são aqueles que escrevem com o coração. E em Mana, além de passarem pelo cérebro e pelo coração, se fazem concretamente por meio das mãos, e nisso ganham outra dimensão, que também nos toca.

Mas todas essas dimensões só existem e ganham sentido pela dimensão da educação. Mana usa sua arte e seu design para interagir consigo mesma – salvar-se, podemos dizer – e sobretudo interagir com as pessoas a seu redor. Não vem ao caso se essas pessoas são letradas ou iletradas; se são descolados ou caretas; velhos, jovens ou crianças – o fazer é uma forma de entrar em contato com o outro e compartilhar a possibilidade de transformação inerente a todo ser humano, que faz a nossa aventura no mundo ser tão fascinante, mesmo que por vezes tão dolorosa.

O que me surpreende é que Mana Bernardes tenha conseguido tudo isso tão cedo. E que sua trajetória – que começou ainda menina – já acumule um repertório tão intenso e extenso como o que podemos ver neste livro.

Adélia Borges é jornalista, curadora especializada em design e professora de história do design na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).

Visual Experiments

Adélia Borges

Mana Bernardes' multiple fields of activity are presented here, in this book, in four chapters: Visual Experiments, Quotidian Jewels, Manuscripts, and Pedagogical Environments. As I see it, the divisions correspond more to a need to organize and categorize the presented universe – a legitimate and indispensable expedient for any publication – than to a pre-existent categorization.

In Mana, various dimensions continuously interpenetrate and crisscross. One gives meaning to the other, illuminating and nourishing. Her work is directly linked to self-expression, a drive related to art. It is an impetuous outpouring of her soul, made tangible in forms, colors, materials, often having one of more uses, an attribute of design.

These things vary in scale. At the micro level, there are the quotidian jewels; it is a micro-scale that subjectively takes on volume through proximity to the body of its wearer. This intimacy involves a relationship between the materials used and human skin. Since the jewels are generally changeables, destined to find final form on the user at the moment of use, they involve a relationship that goes beyond the sensorial. They are small sculptures that find their (active and non-passive) pedestal in the human body.

On the other end, there are the site-specific installations in urban settings. Once again, made of material, color, and

form, but this time larger, large-scale, enhancing our commute through the cities we navigate everyday. In between, Mana's interventions as a visual artist/sculptor, like the molded "impressions" of her own body, are shown in museums

If poetry is presented in this book as a separate chapter, we need to remember that it is impregnated in Mana's work as a whole. The word is born in the brain, a result of a mental activity. Poets are those who write from the heart. In addition to passing through the brain and the heart, these poems are made concrete by Mana's hands, and thus take on another dimension, which also touches us.

All of these dimensions finally exist and become meaningful in the area of education. Mana uses her art and her design to interact with herself – to save herself, we might say – and above all to interact with others around her. It doesn't matter if they are literate or illiterate; if they are hipsters or narrow-minded; old, young, or children – doing is a way of entering into contact with the other, sharing the opportunity for transformation inherent in every human being, which makes our adventure in the world so fascinating, even if at times so painful.

What surprises me is that Mana Bernardes has achieved so much, so early. And that her career – which began when she was still a girl – has already accu-

mulated such an intense and extensive repertoire, as we see in this book.

Adélia Borges is a journalist and curator specializing in design, and History of Design professor at the Armando Álvares Penteado Foundation (FAAP).

→ e SIMS
MORADIAS obviamente
TRANSITÓRIAS são feitas
com a possibilidade de seus
CORPOS

→ observam atentamente os galhos pentados
e mantem NINHO e festa de galhos ARRANCADOS
Até porque eles não tem FORÇA PLISSO

MORADIAS
TRANSITÓRIAS

PROPOSTA
UMA MORADIA TRANSITÓRIA
INSPIRADA NOS PEIXES

PASSAR os e os peixes sabem disso
CONFIAM SUA MORADA A MATUREZA

passa aos que
cada visitante
passa com seu
corpo rapidamente

~~PARA ONDE~~
~~ELAS CONTA~~ e fazem de galhos ou de ~~UMA~~ UMA
pochá sua MORADIA TRANSITÓRIA

comentários, oferecendo
no entanto fragmentos
de um NINHO em ESCALA HUMANA

PARA ISSO é necessário ESPERTIZA e CONFIANÇA assim
o MUNDO é por eles ONTECIDO.

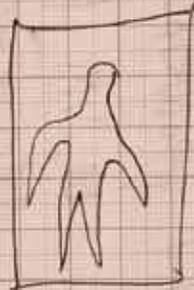
estes fragmentos devem ser feitos da sociedade coisas que SOBREM tanto nas ARBRES
como nos LIXOS INDUSTRIALIZADOS cada "graveto" destes deve ser como UMA PEÇA de
UM JOGO ~~de ENCAIXE~~ de ENCAIXE por festamente ENCAIXÁVEIS como MAIORE FÊMEA.

MARÇO 1977

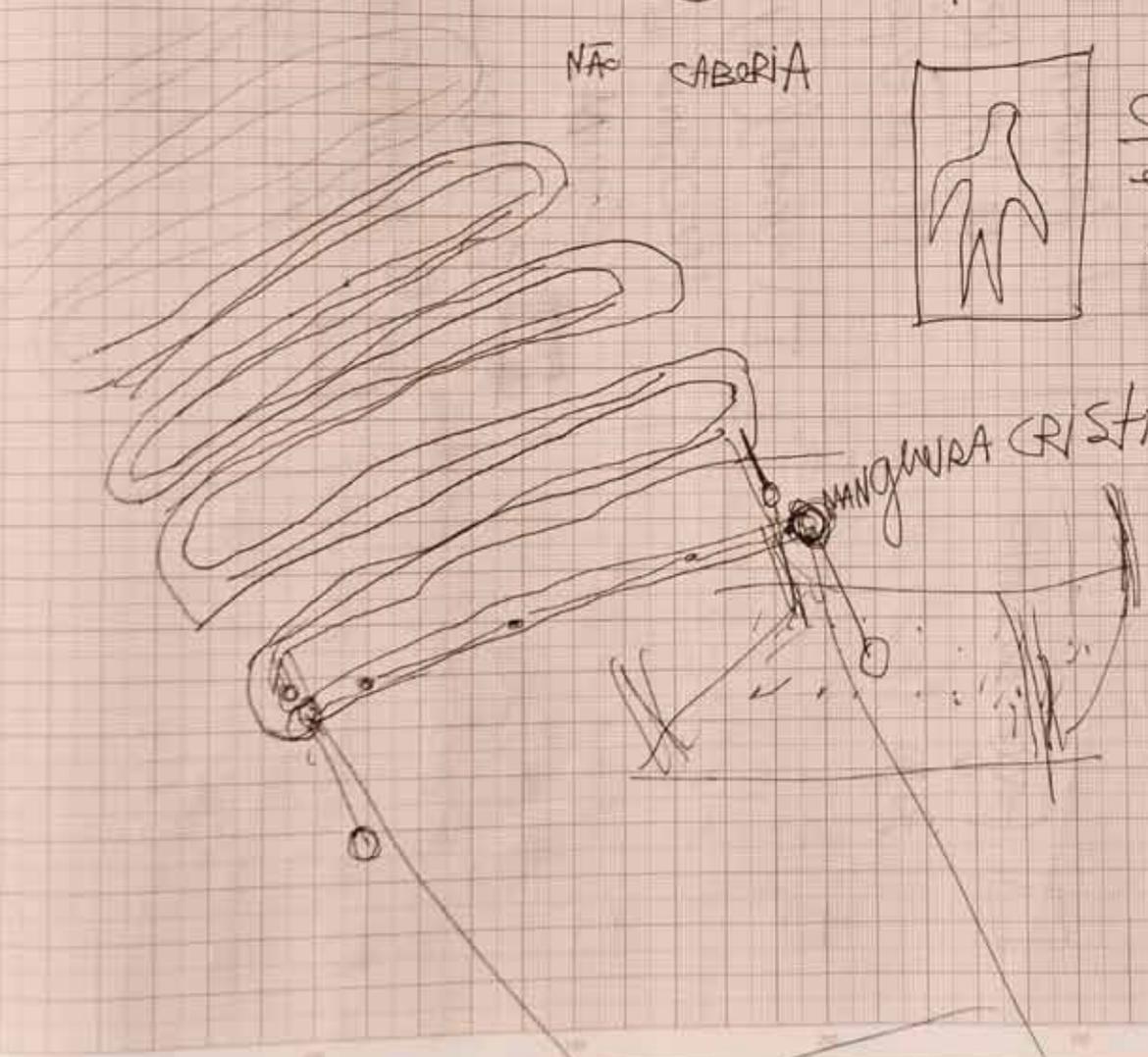
10/06/2007

FUNDAMENTAL No papel

NÃO CABERIA

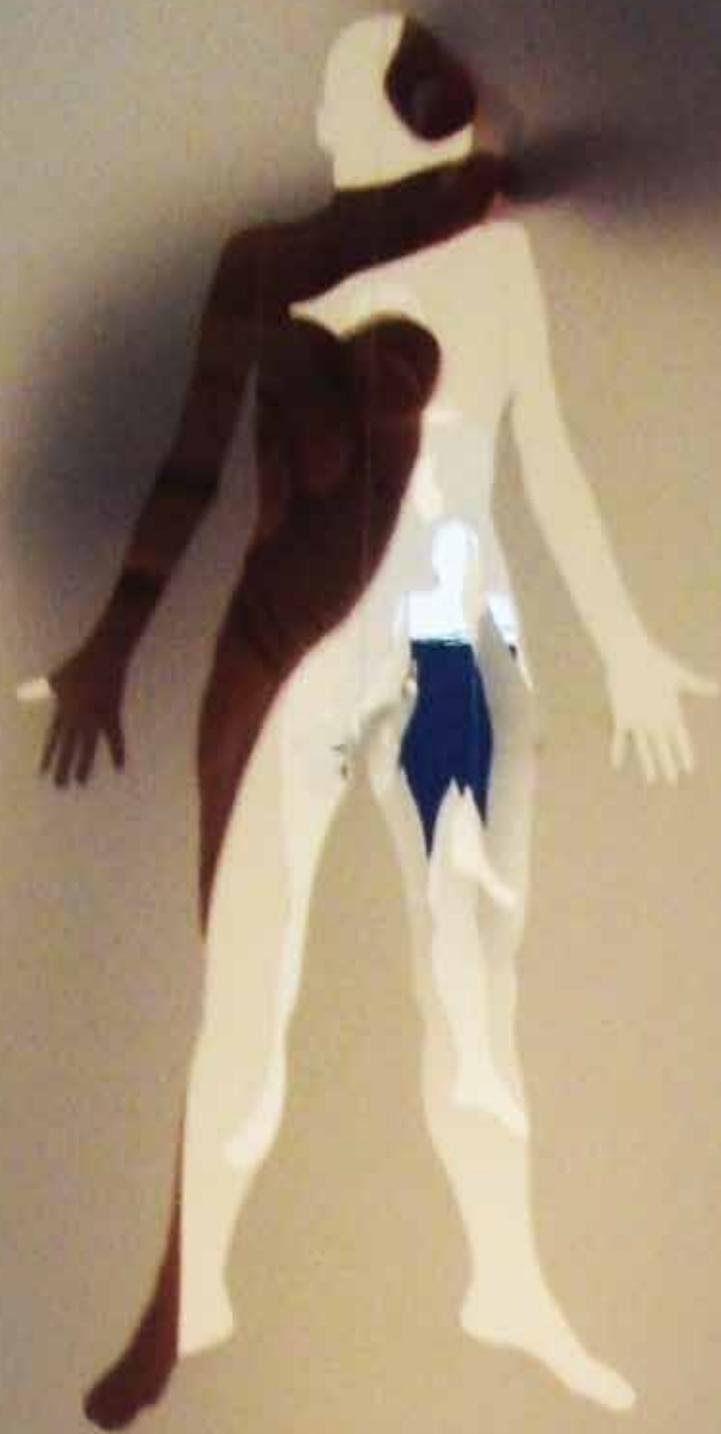


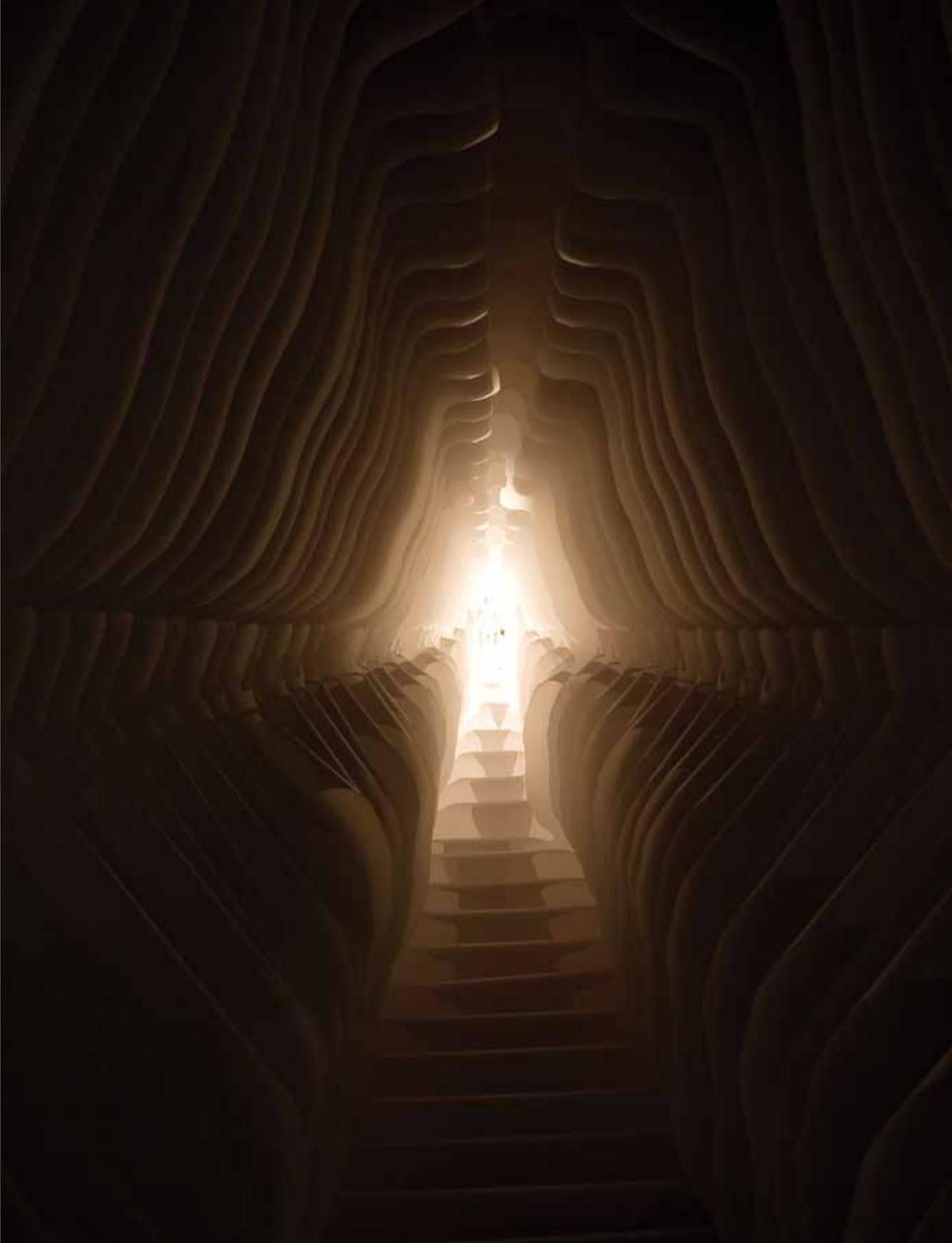
CADA folha ^{estendida} é A OBRA
é o Nosso papel NO MUNDO
o Nosso papel também
UMA MORADIA TRANSITÓRIA



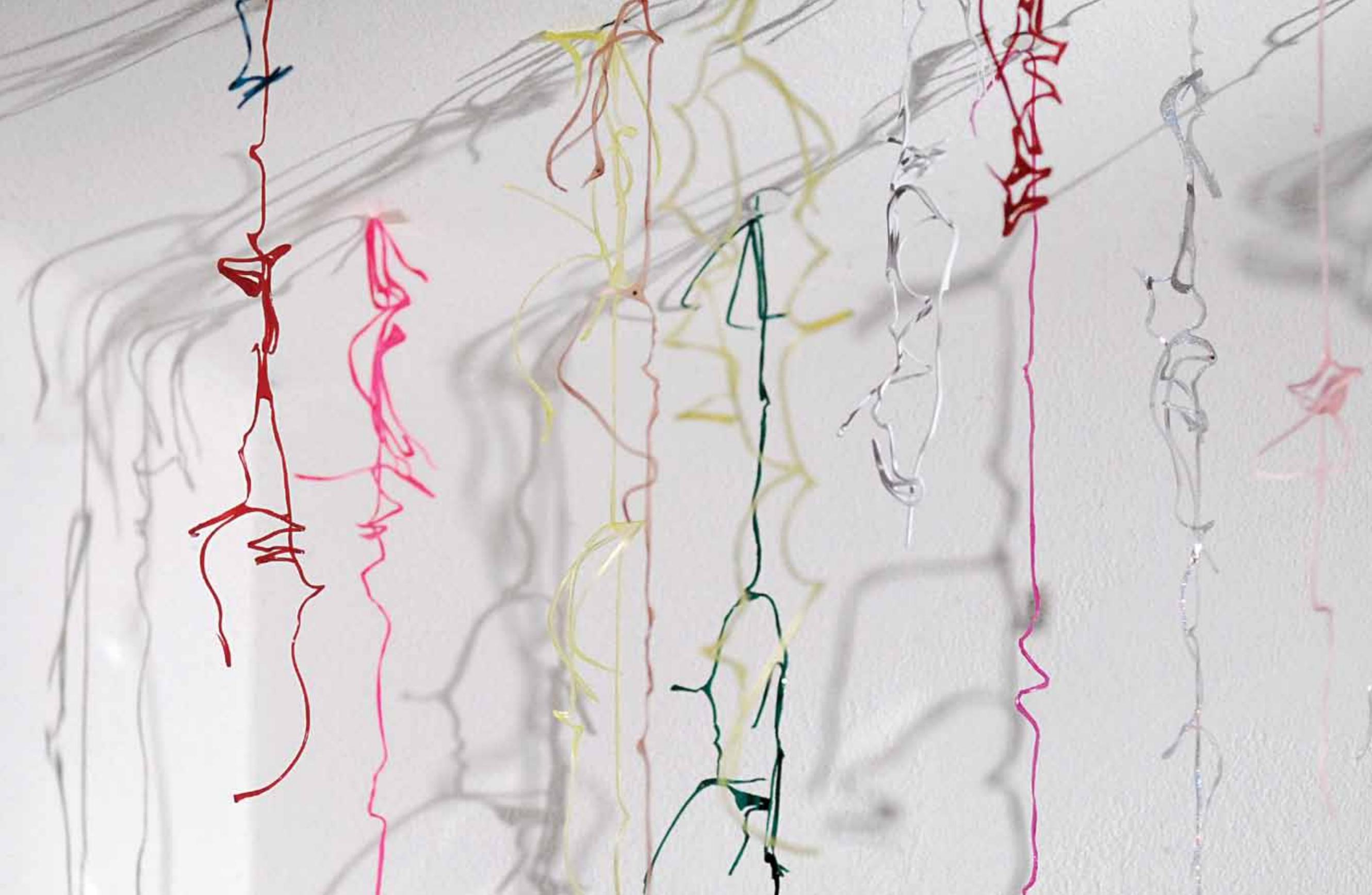
MANGUEIRA CRISTAL

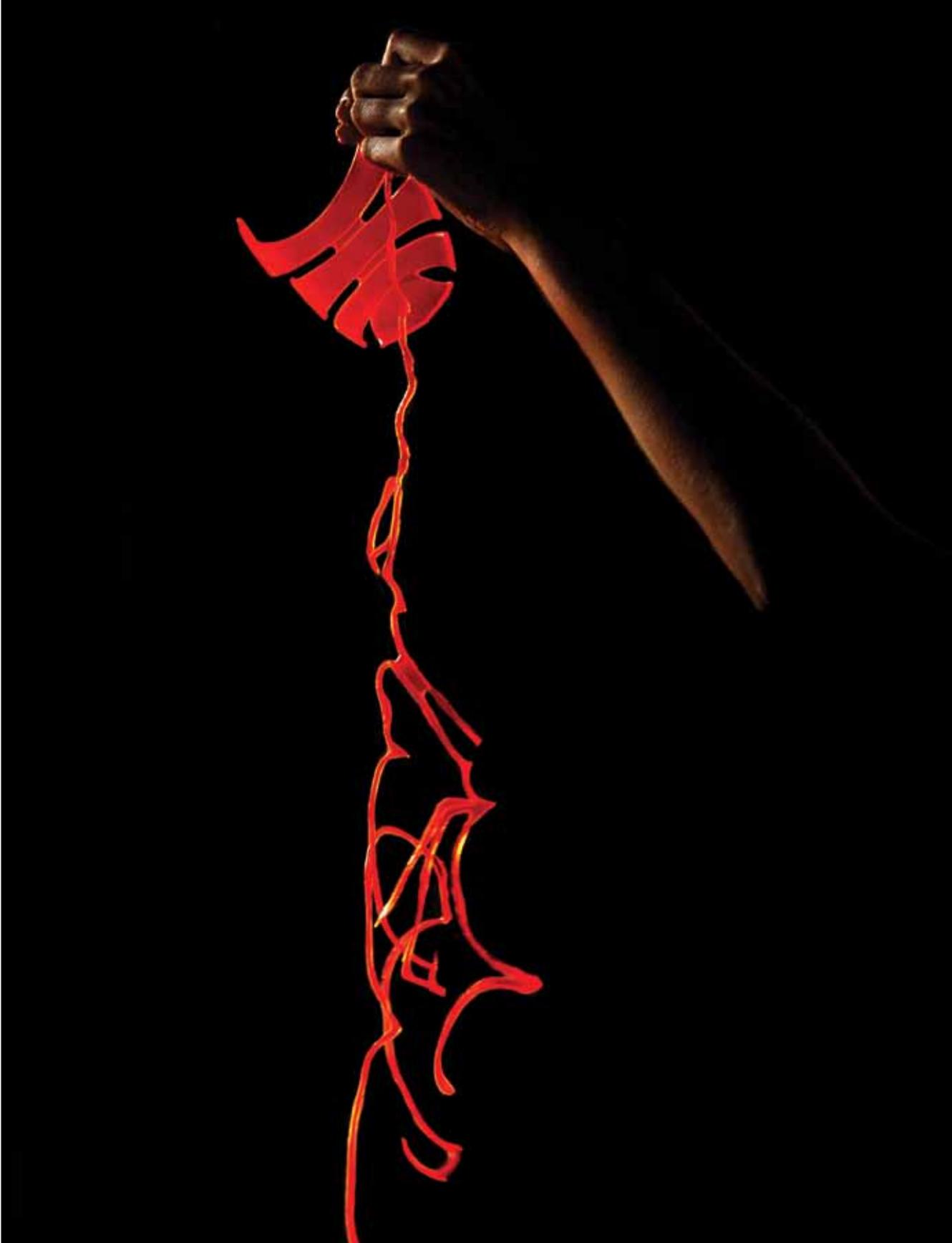
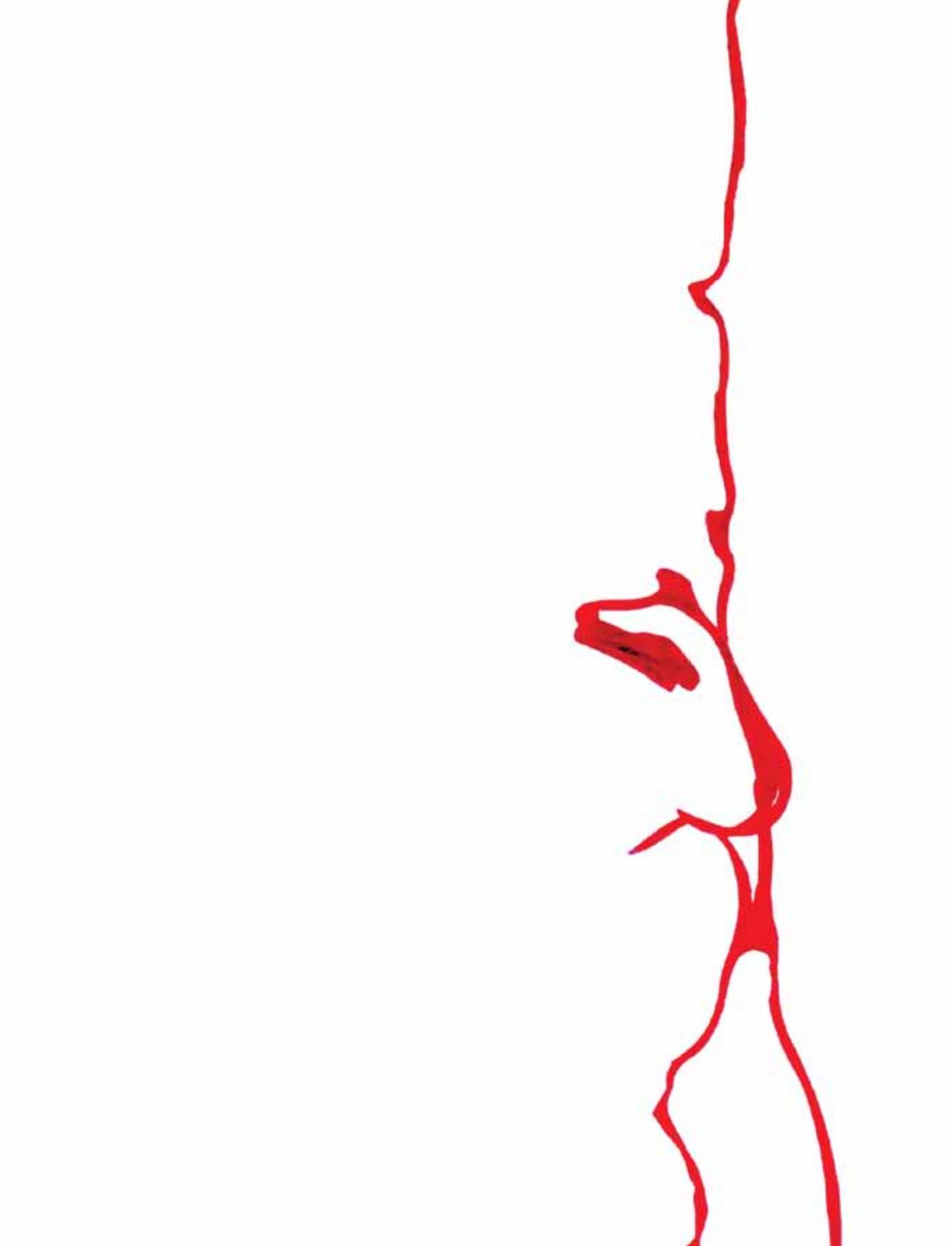
- SUSTENTAR A folha SEM VINCAR
- PROMOVER PENDURAR
- BAMBU













JÓIAS COMO PROTEÇÃO PESSOAS COMO PROTEÇÃO
GNOCAR - A PELA GRADAO

GLAR ENHEITO ADORNO JÓIAS
SE APROFUNDAMOS NA ESPIRITUALIDADE
NA SOCIEDADE DE HOJE ~~TAO CORRUPCION~~

PORQUE AS PESSOAS SE ENFEITAM

ANTES... OS ÍNDIOS SE ENFEITAM P/ SE PROTEGER OCIDENTE
ADORNOS ESPECÍFICOS PL CAÇA ELAS IMITAM A ONÇA PL ELA N PERCEBER A
SUA PRESENÇA

PORQUE AS PESSOAS SE ENFEITAM

EXISTE SEJA COMO UMA ^{OPORTE} RELÓGIO CARA E EXISTE UM TRABALHADOR
QUE JUNTA SEU SALÁRIO P/ SE ENFEITAR COM AQUELA CORRENTE
EXISTE UM HOMEM QUE PODE ~~LEVAR~~ AQUELA CORRENTE
DAQUELE TRABALHADOR.

EXISTE UM COLAR CHAMADO TOÇO OUTRO CHAMADO JUZO OUTRO
CHAMADO GURA INFINITOS SÃO OS ~~COLAR~~ RELIGIOSOS.
OUTRO CHAMADO JAPA - MALA...

O SER VIVO MORALMENTE SIMBOLIZA UM OBJETO COMO PROTETOR
AS VEZES SIMBOLIZA UM COBERTOR

PRECISO É TRAZER ~~TE~~ AMOR ~~OS SER VIVO MORALMENTE SIMBOLIZA~~
SE ENFEITAM ~~P/ SE PROTEGER~~ OUTRO SER VIVO COMO PROTETOR

OS ÍNDIOS  SÃO INDIVÍDUOS QUE VIVEM EM ALDEIAS, FAZEM RITUAIS
E REPARTEM COM ANCESTRAIS.

ELAS SE ENFEITAM P/ SE PROTEGER A ALMA.
P/ ONÇA, P/ GALHEITA, P/ ~~ONÇA~~ NAS MUNDANAS DAS ALMAS

OS ÍNDIOS QUANDO SAEM P/ CAÇAR A ONÇA SE ENFEITAM ^{IMITANDO} A ONÇA P/ NÃO SEREM PERCEBIDOS.

OS ÍNDIOS SE ENFEITAM P/ SE PROTEGER
PORQUE ELAS ACREDITAM QUE AS PESSOAS SÃO O ENFEITE DO MUNDO.
~~ELAS~~ SÃO VIENTOS DE UM CORDAO, UM CORDAO UMBILICAL
QUE NOS LIGAVA AO ÚTERO DE NOSSA MÃE.

IDENTIFICO TODOS NÓS SOMOS CONECTADOS
CONECTADOS P/ UM CORDAO.

UMBIGO É UMA GATE E UMA CICATRIZ E RUPтура E POR ISSO MESMO
UMBIGO É UMA GATE E UMA CICATRIZ E RUPтура E POR ISSO MESMO
DE QUEM SE CONECTA

DE QUEM SE CONECTA
JÓIAS DE
NO UMBIGO ESTÁ GRAVADO A MEMÓRIA

Voto
as pessoas

CO O BRILHO

Mestras que ELAS

AS PESSOAS

*

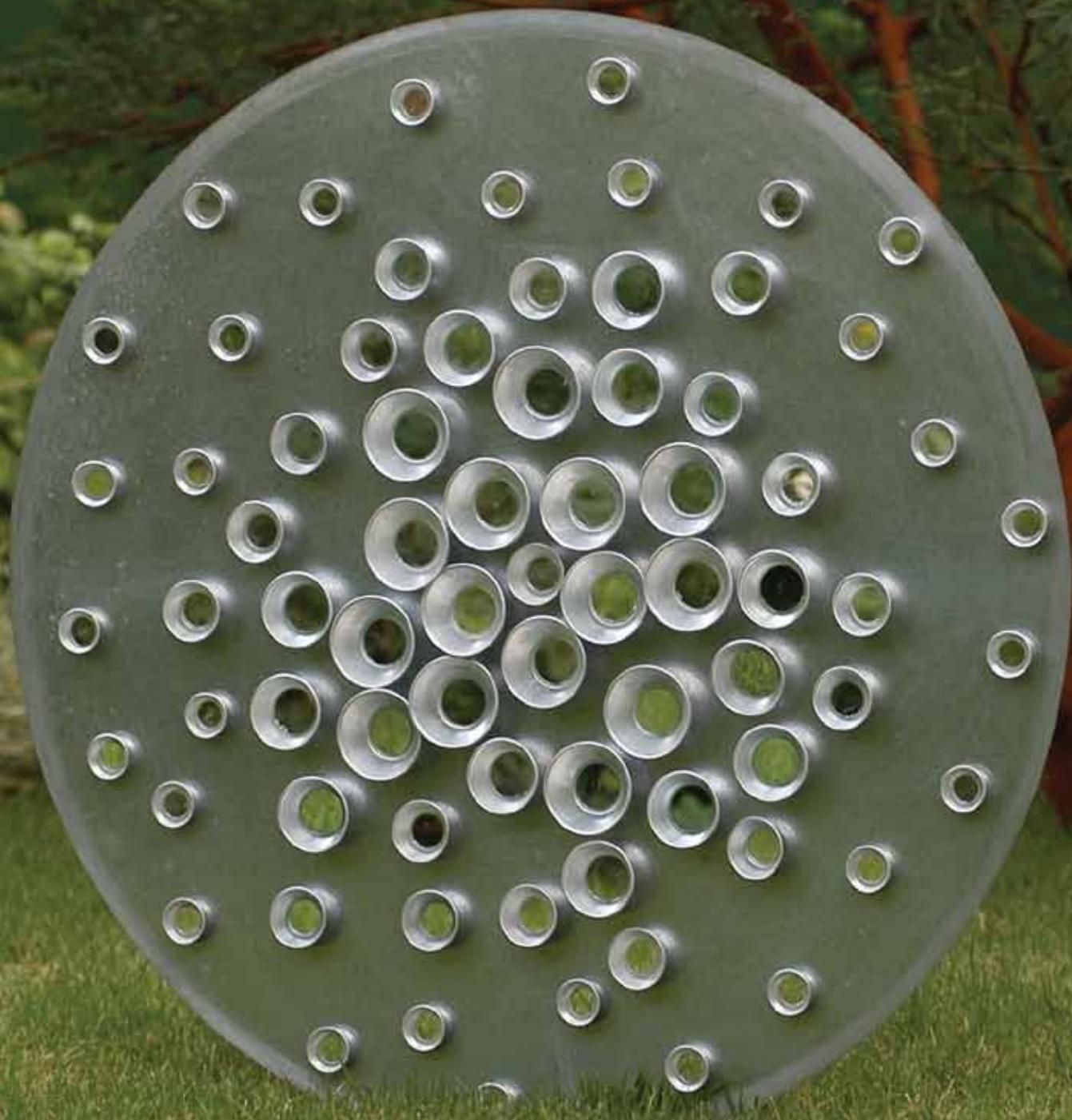






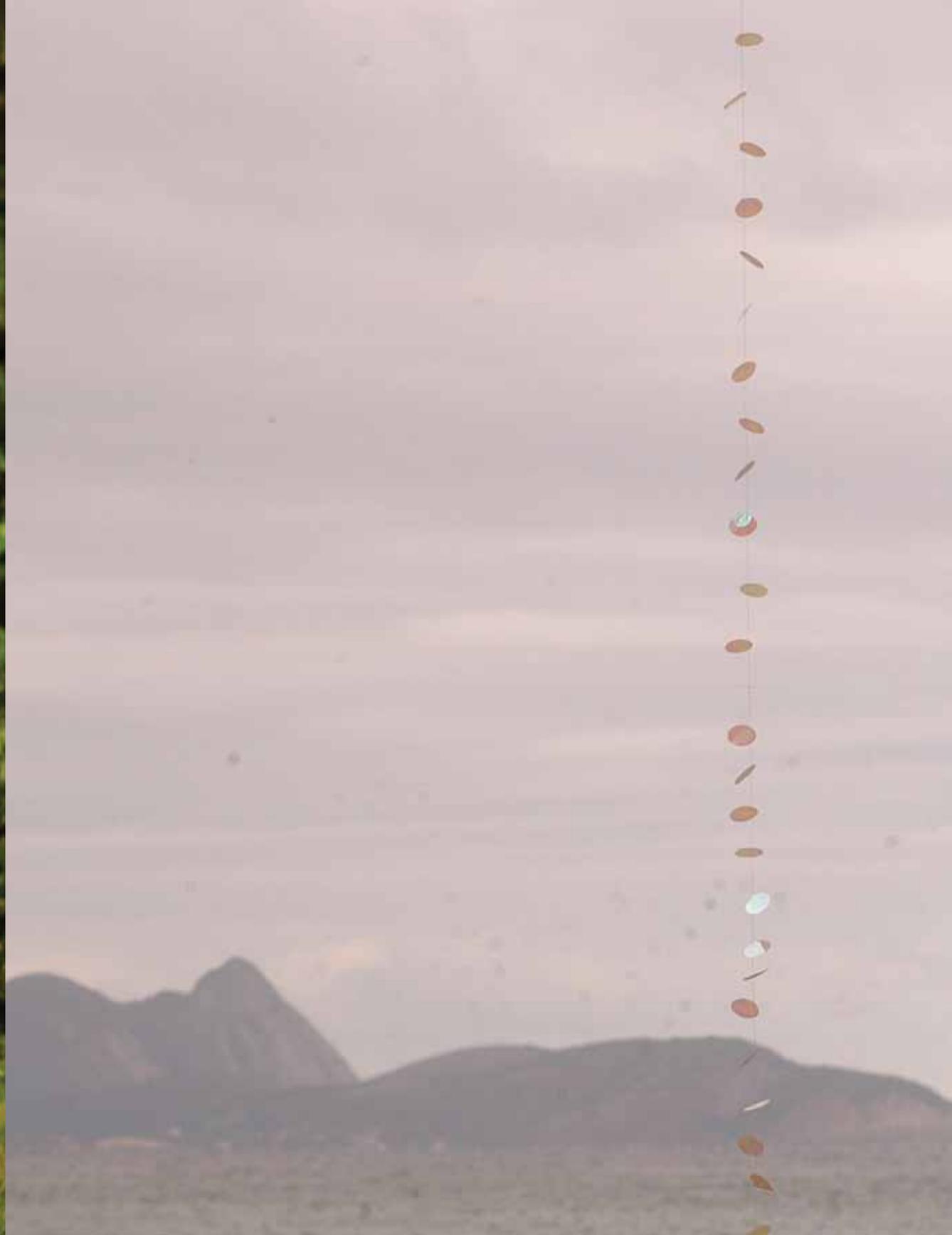


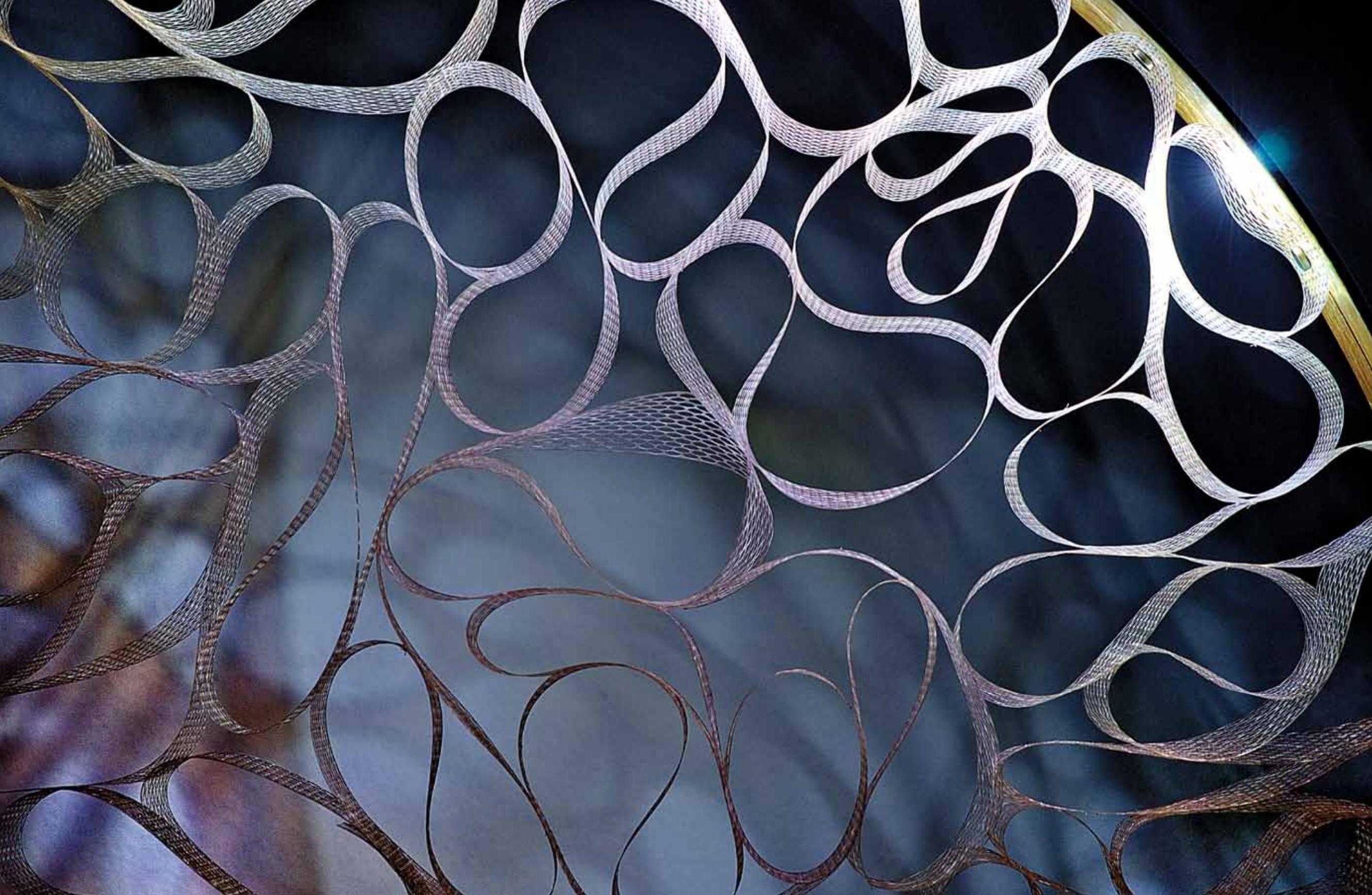


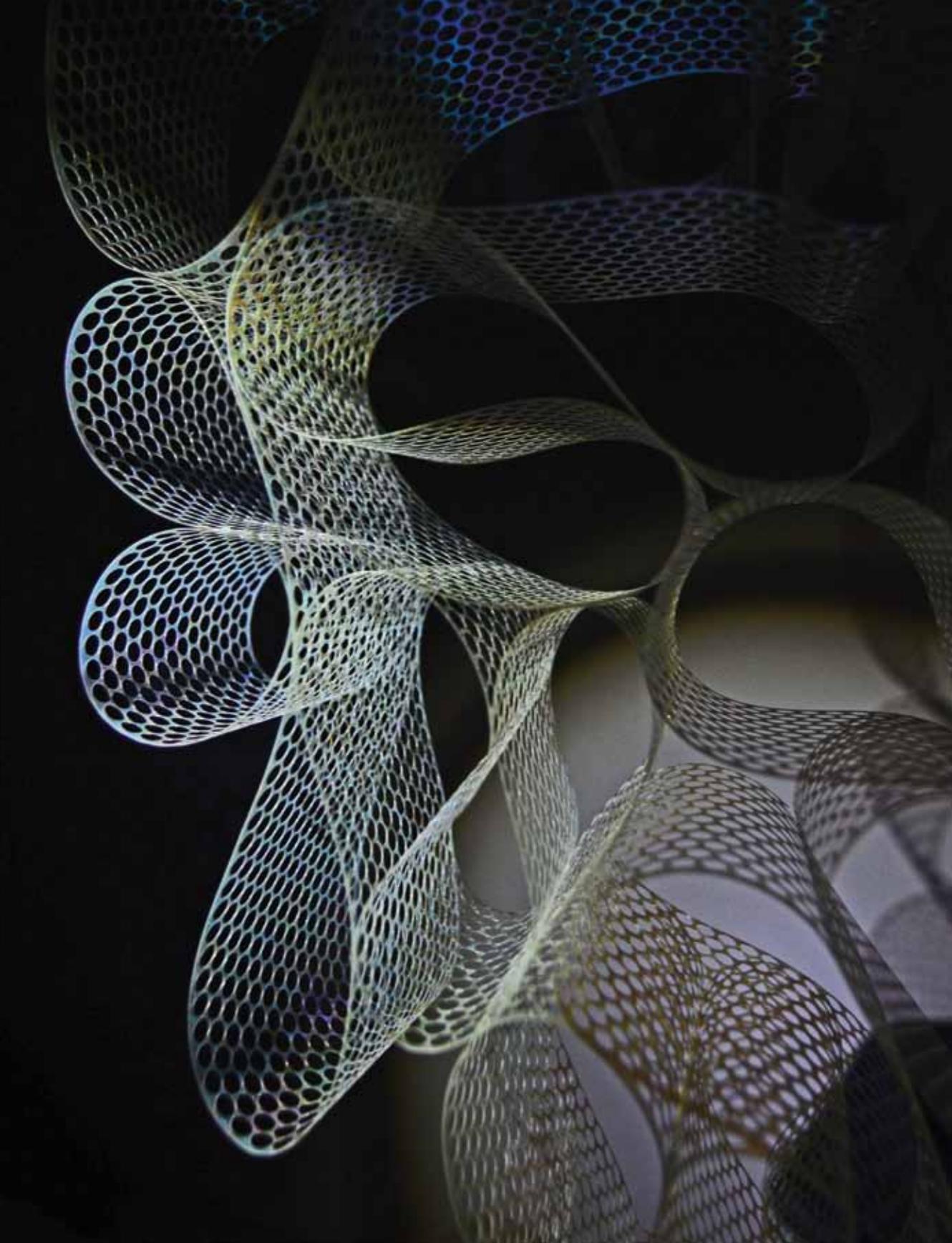
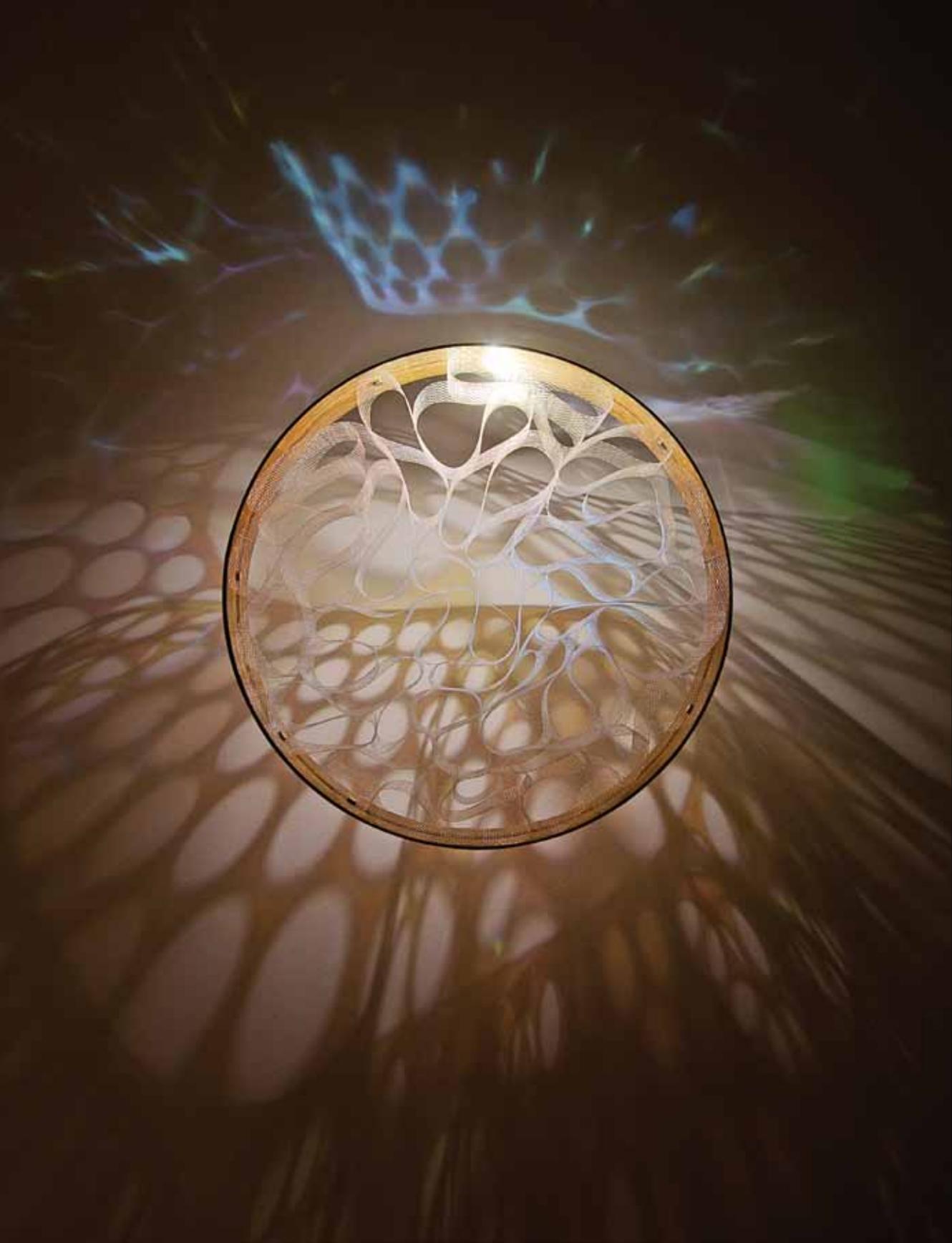








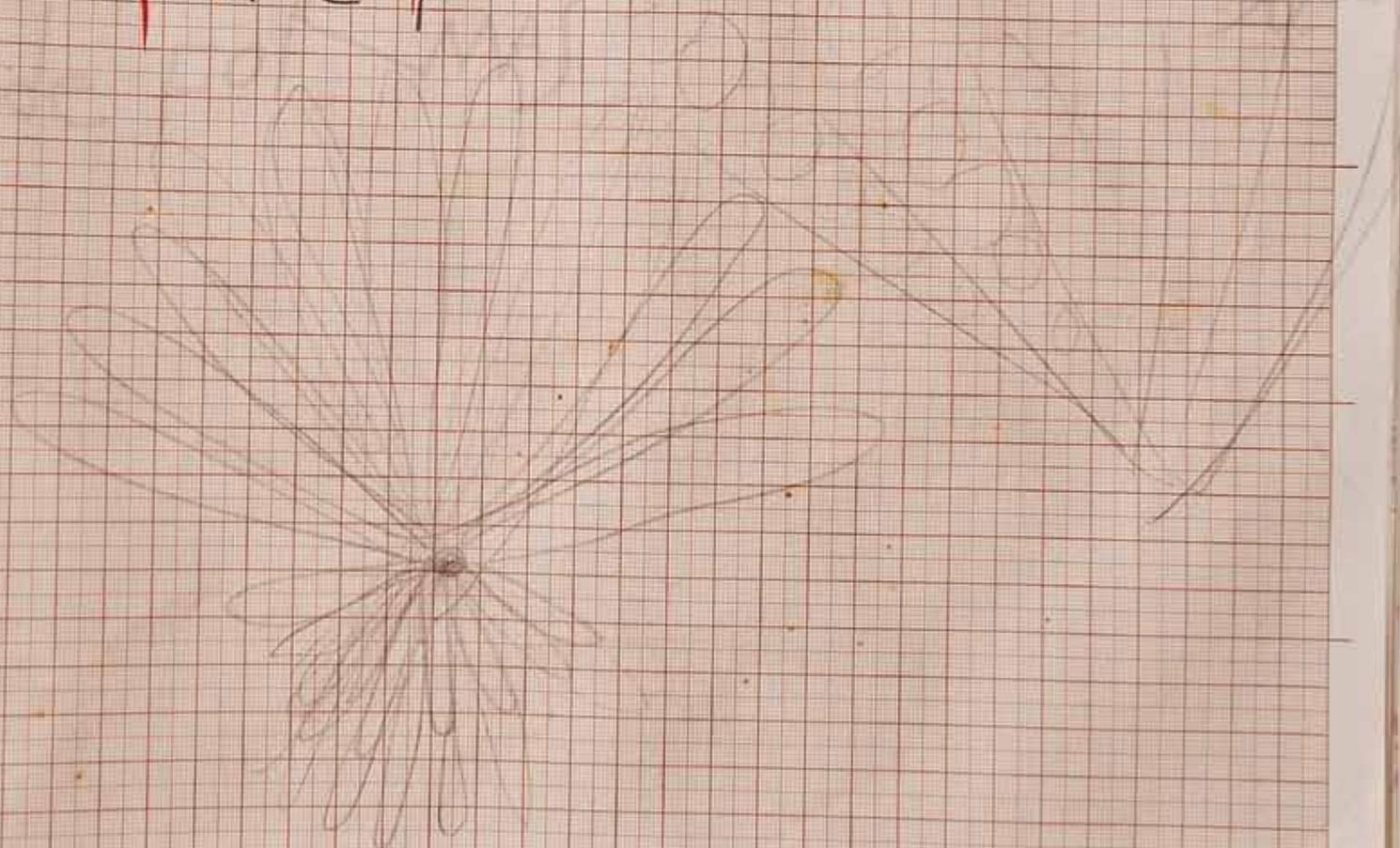






p jo, 4 de feve
ro
2009

| Leave de LATA





JOHNNIE



CONTÉM: ÁGUA, MALT
CEREAIS NÃO MALT
LÚPULO, ANTOXIDANTE
ESTABILIZANTE E TINTURA

class II
Malt Max 2.8

ABRO BR
VR 0492-961 7

R\$1 6 005 C

UVA



BINDING



0,33l e
BEER - BIÈR

BEER - BIÈR
CONTÉM: ÁGUA, MALT, CEREAS NÃO MALT, LÚPULO, ANTOXIDANTE, ESTABILIZANTE, TINTURA, ÁGUA, AÇÚCAR, ACIDEZANTE, ÁCIDO LACTÍCO, ÁGUA NATURAL, SAZÃO, AROMATIZANTE.

BEER - BIÈR



CR. FLY



GUARANA
BRANCO
CONTÉUDO 350ml



ANTARCTICA

UVA

350 ml

REFRIGERANTE DE UVA







AMBIENTES PEDAGÓGICOS

DANIEL CYWINSKI

A artista plástica polonesa, pensadora da educação e da arte, Fayga Perla Ostrower, é autora de uma frase que considero especialmente mágica para aqueles que possuem nos processos de criação artística um caminho para a vida:

“O Homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa. Ele só pode crescer, enquanto ser humano, pesquisando, dando forma, criando.” (Ostrower, 1987).

Mágica frase que organiza em palavras, de forma única, o encanto que o Homem tem em criar, em dar forma, em produzir e organizar em matéria o que seu universo mental é capaz de produzir.

Sem dúvida nós, seres humanos, sempre criamos, sempre procuramos formas de materializar, de simbolizar, de representar e, portanto, de comunicar nossos sentimentos e percepções do mundo.

Uma vez que biologicamente iguais, não há razão para duvidarmos que nossos ancestrais não faziam algum tipo de arte, seja verbal, seja material, musical ou performática. Para além daquelas perenes pinturas rupestres, outras formas de arte foram realizadas e perdidas pela incapacidade de registro.

Diante dessa constante reflexão, como educador, entre muitas tarefas que me cabem, me esforço para facilitar, de fato, processos de criação nos ambientes de educação em que estou inserido.

Por mais que me empenhe nessa direção, luto permanentemente em busca desse momento, da mistura dos elementos que criam a condição do verdadeiro e do profundo processo de criação no grupo de trabalho.

Sem desprezar resultados conquistados, mas de forma sincera, confesso, sem nenhum receio, que não encontrei pessoa mais capaz de criar tais condições que Mana Bernardes.

De forma rara e absolutamente visceral, a (também) educadora Mana domina as chaves que abrem as portas que separam o educando do processo de criação. O resultado de tal dom ou, para alguns, técnica é incrivelmente surpreendente, e acontece na forma de uma materialização coletiva de arte, que de certa forma transcende a autoria, sendo um resultado de expressão única, alcançando o limite que se pode atingir em um momento de educação criativa. Sua facilidade de estabelecer a conexão entre o educando e o momento da criação livre é no mínimo surpreendente, não tem princípio nem estratégia, é no meu entender sua verdadeira arte.

Mana descreve seu trabalho como educadora em metodologias e oficinas, é capaz de sistematizar sua prática e até dar palestras sobre, mas ineficiente será quem racionalmente seguir seus passos, pois tal habilidade é intangível, pode apenas servir de inspiração.

Mana Bernardes tem a habilidade de conectar pessoas aos universos mais intensos da criatividade. É, para mim, portanto, no exercício de educadora, uma senhora capaz de produzir o encontro verdadeiro do educando com seu universo interior, aquele que poucas vezes na vida é acessado, a não ser por aqueles raros sortudos, os artistas.

Rompe, por meio de suas habilidades (estratégias) de trabalho como educadora, as fronteiras que limitam os educandos da realidade da repetição, e assim catalisa o desenvolvimento e a percepção de novas possibilidades simbólicas, estéticas.

Como protagonista da vanguarda, une essas estratégias de educação a superação dos desafios sociais e econômicos, e cria assim caminhos de desenvolvimento humano, social, cultural e econômico, ofertando produtos de educação completos, capazes de interligar o desenvolvimento individual e coletivo, e tendo como resultado a possibilidade de transformação da arte em ferramenta de política de desenvolvimento social.

É por isso, e nada mais, que tenho Mana como exemplo único e inigualável de educadora. Salve essa querida e linda educadora Mana Bernardes!

Daniel Cywinski é educador com mestrado pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e gestor da Associação Cairuçu (Paraty/RJ).

Pedagogical Environments

Daniel Cywinski

Polish artist and critical thinker (principally in the areas of education and art), Fayga Perla Ostrower, is the author of a phrase that I find especially magical for those who have chosen an artistic path in life:

“Man creates, not only because he wants to, or because he likes to, but because he has to. He can only grow, as a human, researching, giving form, creating.” (Ostrower, 1987)

A magical phrase that puts forth in words the enchantment that man has in creating, in giving form, in producing and organizing, in materials, what his mental universe is capable of producing.

Without doubt, we humans, always create, always search for ways of materializing, symbolizing, representing and, thus, communicating our feelings and perceptions of the world.

Since we are biologically the same, there is no reason to doubt that our ancestors made art in some form, whether verbal, material, musical, or performative. Beyond those eternal cave paintings, certainly other forms of art were made and lost due to an incapacity to record them.

Given this constant reflection, as an educator, among the many other tasks that I am called to do, I try to facilitate creative processes in the educational environments of which I am a part

No matter how much I would like to progress in this direction, it is a constant

struggle to find that moment which is born of a mixture of elements to provide the conditions for a true and profound creation process in the work group.

Without gainsaying the results achieved, and without hesitation, I sincerely confess that I have not met a person more capable of creating these conditions than Mana Bernardes.

In a rare and absolutely visceral way, Mana, (also) the educator, possesses the keys to open doors that separate the student from the creative process. The result of this gift, or some might call it technique, surprisingly occurs as a collective expression of art, transcending authorship, a unique manifestation at the true limits of what can be done in creative education. Her ease in establishing a connection between the student and the moment of artistic creation is, at minimum, unexpected, it has no beginning and no strategy, and it is, in my understanding, her true art.

Mana describes her work as an educator in methodologies and workshops, she is capable of systematizing her practice and even giving lectures about it, but it would be inefficient for anyone to rationally try to follow her steps, since such ability is intangible and can only serve as inspiration.

Mana Bernardes has a way of connecting people with the intense universes of creativity. For me, however, it is in her work as an educator, a woman capable

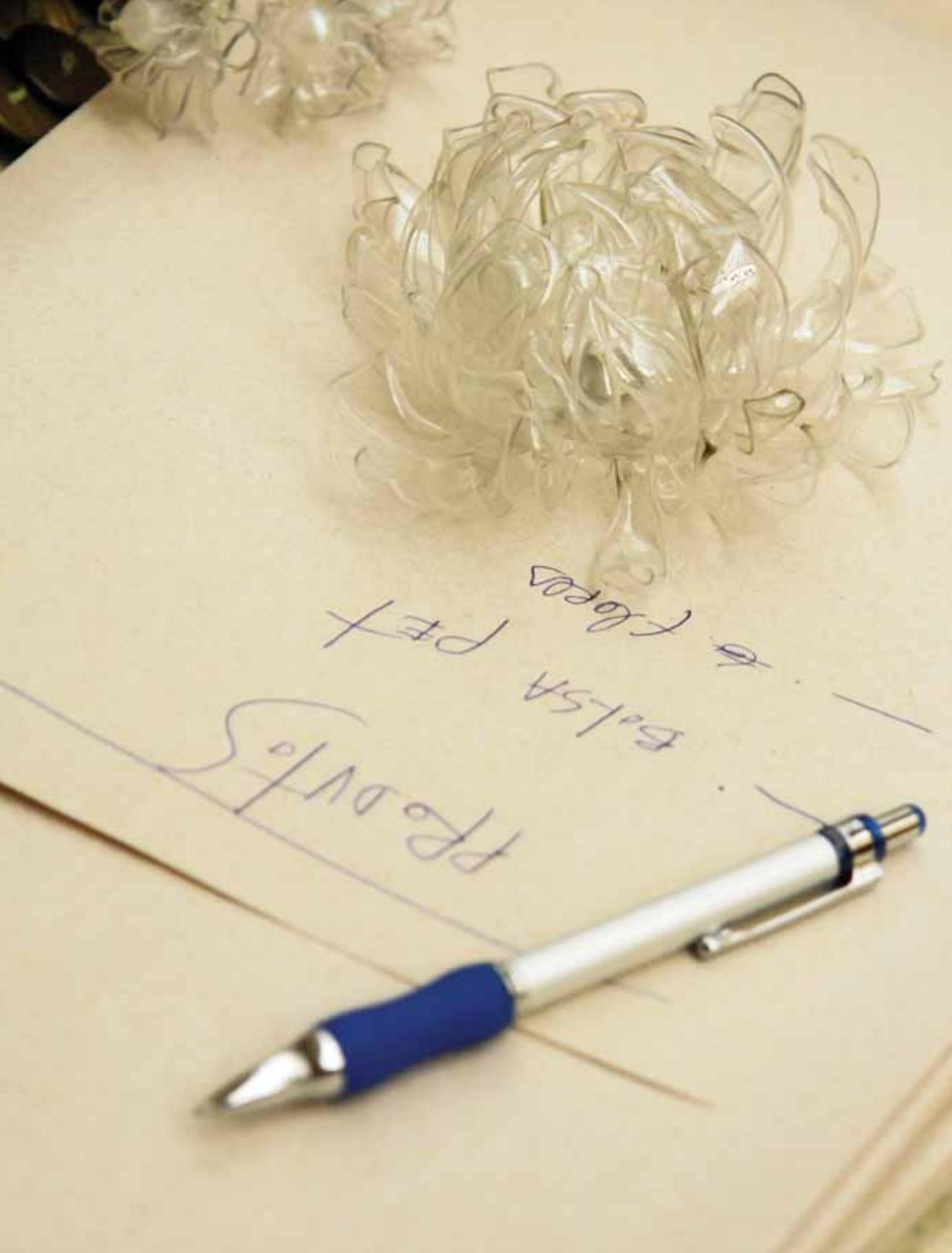
of producing a true connection between the student and his/her interior self; that self that is rarely reached in life, if not by those rare lucky ones, the artists.

By her abilities (strategies) as an educator, she breaks through barriers that block students from repetitious reality, and thus catalyzes the development and perception of new symbolic and aesthetic possibilities.

As a protagonist of the vanguard, she combines these educational strategies to surmount social and economic challenges, thus creating both individual and collective pathways for human, social, cultural and economic development resulting in the possibility of transforming art into a policy tool for social development.

For this, and no other reason, I hold Mana as a unique and unequaled example of the educator. Hail the beautiful and beloved educator Mana Bernardes!

Daniel Cywinski is an educator with a Masters from the Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (College of Public Health at the University of São Paulo), and manager of Cairuçu Association (Paraty/RJ).









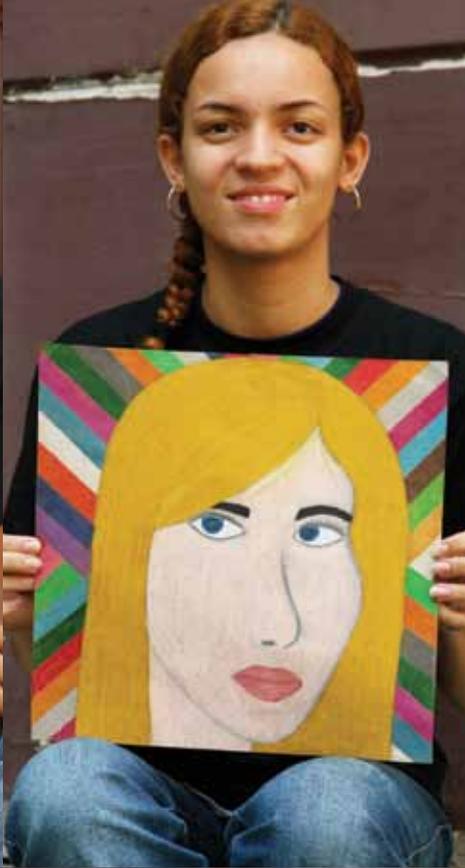














Fazer uma escola
 é como ~~criar~~ calcular
 a estrutura de uma edifício
 nossa escola por São Paulo
 com alunos felizes
 com senso de responsabilidade
 qualquer coisa
 significa possibilidade

uma escola que está nascendo
 é um assunto entusiasmante
 e uma concentração pois assim
 como um engenheiro que erra
 um cálculo estrutural

uma vez ~~fazendo~~ fazendo
 "faculdade de fazer
 NATURAL DE PERMISSÃO
 LICENÇA OU PERMISSÃO
 que se do, a
 A quem?
 DIGNIDADE HUMANA

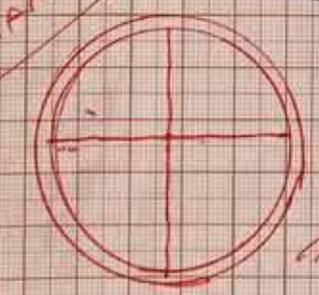
Sistema Produto — 3 JAN 2007

TODA A CADERA DE E

o futi me convidou em novembro

A POSSIBILIDADE DE LEVAR
 HISTÓRIA DE VIDA ATRAVÉS DO
 OBJETO
 HISTÓRIA DO OBJETO ATRAVÉS DA
 VIDA

PARA A POLITECNICA DE FORTO FLORIDA
 me apresento
 feita

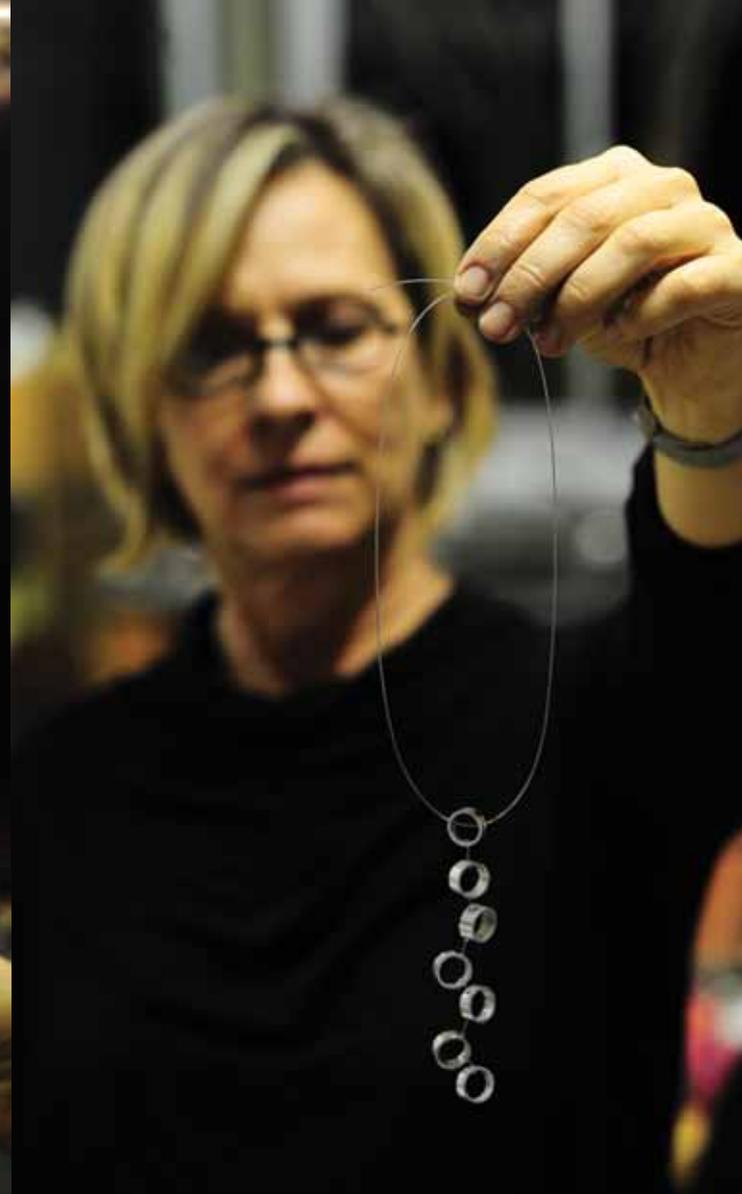












NATAL DA TRANSFORMAÇÃO
Um Projeto de CENOGRAFIA,
EDUCAÇÃO e SUSTENTABILIDADE

~~PARA~~

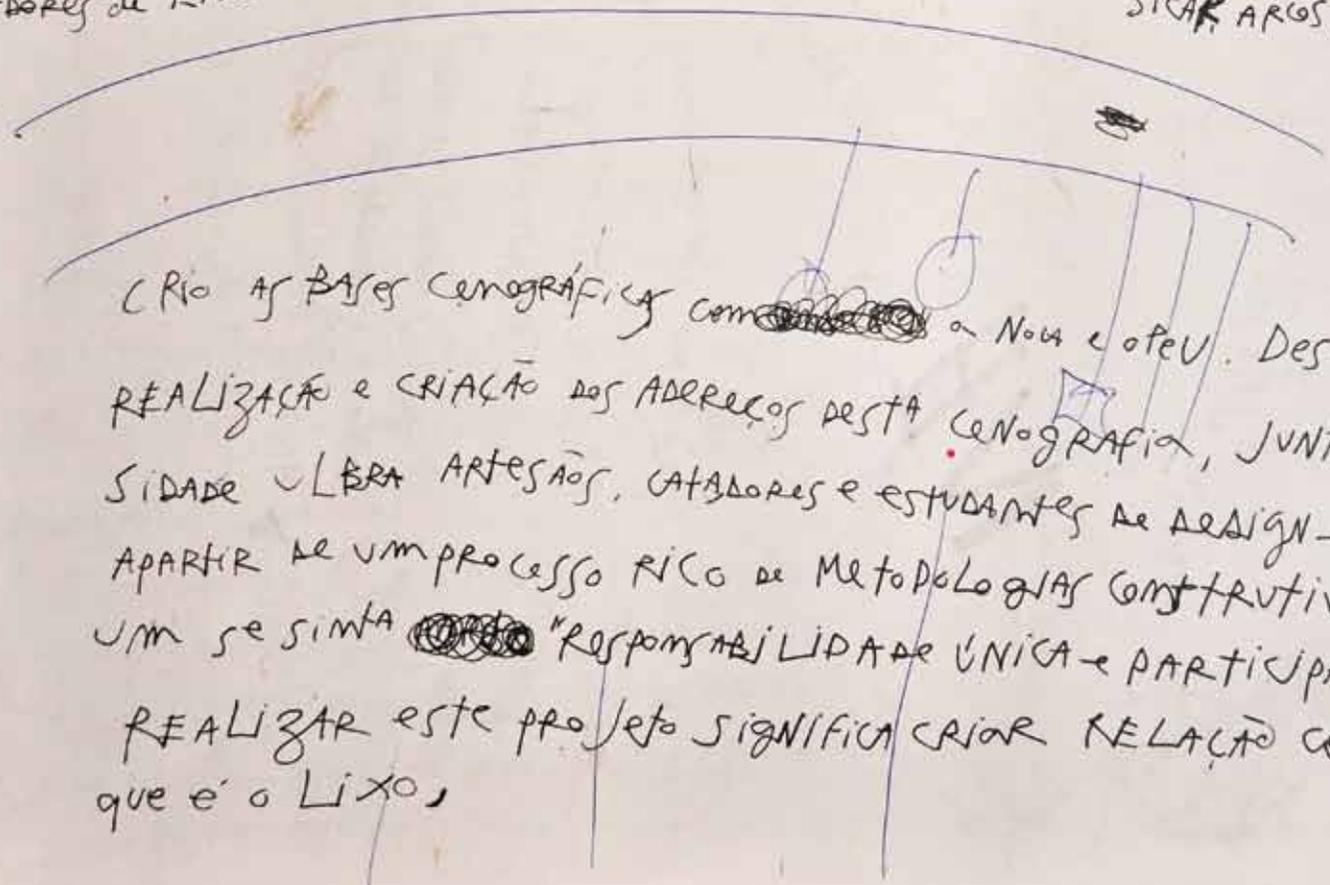
QUANDO A PRIMEIRA DAMA HAIS PENA
ME CONVIDOU PARA FAZER O NATAL DO CANOAS

pensei

~~pensando~~ ~~em~~ ~~criar~~ ~~um~~ ~~sistema~~ ~~de~~ ~~cenografia~~, EDUCAÇÃO e SUSTENTABILIDADE

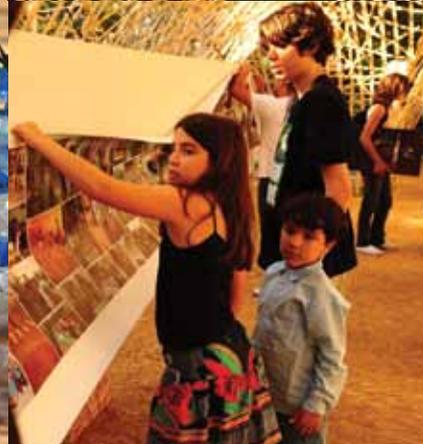
~~em~~ ~~criar~~ ~~um~~ ~~sistema~~ ~~de~~ ~~cenografia~~
CURSOS PARA GRUPOS DE ARTESÃOS, UNIVERSITÁRIOS
CATADORES DE LIXO

Elegidos os pontos, os materiais
da cidade
LIXO, as BASES ESTRUTURAIS ^{existentes} postes, grade
SICAR ARCOS, PORTAIS ^{de metal ou ferro}, os enfeites,
BÁSICOS



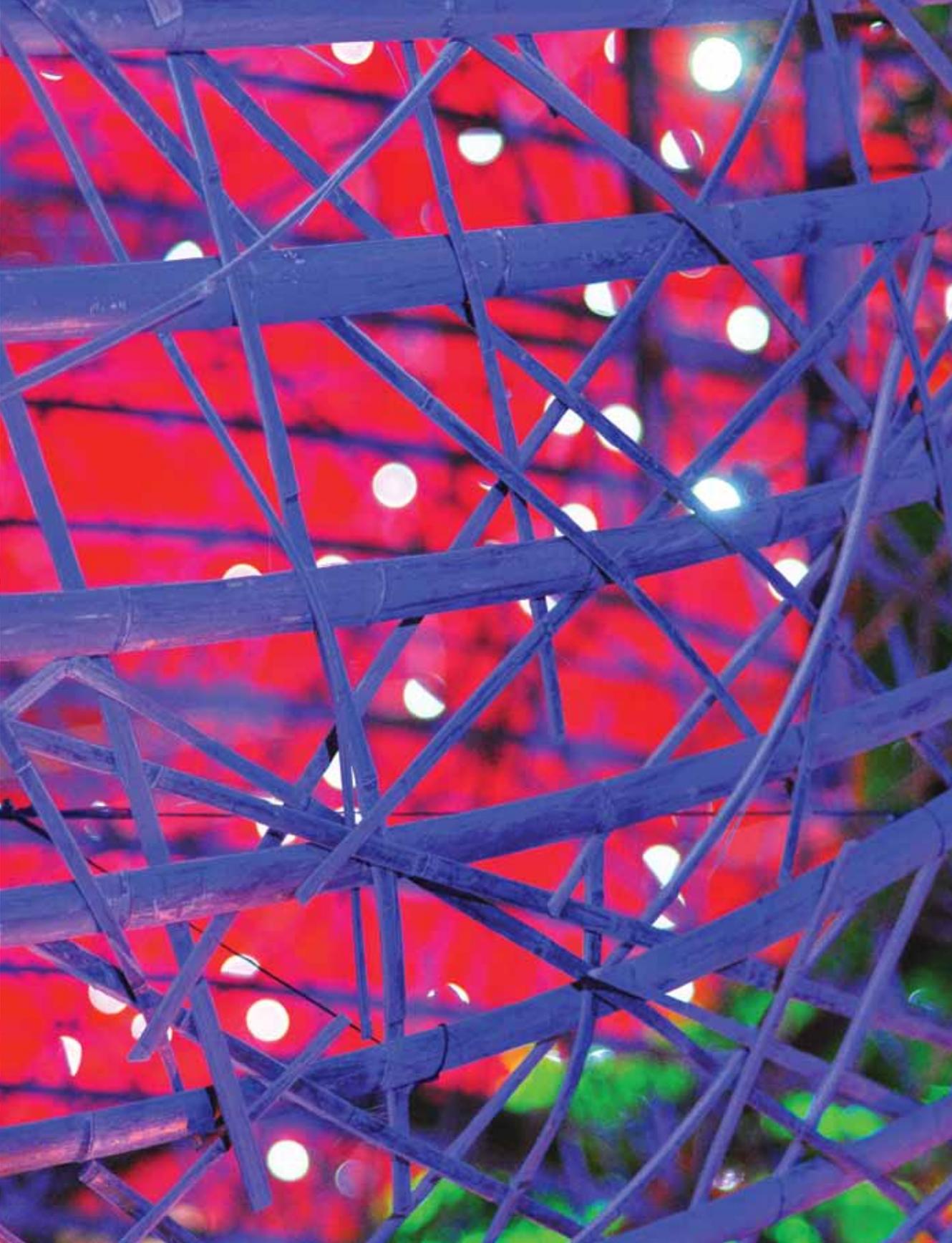
CRIO AS BASES CENOGRAFICAS ~~com~~ a NOVA e o FEU. Desenvolvo CURSOS PARA A
REALIZAÇÃO e CRIAÇÃO dos ADEDECOS desta CENOGRAFIA, JUNTAMOS DENTRO DA UNIVER
SIDADE ~~UMA~~ ARTESÃOS, CATADORES e ESTUDANTES de DESIGN e ENTRAMOS em PRODUÇÃO
APARTIR de um processo RICO de METODOLOGIAS CONSTRUTIVAS afim de que cada
UM se sinta ~~com~~ "RESPONSABILIDADE ÚNICA e PARTICIPAÇÃO ESSENCIAL".
REALIZAR este projeto SIGNIFICA CRIAR RELAÇÃO com um problema
que é o LIXO,





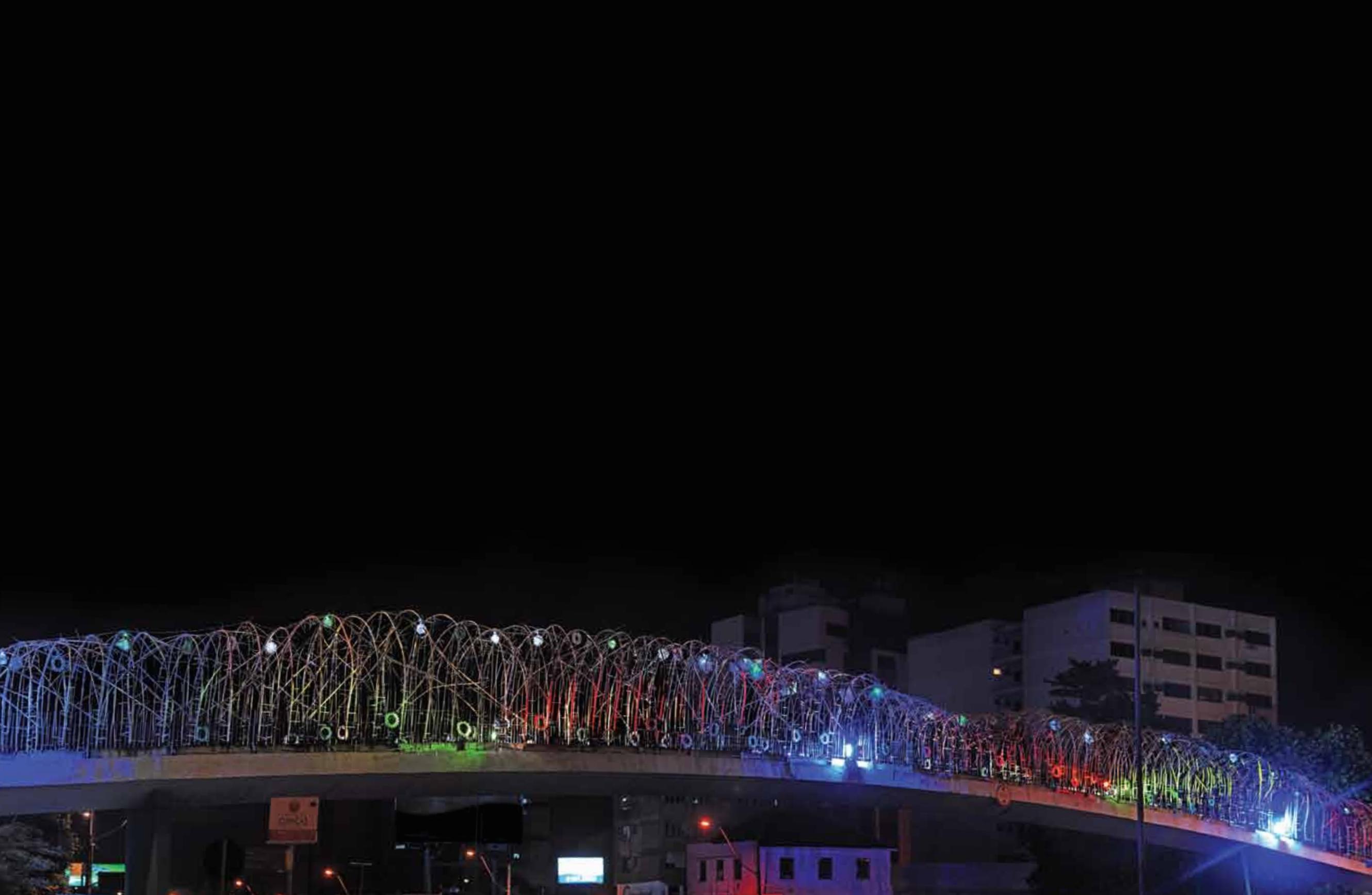








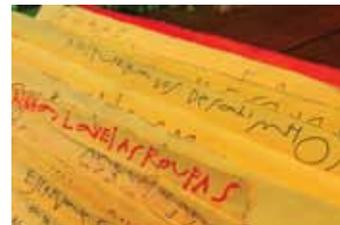








LEGENDAS
CAPTIONS



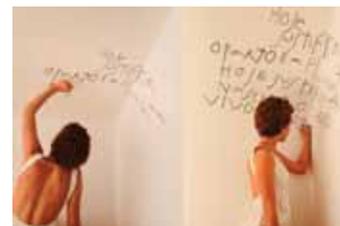
P. 26-29
Manuscritos em lâminas de madeira,
sem data
*Manuscripts in wooden veneers,
no date*



P. 36-39
Instalação audiovisual Manuscritos, 2011
Concepção espacial de Renata Seripieri,
banco de Hugo França, trilha original de
Pedro Bernardes, projeção e *mapping*
de Bruno Queiroz e Augusto Amaral.
*Audio Visual Installation
of Manuscripts, 2011
Spacial concept by Renata Seripieri,
bench made by Hugo França, original
score by Pedro Bernardes, projection
development and mapping by Bruno
Queiroz and Augusto Amaral.*



P. 50-51
Desembrulho Poético "A Milionária
Austera"
Manuscrito "Mulher muito distante"
em papel Kozo Kamori, 1999
*Poetic Unwrapping "The Austere
Millionairess."
Manuscript "Very Distant Woman"
on Kozo Kamori paper, 1999*



P. 30-35
Manuscritos na parede, 2011
Manuscripts on the wall, 2011



P. 40-49
Desembrulho Poético, instalação em
processo
Material: caixa de maçã, papel Canson®
tingido com manuscritos bordados
*Poetic Unwrapping, work in progress
Material: Apple box, dyed Canson®
paper with embroidered Manuscripts*



P. 52-53
Rascunhos de manuscritos, sem data
Manuscript drafts, no date



P. 54-55

Manuscrito sem título em caderno milimetrado, sem data

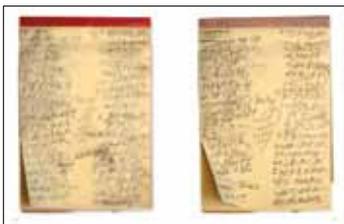
Untitled Manuscript on graph paper, no date



P. 60-63

Série de Manuscritos em papel aquarelado (120x80cm): "Costureira de desalinhos" "Combinada de mar e atordoada de resto", "O homem preso no medieval" e "Toda coragem é uma escrita"

Manuscript series on watercolor paper (120x80cm): "Seamstress of Untidy Lines," "The Combining of the Sea and the Dizziness of the Rest," "The man caught in medieval times," and "All courage is writing"



P. 56-59

Manuscrito "no meio do terreno uma mesa fincada ao sol" em caderno de papel vegetal, sem data

"A table stuck in the sun in the middle of the terrain" in a notebook of tracing paper, no date



P. 64-67

Manuscritos "UMA"
Manuscritos bordados na coleção inverno/2009 da UMA, de Raquel Davidowicz

*Manuscripts "UMA"
Manuscripts embroidered on Raquel Davidowicz' UMA Winter Collection/2009*

MANA BERNARDES
MANUSCRITOS

P. 71

O que in, vento sai.

P. 73

Sobre
a forma sei
que detesto
ideia
fixa.

P. 75

Contava com o céu pra tudo.

P. 77

O
lugar
que não
existe
é pra onde
eu vou
quando
pre
ciso
criar
lá
tudo
passa.

P. 79

A milionária austera
Caminha linda
com suspiro
de alívio
pelo corpo
saboreia
e tem cara
de paisagem
de verdade
ela sai e

andarilha
a esmo
passos são
em via
dutos on
de entra
nha túnel
sem vento
e volta
já a noite
sabe ser
de banheira
enlavandada
cumprimenta
a lua
curte
o vento
já brisa
na dança
onde o
baile é
brando
na seda de
suas fábricas
a nudez é
sua mesmo
que vestida
pois suas saias
sabem
que devem
flutuar
ali é hora
de seu
par ele
conversa
como olho
nada diz
só pro
clama

em silêncio
um cheiro
de manjeri
cão invade
a pista
e eles
entram
na música
de mergu
lho ele
conta dos
peixes
e tem
cara de
veleja
das faz
da arquite
tura seus so
nhos no
meio do
passado de
um lado para
o outro ela
tropeçou
e ele se
gurou muito
bem.

P. 81

Um silêncio muito
grande
fazia até as nuvens
pararem.

P. 83

Nada compreende só o céu
compreende.

P. 85
Pequenos gestos
são enor-
mes
quando se está
exausto.

P. 87-91
É como
se eu
pudesse
dormir
as his-
tórias
do sonho
e acordasse
avessa
só ao
lápiz
vareta
do maestro
em frente
ao oceano
onde
os ventos
são do céu
e as cores
são azuis
no de repente
cinza
relâmpagos
atropelam
só disse
que dissolve
cansei
de ir
longe
me
volta
pra perto
tô na

cama
acabei
de dormir
meus
sonhos
preciso
de um
lápiz
mais
do que
deles
da coragem
de um
papel
que faça
já é dia
tá mormaço
meio cinza
prateado
pássaros
calmos
cama plena
mar amigo
das sereias
mangas
firmes
nas
manguei-
ras
música do
mundo nes-
te pedaço
o que
antes
é agora
aperto
macio.
Na gargalhada
dos bambus
à cestaria
onde

o vento
faz barulho
e o chinês
suas
moradas
parecem
gargantas
vegetais
ou ins-
trumentos
de sopro
fincados
vou ao
moço
que
faz cesto
e a mulher
que colhe
frutas
pois
aqui
não há
espelho
e eles
são
da onde
estou
vou
ver neles
o que há
sempre
dança
há de haver
amanhã
vou me
curvar
pois será
noite de
colher
fibras
não que

ro cesto
sem dura
ção
por isso
recorro
ao tempo
certo
da colhei
ta eles
sabem mas
volto pelo
mesmo
céu de
sabedoria
e mar
desconhe
cimento
só olho
no olho é
alento
no meio
Desta
imensidão
acordo
pra ler
os gestos
da bahia
plena
de brisas
embaixo
do mosqui
teiro
tão
singelo
e imperial
quanto
às
flechas
da conquista
e os tambores
eternos

como
acordar.

P. 93
No papel
não
caberia
o que no corpo
já não cabia
na poesia caberia.

P. 95
O que não vejo é
tempo.

P. 97
A luz
percebida no breu
se faz estrela.

P. 99
Apenas o essencial
sustentado por sonhos fica.

P. 101
Um dia tinha um homem
meio cascudo
como casco de tartaruga.
Uma mulher não sabia
o que fazer.
O dia de hoje era um
dia a mais que ele desper
tava sem dar bom dia
ela foi, e mandou
ele passear
era sol, sozinho foi ao
jardim de um parque
passou desesperado
sem perceber tropeçou
foi parar em cima de uma cri
ança que falou você já fez

carinho na
tartaru
ga?

P. 103
O desengonço
ficou buscando
roupa.

P. 105
Mãe,
Por que você
colecciona vasos?
— Porque
eles contêm
vazios
que me ajudaram
a criar vocês.

P. 107
Em
alguns
momentos
paro, ou melhor,
reparo.
Que nunca
paro.

P. 109
Mãe,
procurei pra você um pa
pel que respira, com estru
tura aberta e aparente.
Pra achar você tive que
ir neste papel. Nele perdi
teus consentimentos
e pude decidir as palavras.
Mãe,
Você é uma mulher cheia
de mundos e seu passeio
pelo universo de cada

palavra me faz
ter cuidado com o
meu papel.

P. 111
Um punhado
de opções
é super perigoso.

P. 113
Não omito
o voo que
faço pra andar
na linha
mas presto
atenção
nos gestos
e sei que
presto.

P. 115
Comecei
a pensar
já
faz
séculos.

P. 117
Sexo,
não
foi
falado
nenhuma
palavra,
caberia
aquele
orgasmo
único,
que me fez, que te fez,
que gera.

P. 119
Mulher passarinha
lavei as roupas até clarear
na beira do açude e resolvi
que hoje ia cortar meu cabelo
longo. Andando e no caminho
um passarinho mínimo, depena
do, sem ninho, eu verifiquei. En
tão fui cuidar, olhei no pontei
ro naquela estrada de terra
com a minha bacia de roupa
em uma única casinha tinha
um relógio de fundo. Olhei
eram 6 e um passarinho
novinho cuidei dele até
uma árvore chegar cheia
de folhas majestosas um galho
encaixado com o outro a cami
nha. Daquele dia não
passaria sem cortar meu
cabelo longo pra vestir no
dia seguinte aquela roupa que
clareei.

P. 121
Me esperei
em você
fui até os
murmúrios
do corpo com
o pé na lama
e os braços
a catar nuvens
você chegou
no tempo daquelas
voltas resolvi
falar sobre mil
coisas você perene
foi nas conchas
enquanto eu falava
busquei seu olho e

te trouxe para ficar
comigo. Na pedra aper
tadinhos o que tínhamos
era de equilibrar.

P. 123
Vou para onde a caneta me
levar.

P. 125
Na beira do limite
uma linha mole de
água é o horizonte.

P. 127
O poço
da infância,
onde estavam
todos:
adultos velhos se banhando.
Todos:
que antes eram crianças
riam da lembrança e a lágrima
escorrida no canto
do poço,
onde havia outras
crianças,
do lugar,
da única fonte, do banho.

P. 129
Já não sei onde
habita minha casa
ainda em duas manguei
ras
carregadas acho sombra
durmo e confio
que aqueles frutos
vão entender
meu cair
sem caírem.

P. 131
Crescer
é mais rápido
do que estruturar.

P. 133
Quando o que imagino habita
em letras relaxo.

P. 135
Palavras moles andando por
todo
o teto na disparada antes que
a caneta as comprometa
num papel
pegando delas
as lagartas
ainda nem
palavras
formadas
ainda
nem
voo
de
bor
bo
le
tas.

P. 137
Sobre menstruação
antes tudo rodou, rodou
tanto que ela caiu, e sem esco
var os dentes foi puxada pelo
sono
lá puxaram todos os sentidos
pra bai
xo e ela mesma era puxada pra
cima trazendo um peso muito
gran
de no centro de seu corpo. Quan

do no meio da madrugada ela
come
çou a ficar leve seus olhos abri
ram... e no primeiro respiro pós
tontura soltou o ar, colocou a
mão no vermelho gosmento
e sentiu que era seu. Mas tava
tão exausta que seus olhos
fecha
ram no inconsciente tava num
escorrega fazendo úhúú numa
praça onde mesmo sendo
muito
pequena mínima sua mãe
deixava.
No lençol que era o consciente ha
via manchas de bolas verme
lhas enormes que eram passa
das para o colchão e para o
enchimen
to passaram 4 dias.

P. 139
O desprezo
é uma arma.
Uma
pessoa
com
desprezo
é uma pessoa
em
posição
armada.

P. 141
Tenho
meu
corpo
como
casa
meu coração

meu cérebro
asa.

P. 143
É nos escuros
que
os contornos
são sagrados
ali nas
silhuetas
voga a imaginação
do que está contido.

P. 145
Quando
a rigidez tomar
conta
dos olhos
não
me enxer
garei
mais.

P. 147
Vou como um cavalo, embora
seja mulher, fujo do céu que
orienta, me aperto na distância
mínima
do olhar e me afasto. Nada
vale
enrolar onde o tricô foi feito
para aque
cer, nenhuma tripa de carneiro
costura o que tá aberto, só o
céu re
solveria mas sou mínima e
apenas
o brilho reluz. E do lado do
brilho
o sóbrio mastiga o vento
parece

alimentado mas sua carne pe
de outra, ri por dentro no ele
gante desfecho, me diz boa
noite
no fim do dia aonde as ovelhas
passeiam e entre viadutos e
santas ceias um homem falou
suas palavras foram comidas
e davam sentir alheios ao que o
mundo fazia, eles se atrapa
lhavam nas redes e dormiam a
marrados com o tempo de
desper
tador elétrico, lá onde as
estrelas não iam.

P. 149

A mulher do silêncio
O tempo ia virar, primeiro um si
lêncio muito grande fazia
até as nuvens pararem
tudo era estático como uma
fotografia. De prateado um
monte de pássaros
corria desesperadamente.
E o céu pretejava vindo detrás
do morro sempre o mesmo.
Na praia o mar trepidava e
nas pedras o mar batia tanto
como uma violência só permi
tida de mar em pedra. Na hora
do raio chegava com muita
água
do céu o barulho e tudo se me
xia, só a mulher que do si
lêncio acostumada fechava
as janelas da casa que o vento
batia e chorava porque o silên
cio era dela.

P. 151

Sonhos são
construções
do nosso
dinamismo
interno
e veias
fazem
circular.

P. 153

Em cada
espaço a memória
cresce, se alas
tra
e silenciosa
estuda
o que quer
registrar.

P. 155

Tudo escuro
e um feixe solar
me acorda num
balé de poeiras
cósmicas.

P. 157

A história era de um homem
que acumulava gestos
acumulou tanto que desaprendeu
de tanto que ele queria ser
de tanto que ele queria fazer
de tanto perdeu o instantâneo,
e o instantâneo é espetacular.
Guardou por oprimir, guardou
pra si
em si fechou, e o universo
não escutou seus atos.
Ele internalizou e virou um
bicho

ele não conseguia nem mes
mo, é como se ele
tivesse morto vivo.
Por ter grandeza resolveu ficar
morto, por ficar morto resol
veu, e
viveu.
Quando ele viveu uma estrela
brilhou no céu e disse que o
acom
panharia, quando ela brilhou ela
morreu, e fez com que seu
brilho mais instantâneo ficasse
impresso nele.

P. 159

Faz
silên
cio
e olha pra quem
tá do seu lado.

P. 161

Como pedra olhei fixo, mas
as borboletas
passaram.

P. 163

Os olhos enchar
cados
de vista
somam
gaivotas.

P. 165

Escrevo
cada
letra
com medo
e quando
a palavra

acaba
me encorajo
e outra vem.

P. 167
A mulher aos poucos
antes de todos os pedaços
fez um
pedido, não era de se esperar
mas queria um perfume, a mis-
tura do sal das flores, o pedaço
do chão dos lugares, e os re-
talhos das coisas da terra
nem suspiro foi tempo
ele inebriou, quando o cheiro
chegou, foi assim, ele era
de se esfregar. Foi dos olhos
das coisas dos jardins do mun-
do recolhido. Quem fez o per-
fume era o homem antigo
que acabara de chegar, e ne-
la todo os esvoaçantes
véus prele agarrar o
corpo agora perfumado
neste cheiro da mulher aos poucos.

P. 169
Agora eu quero ver, sem
espelho e sem reflexo,
agora eu quero ver.

P. 171
Quanto
tempo
enganei,
até meus olhos
saltarem do meu
corpo nele permanecidos,
assim percebi que
o tempo era meu,
engano em permanência.

P. 173
No ápice de um vocabu-
lário encontrar
as palavras
e trazê-las
num berço
voador para
aconchegar de cada
canto os signos
ficados.

P. 175
A vida
é tão leve
no balançar
das correntes
que ela
pode
se expor
e se recolher calma-
mente.

P. 177
A mulher do oco sem fim
do oco sem fim surge ela mis-
turada e carregada de arqué-
tipos
exaurida por caminhar e per-
correr tan-
to passou ela batendo de por-
ta em porta
mais uma vez mais uma cidade
buscando ser
acolhida. Vestida de trapos
remendados
não tinha rigores, mas nem
tudo servia
aliás nada servia no seu mun-
do. Abor-
tou então los projetos e as
ideias de

tudo o que buscou, pós aborto
repousou
embalada por uma brisa e uma
canção.
Dormiu sem saber de onde
vinha aque-
la canção. Ao despertar um
longo
viajante lhe recebe com flores
e bom
dia. Impressionada ela passou
a chorar
e disse que ninguém a apa-
nharia de vi-
ver no mundo dela. A mulher do
oco sem fim buscava encontrar
uma linha que tua avó perdera
ao cos-
turar e tua mãe lhe ensinara que
valia milhões pois era ourícera.
Bom,
o homem passou a respeitar
aquela
mulher e no mesmo instante
de seu es-
perneio de lágrimas se afastou
dizendo te aguardo
lá fora. Ela, foi.

P. 179
O lugar
garantido
é o corpo.

P. 181
A exaustão
em si
despe o raciocínio
assombra os olhos
até caírem
do que estão achando

que veem mas é
ilusão
só o sonho é real
pois estamos inteiros
com os nossos corpos nele
e o que precisamos é só ar.

P. 183
Sobre o amor
nada escrito
terá coerência
de um corpo
que é completado
completo e des-
completo
com o outro.

P. 185
Agradeço
aos detalhes
por se prenderem
ao meu olhar
neles posso
me ver
dentro da retina de você
hoje
como
pedra
olhei fixo, mas as bor-
boletas passaram
com suas suaves
asas de sutilezas
cintilantes
por serem
elas magnéticas
as flores
boa noite poema vou dor-
mir pra parir meu dia em
sonhos.

P. 187
No meio
da página
o alinhamento invisível
de papel branco
o espaço é tido
paro no ponto
de coragem
solto minhas lágrimas
recém-nascidas
e o berreiro são
palavras por todo leite
no vazio
da página
há
cabo.

P. 189
O surfista
olha o
horizonte
cl clinicamente
escolhe por onde entrar
para não ser engo-
lido.

P. 191
O atordoado perdeu
o céu e ficou
buzi
nan
do
engarrafado no
seu Volkswagen.

P. 193
Se insistir
não é a solu-
ção
pro
curo

rápido
como uma criança que
a bola deixou es-
capar, mas sei que
um carro pode es-
tar em alta velocidade.

P. 195
Escrava de seu tempo
ela quase mijava nas calças
pra correr
até o banheiro, fazia sem parar
um
monte de coisas sempre e
quando para
va a cabeça girava e era apri-
sionada
pelo seu próprio ar, que tam-
bém não
saía de cima. O tempo aquele
colorido
que o céu mostra, ela colecio-
nava em
cartões-postais, pregava todos
de frente
pra cama onde seu olhar era
condicionado.
Às vezes despertava, via a
paisagem dos
cartões e um suspiro muito
levinho
se dava, acontece que a última
vez o sus-
piro virou lágrima que tava
condensada
e fez choro longo soluçante.
Seu patrão
neste dia a seu modo carinho-
so lhe presenteou
com muitos comprimidos e
um bilhetinho: para

sua angústia. Ela se encheu do remédio e ficou 3 meses sem nenhum suspiro. Quando no dia 28 olhando para os cartões exausta ao acordar suspirou sem querer, daí tinha que sair e saiu correndo para o trabalho soluçante. Sem conseguir falar perdia as ligações e os tão desejados recados do patrão toda vez que o telefone tocava ela olhava desesperada reparou tanto que viu que ali tinha um dicionário velho encapado e em angústia parou.

P. 197
Os suspiros dos olhos infantis atrás das excitantes coisas que se esvaem.

P. 199
A última gota do que é impossível pra mim é a morte, vou. Percebo a correnteza da vida e de gota em gota volto a correr.

Não preciso mais experimentar esta loucura.

P. 201
Nessas horas em que só mamar no peito resolveria em fase adulta fisicamente apenas a memória saliva.

P. 203
Neste papel eram flores de lírios perfumados e abertos com tanto amor confesso me em briaguei fiquei frágil como este papel, que toda hora parece que vai romper e rompe um pouquinho mas é nele que eu escrevo cada letra com medo e quando a palavra acaba me encorajo e outra vem.

P. 205
Por favor território vou atrás de uma memória da onde o amor gera flores minha bisavó com elas enfeitava suas tortas de nozes.

P. 207
A noite está azul daqueles que as hortências apreenderam.

P. 209
Que bom que existe céu em favelas, em hospitais, em ruas, em feiras, em centro, em cidades pequenas, em cima, na pista de voo.

P. 211
Se o que fica interroga o que sobra. O que fica é a alma e o que sobra é a matéria. O que sobra interroga o que fica. Vocês terão que caminhar sabendo deixar sobras para não se fartarem. As sobras são as matérias do espaço, e a alma que as domina. A conversa foi tão profunda que deu eco entre duas montanhas e toda

a aldeia veio
ouvir,
mas no que eles
chegavam as pa
lavras viravam
sussurros e depois
som soprado
e a única coisa
que eles
ouviram
foi
esta música,
feita por nin
guém, mas
que exis
tiu.

MANA BERNARDES
MANUSCRIPTS

P. 71
What I in, vent sighs.

P. 73
On
form I know
that
I detest a
fixed
idea.

P. 75
I counted on the sky for ev-
erything.

P. 77
The
place
that doesn't
exist
is where
I go
when I need
to create
there
everything
passes.

P. 79
The austere millionairess
Walks pretty
a sigh of
relief
through her body
she savors
and has the air of
the landscape
in truth

she goes and
roves
aimless
steps are
in via
ducts whe
re en
trails tunnel
windless
and she returns
after nightfall
knowing to be
of the bathtub
enlavendered
she greets
the moon
she enjoys
the wind
already breezes
in dance
where the
dance is
soft
in the silk of
her factories
nudity is
the same to her as
dressed
since her skirts
know
they should
float
there it's time
for your
pairing
he talks
withan eye
says nothing

only pro
claims
in silence
the smell
of basil
icum permeates
the dance floor
and they
dive
into the music
immersed he
talks about the
fish
and looks like
sailing
he makes
of archi
tecture his dre
ams in
the middle of
the pass from
one side
to the other she
tripped and he br
aced
her very
well.

P. 81
An echoing silence
made even the clouds
stand still.

P. 83
Nothing comprehends only
the sky
comprehends.

P. 85
Small gestures
are enor
mous
when one is
exhausted.

P. 87-91
It's as
if I
could
sleep
the sto
ries
of the dream
and wake up
inside out
only with a
pencil
conductor's
wand
in front of
the ocean
where
winds are
from the sky
and the colors
are blues
in all of a sudden
gray
lightning
interrupts
I only said
I dissolve
I've tired of
going
far
come
nearer
I'm in
bed
just put

my dreams
to rest
I need
a
pencil
more
than them
the courage
of a
piece of paper
that makes
it's already day
it's muggy
sort of gray
silver
birds
calm
bed plenty
sea friend
of the mermaids
mangos
firm
in the
mango
tree
music of
the world in
these parts
what
before
is now
grips
soft.
In the laughter
of the bamboo
the baskets
where
the wind
makes noise
and the Chinese
their
homes

look like
vegetable
throats
or wind ins
truments
fixed
I'll go to
the boy
who
makes baskets
and the woman
who harvests
fruit
for
here
there is no
mirror
and they
are
from where
I come
I go
see in them
what there is
always
dance
has to have
tomorrow
I'll go
bend
for it'll be
night of
harvesting
fibers
I don't want
a non-lasting
basket
therefore
I resort
to the correct
timing
of the har

vest they
knew but
I return by
the same
sky of
knowledge
and sea
igno
rance
I only look
in the eye
a breath
in between.
From this
vastness
I awake
to read
the gestures
of Bahia
full
of breezes
beneath
the mosq
uito net
so
ingenuous
and imperial
as
the arrows
of conquest
and the eternal
drums
like
waking.

P. 93
The piece of paper
wouldn't
contain
what the body
couldn't contain
the poetry contained.

P. 95
What I don't see is
time.

P. 97
Light
perceived in the pitch dark
becomes a star.

P. 99
Only the essential
sustained by dreams stays.

P. 101
Once there was a man
thickheaded
like the shell of a turtle.
A woman didn't know
what to do.
Today was yet another
day that he awo
ke without saying good
morning
she left, and told him to
take a walk
sun shone, alone he went to
the garden of a park
passing desperado
without noticing he tripped
and landed on top of a ch
ild who said have you already
petted
the tur
tle?

P. 103
The ungainly
kept searching for
clothes.

P. 105
Mother,
Why do you

collect vases?
— Because
they contain
vacuities
that helped me
create you.

P. 107
Sometimes,
I stop, or rather
notice.
That I never
stop.

P. 109
Mother,
I looked for paper for you
that breathes, with open and
obvious structure.
To find you I had to go
into this composition. In it I
lost
your consent
and could decide on words.
Mother,
You are a woman filled
by worlds and you meander
through the universe of each
word making me
take care with
my composition.

P. 111
A bunch
Of options
Is super perilous.

P. 113
I won't omit
the flight
I take to walk
the line
but I

consider
the gestures
and I know
I am considerate.

P. 115
I began
to think
centuries
ago.

P. 117
Sex,
to speak
not a word,
permitting
that
single
orgasm,
that made me, that made you,
that engenders.

P. 119
Bird woman
I washed the clothing until it
brighten
ed on the bank of the dam
and resolved
that today I'd cut my long
hair. Walking and on the path
a tiny little bird,
featherless, nestless, I as
certained.

So I went to take care of it, I
looked at the poin
ter on that earthen road,
with my basket of clothes,
in only one little house was
there
a clock in the way back, I
looked it
was 6 and I cared for that

birdie
until a tree arrived, full
of majestic leaves each bran
ch entwined in another the
course of that day would
not pass without cutting my
long hair to be able to dress
the
next day those clothes that I'd
brightened.

P. 121
I waited
in you
I went to the
murmurings
of the body with
my foot in the mud
and the arms
out chasing clouds
you arrived
at the time for one of those
turns I resolved
to talk about a thousand
things you perennial
went in the shells
while I spoke
I searched your eye and
brought you to stay
with me. On the rock huddled
tight what we had to be
was balanced.

P. 123
I go where the pen
takes me.

P. 125
At the edge of limit
a soft line of
water is the horizon.

P. 127
Infancy's well,
there gathered
everyone:
adults seniors bathing.
everyone:
who once were children
laughed in remembrance and
the tear
dropped in the corner
of the well
where there were other
children
of that place
of the only source, the bath.

P. 129
I don't know anymore where
my house lives
still in two laden mango
trees
I find shade
sleep and trust
that those fruits
will understand
my fall
without falling.

P. 131
To grow up
is faster
than to structure.

P. 133
When what I imagine inhabits
letters I relax.

P. 135
Soft words walking all over
the ceiling in a surge before
pen commits them
to paper

getting from them
the caterpillars
words as yet
unformed
not even
the flight
of
but
ter
fli
es.

P. 137

On menstruation
Before it all started spinning,
it spun
so much that she fell, and
without brushing her teeth she was pulled
into sleep
there all of her feelings were
pulled down
and she herself was pulled up
the center of her body bearing
very great weight. When
in the middle of the night she
began to feel light her eyes opened...and in the first breath post
dizziness she exhaled, placed
her
hand in the blood-red gunk
and felt that it was hers. But
she was
so exhausted that her eyes
closed unconscious she was on a
slide going woohoo in a
park where even though she
was very
small minimal her mother let
her go.

On the sheet of consciousness
there
were enormous blood-red
ball-like marks
that were passed
to the mattress and to the
filling
in a 4 day period.

P. 139

Contempt
is a weapon.
A
person
with
contempt
is a person
in an
armed
position.

P. 141

Have
my body
for my house
my heart
my head
wing.

P. 143

In the shadows
the contours
are sacred
there in the
silhouettes
vagues the imagination
of what is restrained.

P. 145

When
rigidity
commands

my eyes
I will no
longer see
myself.

P. 147

I go like a horse, though
I am a woman, I flee from the
sky
that orients, I squeeze into
the distance minimum
from view and remove me. It's
not worth it
to roll up where knitting was
made to w
arm, tripe of no mutton
sews what is open, only the
sky would resolve
it but I'm minimum and
only
brilliance gleams. And on the
side of brilliance
the sober one chews the wind
he seems
fed but his flesh demands
another, laughs inwardly
in the elegant
closure, says good night
to me
at the end of the day where
the sheep
wander and between viaducts
and
saintly suppers a man spoke
his words were eaten
and made them feel alien to
what the world was doing,
they got in the
ir own way in hammocks and
slept embraced
with the time of an
elect

ric alarm clock, there where
the
stars wouldn't reach.

P. 149
Silence's woman
The weather would change,
first
an echoing silence
made even the clouds stand
still
everything was static like
a photograph. From the silver
lining
a bunch of birds
desperately fled
and the sky blackened
from behind the hill the same
as always. On the beach the
ocean
trembled and on the stones
the ocean beat down with a
violence only permitted
ocean and stone.
With a flash of lightning
and plenty of water
from the skies would come
noise and everything
stirred
only the woman accustomed
to the silence closed
the windows on her house
where the wind
knocked and cried because
the silence was hers.

P. 151
Dreams are
constructions
of our
internal
dynamism

and veins
make them
circulate.

P. 153
In every
space memory
grows, spreads,
and silently
studies
what it wants
to register.

P. 155
All dark
and a beam of sunlight
wakes me in
a ballet of
cosmic dust.

P. 157
The story was about a man
who accumulated gestures
he accumulated so much that
he unlearned
cause he so much wanted to be
cause he so much wanted
to do
so much so he lost the in-
stantaneous
and the instantaneous is
spectacular.
Hoarded to oppress, kept to
himself
and closed in himself, and the
universe
didn't notice his actions.
He internalized and turned
into a beast
he tried but couldn't at all
succeed, it was as if he
was dead alive.

In nobleness he resolved to
remain
dead, to be dead he was
resolved, and he
lived.
When he lived a star
shined in the sky and said it
would accom-
pany him, when it shined it
died, and it impressed its
instantaneous brilliance
on him.

P. 159
Falls
silent
and looks to who's
on their side.

P. 161
I fixed my eyes like a rock, but
the butterflies
flew by.

P. 163
Eyes dren-
ched
with sights
sum
seagulls.

P. 165
I write
each
word
in fear
and when
the word
ends
I take courage
and another comes.

P. 167
The woman little by little
in front of all the slices made
a
wish, it wasn't to be expected
but she wanted a perfume,
a mix
ture of the salt of flowers, the
piece
of ground of places, and the
re
mains of things of the earth
in less time than it takes to
inhale
it inebriated, when the smell
came, it was like this,
it was for rubbing. Of the eyes
of things in the gardens of
the wor
ld gathered. Who made the
per
fume was the ancient man
who just arrived, and in
her all of the flowing
veils frim to grab the
body now perfumed
with this scent of women little
by little.

P. 169
Now I want to see, without
mirror and without reflection,
now I want to see.

P. 171
For how
long
did I mistake,
even my eyes
leapt from my
body there permanent,
thus I perceived that

time was mine
mistake in permanence.

P. 173
In the apex of a vocabu
lary to find
the words and
bring them
in a flying cradle to
snuggle from each
corner the signi
ficances.

P. 175
Life
is so light
on the balance
of currents
that it
can
expose itself
and retire calmly.

P. 177
The woman of the endless
hollow
From the endless hollow she
surges mish-
mashed and loaded with
archetypes
exhausted from walking and
traversing so
much has happened her
knocking door to door
one more time, one more city
hoping to be
taken in. Dressed in mended
taters
there was no rigor, but not
everything served
rather nothing served in her
world. Abor

ted were los projects and
ideas of
everything she hoped for,
post abort she rested
wrapped in a breeze and a
song.
She slept without knowing
from whe
nce came that song. Upon
awaking
a far traveler receives her with
flowers and a good
morning. Impressed she be-
gan to cry
and said that no one would
keep her
from living in her world. The
woman of
the endless hollow hoped to
find
a thread that her grandmoth-
er had lost in sew
ing and her mother had
taught her was
worth millions being gold-
work. Well,
the man began to respect
that
woman and at the moment of
her tan
trum of tears he backed away
saying I'll wait
for you outside. She, followed.

P. 179
The place of
certainty
is the body.

P. 181
Exhaustion
itself

strips away reason
haunts the eyes
until they fall away
from what they think
they see but it is
illusion
only the dream is real
for we are entire
with our bodies in it
and what we need is only air.

P. 183
On love
nothing written
would have coherence
of a body
that is completed
complete and in
complete
with the other.

P. 185
I thank
the details for
fixing themselves
in my gaze
in them it's possible
to see myself
in the retina of you
today
like
a stone
I stared fixedly but the but
terflies passed
with their suave
wings of subtleties
scintillating
for being
themselves magnetic
to flowers
good night poem I'm going
to sle

ep to deliver my day in
dreams.

P. 187
In the middle
of the page
invisible alignment
of white paper
space is permitted
I pause at the brink
of courage
release my tears
new-borns
and bawling are the
words for all milk
in the blank
page there's an exit.

P. 189
The surfer
looks to the
horizon
clinically
chooses from where to enter
so as to not be swallow-
ed.

P. 191
The stymied lost
his sky and kept
hon-
king
stuck in traffic
in his Volkswagen.

P. 193
If persistence
isn't the solu-
tion,
I search
quick
like a child

who dropped the ball,
and know that
a car maybe
at high velocity.

P. 195
Slave to her time
she would nearly pee in her
pants running
to the bathroom, without
stopping she'd do
a bunch of things at once and
when she'd stop
her head would spin and she
was imprisoned
by her own air, which also
wouldn't
come out the top. Time col-
ored the
way the sky shows, she col-
lected in
postcards, she pinned them
facing
her bed where her eye was
conditioned to go.
Sometimes she'd notice, she'd
see the landscape of
the postcards and a very light
sigh
would escape her, it so hap-
pens that this last time the
sigh
became a condensed tear
and made a long sobbing cry.
Her boss
on this day in his tender man-
ner gave her
many pills and a little note:
for
your anguish. She took the
medicine
and remained for 3 months

without a sigh.
When, on the 28th day, looking
at the postcards
exhausted upon waking she
sighed
without meaning to, she then
had to go out and she went
running sobbing to work. Un-
able to talk
she missed her calls and
those greatly
desired messages from her
boss each time
the telephone rang she
looked desper-
ate noticed so much that she
saw
there was an old dictionary
in a book cover and in an-
guish she stopped.

P. 197
The
sighs
the
childish
eyes
behind
exciting
things
that
suspire.

P. 199
The last
drop of what is
impossible for me
is death, I go. I perceive
the current of life and drip
by drip again I run.

I do not need to expe-
rience this lunacy.

P. 201
These moments
that only feeding at
the breast would
resolve
in this adult phase
physically only
the memory salivates.

P. 203
In this paper were
flowers of lilies
delirious
perfumed
and opened
with too much love
I confess to have become in-
ebriated
I became fragile like this
paper, which always
seems like it might
tear and it tears
a little bit
but it's on it that I write
every word
with fear
and when the word ends
I take courage and another
comes.

P. 205
Please territory
I'm going after a
memory
from which love generates
flowers
my great grandmother
with these

decorated
her nut cakes.

P. 207
The night is
blue the kind
the hydran-
geas apro-
priated.

P. 209
How great that sky exists
in favelas, in hospitals
in streets, in fairs,
downtown, in small cities,
up above,
on the runway.

P. 211
If what is left
interrogates what is
left over.
What is left
is the soul
what is left over
is matter.
What is left over in-
terrogates what is
left.
You'll have
to go ahead
knowing to leave
left overs so as not to
get fed up.
Left overs are a
matter of
space,
and the soul
dominates them.
The conversation
was so profo-

*und it created an echo
between two mou
tains and the whole
village came
to listen,
but the closer they
came the wo
rds turned into
whispers and then
blown sound
and the only thing
that they
heard
was
this music,
made by no
one, but
that exis
ted.*



Coleção Joias Cotidianas
Quotidian Jewels Collection

P. 224-225

Colar Você é Algo em Mim, 2003
Material: acrílico, espelho, fio de nylon, cristais Swarovski e fecho Magnomento.

*You are Something in Me
Necklace, 2003*

Materials: acrylic, mirror, nylon string, Swarovski crystals, and Manomento clasp.



P. 228-229

Colar Só Lar, 2007
Material: linha cirúrgica, agulha, pedras hematita, pérolas e borrachinha para regular o tamanho.

Colar Mexedor, 2003
Material: fio de couro, colherinhas plásticas de mexer café, cristais de acabamento e borrachinha para regular o tamanho.

Só Lar Necklace, 2007

Materials: Surgical thread, needle, hematite stones, pearls, size-regulating rubber.

Mixer Necklace, 2003

Materials: leather cord, small plastic coffee spoons, finishing crystals and size-regulating rubber.



P. 232-233

Colar Espacial, 2003
Material: fio de nylon, lantejoulas de acetato furta-cor, cristais Swarovski e fecho Magnomento.

Brinco Fogo, 2007
Material: fios de nylon coloridos, pérolas e anzol de prata.

Spatial Necklace, 2003

Materials: nylon thread, iridescent acetate sequins, Swarovski crystals, and Magnomento clasp.

Fire Earring, 2007

Materials: colored nylon thread, pearls, and silver hook.



P. 226-227

Colar Grampo, 2003
Material: fio encerado, grampos Gigita e borrachinha para regular o tamanho.

Colar Leque, 2003
Material: fio de nylon, palitos de bambu, pérolas e fecho esfera de prata pequena com imã.

Hairpin Necklace, 2003

Materials: waxed thread, Gigita hairpins, and size-regulating rubber.

Fan Necklace, 2003

Materials: nylon thread, bamboo picks, pearls, and small, spherical silver clasp with magnet.



P. 230-231

Brinco Por um Fio, 2007
Material: nylon, linha prateada e anzol de prata.

Colar Mola, 2004
Material: fio de couro, nylon, linha prateada, pérolas.

By a Thread Earring, 2007

Materials: nylon thread, silver thread, and silver hook.

Spring Necklace, 2004

Materials: leather cord, nylon thread, silver thread, pearls.



P. 234-235

Colar Brasil, 2006
Material: fio de couro, contas "lage de bá" e borrachinha que regula o tamanho.

Brazil Necklace, 2006.

Materials: leather cord, "lage de bá" beads and size-regulating rubber.



P. 236-237
 Colar Brasil, 2006
 Material: fio de couro, contas "lage de bá" e borrachinha para regular o tamanho.
 Bracelete Noite, 2004
 Material: rede de proteção para vinho, cristais Swarovski e fios de nylon.

Brazil Necklace, 2006
 Materials: leather string, "lage de bá" beads, and size-regulating rubber.

Night Bracelet, 2004
 Materials: protective net for wine bottles, Swarovski crystal and nylon string.



P. 240-241
 Colar Gude, 2003
 Material: rede de embalar limão, bolas de gude e fecho Magnomento grande.
Marbles Necklace, 2003
 Materials: netting to package lemons, marbles, and large Magnomento clasp.



P. 244-245
 Colar Serpente, 2004
 Material: fio de nylon, lantejoulas de acetato e pérolas.
Serpent Necklace, 2004
 Materials: nylon thread, acetate sequins, and pearls.



P. 248
 Braçadeira, 2003
 Material: rede de embalar limão, nylon e lantejoulas furtacor.
Armband, 2003
 Materials: netting to package lemons, nylon thread, and iridescent sequins.

Coleção PET
 PET Collection

P. 249
 Colar Mandala, 2007
 Material: fio de couro, lantejoulas de garrafas Pet, nylon e borrachinha para regular o tamanho.
Mandala Necklace, 2007
 Materials: leather cord, PET bottles sequins, strung with size-regulating nylon and rubber.



P. 254-255
 Colar Manda Lá e Cá, 2007
 Material: fio de couro, lantejoulas de garrafas Pet, nylon e borrachinha para regular o tamanho.
 Colar Joia Trabalhosa, 2006
 Material: fio encerado, nylon e lantejoulas de garrafas Pet.
Send Hither and Thither Necklace, 2007
 Materials: leather cord, PET bottle sequins, size-regulating nylon and rubber.
Hard work Necklace, 2006
 Materials: waxed thread, nylon thread, and PET bottle sequins.



P. 258
 Brinco Sereia, 2007
 Material: palito de bambu, pérola, mini lantejoulas de garrafa Pet e anzol de prata.
Mermaid earrings, 2007
 Materials: Bamboo toothpick, pearl, PET bottle mini sequins, and silver hook.

Coleção Índio Urbano
 Urban Indian Collection

P.259
 Bracelete Índio Urbano, 2006
 Material: fio de silicone e lantejoulas de acetato.
Urban Indian Bracelet, 2006
 Materials: silicone string and acetate sequins.



P. 238-239
 Brinco Brinquedo, 2005
 Material: palitos de bambu, pérolas e esfera de prata pequena com imã.
Toy Earring, 2005
 Materials: bamboo toothpicks, pearls, and small silver spheres with magnet.



P. 242-243
 Colar Perfume Prata, 2004
 Material: mini ampola de vidro, tampa exclusiva de prata, fio de nylon e fecho esfera de prata pequena com imã.
 Fecho Magnomento, 2003
 Material: plástico injetado e imã.
Silver Perfume Necklace, 2004
 Materials: small glass vial, exclusive silver cap, nylon thread, and a small spherical, silver clasp with magnet.
Magnomento Clasp, 2003
 Materials: injected plastic and magnet.



P. 246-247
 Colar Serpente Color, 2004
 Material: nylon, lantejoulas coloridas, pérolas.
 Medalhão Bic, 2004
 Material: canetas Bic, nylon e fio de couro.
Colored Serpent Necklace, 2004
 Materials: nylon thread, colored sequins, pearls.
Bic Medallion, 2004
 Materials: Bic pens, nylon thread, and leather cord.



P. 252-253
 Embalagem Capsula de Pet, 2009
 Material: lâmina de Pet, fio de nylon e papel reciclado.
 Colar Espacial Pet, 2006
 Material: fio de nylon, lantejoulas de garrafas Pet, cristais Swarovski e fecho Magnomento.
PET Packaging Capsule, 2009
 Materials: PET bottle laminate, nylon thread and recycled paper.
PET Spatial Necklace, 2006
 Materials: nylon string, PET Bottle sequins, Swarovski crystals and Magnomento clasp.



P. 256-257
 Bracelete Escama Ouro, 2009
 Material: fio de silicone, lantejoulas de garrafas Pet e lâminas de ouro 18k.
 Colar Sereia Ouro, 2009
 Material: fio de nylon, lantejoulas de garrafas Pet, pérola, lâmina de ouro 18k e fecho Magnomento.
Gold Scale Bracelet, 2009
 Materials: Silicone string, PET Bottle sequins, and 18k gold plate.
Gold Mermaid Necklace, 2009
 Materials: Nylon string, PET bottle sequins, 18k gold plate, and Magnomento clasp.



P. 260-261
 Bracelete Oca, 2007
 Material: fio de silicone e lantejoulas de acetato.
Hollow Bracelet, 2007
 Materials: silicone thread and acetate sequins.



P. 262-263
 Colar Escamalar, 2004.
 Material: fio de couro, lantejoulas "unha de gato", cristais de acabamento e borrachinha que regula o tamanho.
Escamalar Necklace, 2004.
 Materials: leather cord, "cat's claw" sequins, finishing crystals, and size-regulating rubber.



Coleção Ouro
Gold Collection
 P. 266-267
 Colar Há Feto, 2008
 Material: fio de nylon e pingente em ouro 18k. Também em versão com pingente de prata.
Affection Fetus Necklace, 2008
 Materials: nylon thread and 18k gold pendant; also in silver.



P. 270-271
 Colar Olho Pérola, 2007
 Material: madeira esculpida, renovável, da casca da Cajazeira, pérola, acetato colorido e fio de nylon.
 Colar Porta Foto, 2007
 Material: madeira esculpida, renovável, da casca da Cajazeira, acetato colorido e fio de couro.
Pearl Eye Necklace, 2007
 Materials: sculpted renewable wood from the bark of the Cajazeira tree, pearl, colored acetate, and nylon thread.
Picture Frame Necklace, 2007
 Materials: sculpted renewable wood from the bark of the Cajazeira tree, colored acetate, and leather cord.



P. 264-265
 Colar Índio Urbano, 2004
 Material: fio de couro, lantejoulas de acetato, cristais de acabamento e borrachinha para regular o tamanho.
Urban Indian Necklace, 2004
 Materials: leather cord, acetate sequins, finishing crystals, and size-regulating rubber.



Coleção Cajazeira
Cajazeira Collection
 P. 268-269
 Brinco Olho, 2007
 Material: madeira esculpida, renovável, da casca da Cajazeira, espelho e anzol de prata.
 Colar Você é Algo em Mim Cajazeira, 2007
 Material: madeira esculpida, renovável, da casca da Cajazeira, espelho e fio de nylon.
Eye Earring, 2007
 Materials: sculpted renewable wood from the bark of the Cajazeira tree, mirror and silver hook.
Your are Something in Me Cajzeira Necklace, 2007
 Materials: sculpted renewable wood from the bark of the Cajazeira tree, mirror, and nylon thread.



Coleção Permeáveis
Permeable Collection
 P. 274-275
 Brinco Casulo, 2008
 Material: corda de polietileno oca, pérolas e pino de prata.
Cocoon Earring, 2008
 Materials: hollow polyethylene cord, pearls, and silver pin.



P. 276-277
 Grampoleta, 2008
 Materiais: corda de polietileno oca, pérolas e grampo Gigita.
 Tiara Penteadado, 2008
 Material: corda de polietileno desarmada e desfiada, pérolas, fio de silicone e uvinhas de plástico.
Staplet, 2008
 Materials: hollow polyethylene cord, pearls, and Gigita clamp.
Hairdo Tiara, 2008
 Materials: stripped and shredded polyethylene cord, pearls, silicone thread, and small plastic grapes.



P. 278-279
 Colar Com Corda, 2008
 Material: corda de polietileno destrançada e esfera de prata com imã.
 Colar Dança, 2008
 Material: corda de polietileno oca, pérolas e fecho de prata.
Cord Necklace, 2008
 Materials: unbraided polyethylene cord and silver sphere with magnet.
Dance Necklace, 2008.
 Materials: hollow polyethylene cord, pearls, and silver clasp.



P. 280-281
 Colar Nó Córdio, 2008
 Material: "alma" (parte interna) da corda de polietileno, pérolas, nylon e fecho Magnomento.
 Bracelete Varal, 2008
 Material: "alma" (parte interna) da corda de polietileno e pérolas.
Cord Knot Necklace, 2008
 Materials: "soul" (internal portion) of the polyethylene cord, pearls, nylon, and Magnomento clasp.
Clothesline bracelet, 2008
 Materials: "soul" (internal portion) of the polyethylene cord and pearls.



P. 282-283
 Fecho Esfera de Prata Grande, 2008
 Material: prata e imã
Great Silver Sphere Closure, 2008.
 Materials: silver and magnets.



P. 292-297
 No papel não caberia, O que no corpo já não cabia, Na poesia caberia, 2007
 Escultura feita com 100 lâminas de papel vegetal iluminadas, com a forma do corpo da artista recortada a laser em tamanhos decrescentes.
 Designer assistente: Quito.
The paper wouldn't contain, What the body couldn't contain, The poetry contained, 2007
 Sculpture made of 100 sheets of illuminated tracing paper, the outline of the artist's body cut out by laser in decreasing sizes.
 Assistant: Quito



P. 298-301
 Raízes de Melissa, 2007
 Instalação com 300 sandálias da marca Melissa recortadas em formas de raízes.
 Designer assistente: Joana Cavalheiro.
Melissa Roots, 2007
 Installation with 300 Melissa brand sandals cut in the shape of roots.
 Assistant: Joana Cavalheiro.



P. 302-303
 Interseções Articuláveis, 2007
 Móviles cenográficos feitos com círculos de tubos de PVC e acetatos coloridos.
 Designer assistente: Suelen Figueira.
Articulated Intersections, 2007
Scenographic mobiles made with circular sections of PVC tubing and colored acetate.
 Assistant: Suelen Figueira.



P. 312-313
 Anakonda, 2010
 Forma anfíbia feita com 1.550 superfícies de latas de alumínio enfileiradas.
 Assistentes: Daniel Guevara, Ana Guevara e família.
 Fotos: Michael B. Lehrer.
Anakonda, 2010
Amphibian form made from 1,550 tin can surfaces strung together.
 Assistants: Daniel Guevara, Ana Guevara, and family.
 Photos: Michael B. Lehrer.



P. 316-317
 O Trabalho é Seu, 2006
 Chapa de alumínio interativa, revestida de formas de alumínio com espelhos e ímãs.
The work is yours, 2006
Interactive aluminum sheet, coated with aluminum forms with mirrors and magnets.



P. 322-323
 Um Fio para o Espaço, 2005
 Móbile de 8 metros feito com lantejoulas furta-cor.
A Thread to Space, 2005
An 8 meter-long mobile made with iridescent sequins.



P. 332-335
 Leque de Lata, 2009
 Série limitada de 12 Leques feitos com latas de alumínio, Banana Plac e dedal de prata.
 Assistentes: Suelen Figueira e Tatiana Dutra.
Tin Fan, 2009
Limited edition of 12 fans made from tin cans, Banana Plac, and silver thimbles.
 Assistants: Suelen Figueira and Tatiana Dutra.



P. 338-339
 Turbante de Jornal, 2006
 Autorretrato em formato camafeu com turbante feito com papel jornal.
Newspaper Turban, 2006
Self-portrait in cameo form with a turban made from newsprint.



P. 306-311
 Conectar-se Pelo Cordão, 2005
 Vídeoarte e instalação geodésica para exibição da obra. Animação: Caco Moraes e Thiago Sacramento. Trilha sonora: Pedro Bernardes.
Connected by the Cord, 2005
The piece was exhibited as video art and a geodesic installation.
 Animation: Caco Moraes and Thiago Sacramento.
 Sound track: Pedro Bernardes.



P. 314-315
 Big Círculos, 2010
 Painel com 700 fundos de lata de alumínio recheados de acetatos coloridos cujas sombras se projetam em superfícies.
 Assistentes: Daniel Guevara, Ana Guevara e família.
 Fotos: Michael B. Lehrer.
Big Circles, 2010
Panel with 700 tin can bottoms filled with colored acetates whose shadows project on surfaces.
 Assistants: Daniel Guevara, Ana Guevara, and family.
 Photos: Michael B. Lehrer.



P. 318-321
 African Map, 2010
 Escultura com 500 corpos de garrafas Pet.
 Assistentes: Daniel Guevara, Ana Guevara e família.
 Fotos: Michael B. Lehrer.
African Map, 2010
Sculpture with 500 PET bottles.
 Assistants: Daniel Guevara, Ana Guevara, and family.
 Photos: Michael B. Lehrer.



P. 324-329
 Mòbiluz, 2011
 Objeto de luz feito com sobras de lantejoulas translúcidas, lâminas de madeira e lâmpadas LED em parceria com Zeca Cury e Airton Pimenta.
 Designers assistentes: Suelen Figueira e Ondine Melo.
Mobiluz, 2011
An object of light made with leftover translucent sequins, wooden laminates, and LED bulbs in partnership with Zeca Cury and Airton Pimenta.
 Assistants: Suelen Figueira and Ondine Melo.



P. 336-337
 Leque da Aclamação, 2008
 Feito com jornal, acetatos coloridos e manuscritos bordados em linha de ouro.
 Designer assistente: Joana Cavalheiro.
Acclamation Fan, 2008
Made from newspaper, colored acetate, and manuscripts embroidered in gold thread.
 Assistant: Joana Cavalheiro.



P. 346-357
 Ata da Cidadania, 2005
 Oficina de desenvolvimento de processo autoral – História de Vida Através da Arte, História da Arte Através da Vida – para a ONG Ata da Cidadania, integrando pacientes que sofrem de transtornos mentais, em Belo Horizonte, MG, Brasil.
Citizenship Act, 2005
Workshop for authorial process development — Story of Life Through Art, Story of Art Through Life — for the NGO Ata Cidadania (Citizen Act), integrating patients suffering from mental disorders, in Belo Horizonte, MG, Brazil.



P. 358-367
 Estampa de Cada Rosto, 2006
 Curadoria para grupo de adolescentes da Oficina de Produções Artísticas (OPA), coordenada pelo professor de artes Wilson Cardoso, na ONG Ser Cidadão. As exposições Teias Humanas e Estampa de Cada Rosto, na Galeria Lurix, no Rio de Janeiro, resultaram desse trabalho
Mark of Each Face, 2006
 Curator for the Oficina de Produções Artísticas (OPA, Artistic Production Workshop) youth group, coordinated by Wilson Cardoso, art professor, at the NGO Ser Cidadão (Being a Citizen). The work resulted in the exhibitions Teias Humanas (Human Webs) and Estampa de Cada Rosto (Mark of Each Face) at the Lurix Gallery in Rio de Janeiro.



P. 370-375
 Unisinos, 2007
 Oficina de desenvolvimento de processo autoral – História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida – realizada com estudantes da primeira turma de graduação na Escola de Design da Unisinos, em Porto Alegre, RS, Brasil.
Unisinos, 2007
 Workshop for authorial process development – Story of Life Through the Object, Story of the Object through Life – created with students from the first group to graduate from the School of Design in Unisinos, Porto Alegre, RS, Brazil.



P. 376-379
 Unisinos, 2010
 Oficina aberta de desenvolvimento de processo autoral – História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida – realizada na Escola de Design da Unisinos, em Porto Alegre, RS, Brasil.
Unisinos, 2010
 Open workshop for authorial process development – Story of Life Through the Object, Story of the Object through Life – at the School of Design in Unisinos, Porto Alegre, RS, Brazil.



P. 382-401
 Natal da Transformação, 2009
 "O cidadão aprende transformando a cidade" – desenvolvimento de sistema integrado de cenografia, comunidade e universidade para o natal promovido pela prefeitura de Canoas, RS. Bases cenográficas criadas em parceria com Peu Mello e Ana Kalil. Seis mil enfeites produzidos por 90 mulheres a partir de oficinas baseadas na metodologia História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida, utilizando materiais reciclados arrecadados em cooperativas e escolas públicas. Um grupo produtivo foi estabelecido na cidade dando continuidade à proposta do projeto.
Christmas of Transformation, 2009
 "The citizen learns transforming the city" – development of an integrated system of scenography, community, and university at Christmas time, sponsored by the government of Canoas, RS, Brazil. Scenographic foundations made in partnership with Peu Mello and Ana Kalil. Six thousand ornaments made in partnership with workshops based in the methodology of Story of Life Through the Object, Story of the Object through Life, using recycled materials collected in cooperatives and public schools. A work group was established in the city to give continuity to the project's proposal.

BIOGRAFIA

Mana Bernardes nasceu em 1981, no Rio de Janeiro, Brasil.

FORMAÇÃO

- 2011 Formação em Negócios Sociais, Artemisia, São Paulo, Brasil.
- 2010 Residência artística, Leher Architects, Los Angeles, Estados Unidos.
- 2009 Faculdade de Desenho Industrial, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, Brasil (2003-2009).
- 2001 Formação em Arte Terapeuta, Instituto de Artes Terapeutas do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (1999-2001).
- 1998 Formação em Gestão de Artesãos, Organização Campo – Centro de Assessoria do Movimento Popular, Rio de Janeiro, Brasil (1998).

PRÊMIOS

- 2011 Prêmio Top XXI Design – Embalagem Capsula de PET. São Paulo, Brasil. Vencedora.
- 2007 Prêmio Top XXI Design – Coleção Saquinho de Limão. São Paulo, Brasil. Finalista.

PUBLICAÇÕES

- 2011 *Homo Faber: o Animal que tem Mãos*, publicação Museu Vale.
- 2008 *Pura Ideia*, publicação Dell Anno.
- 2007 *Fork*, publicação Phaidon.
- 2004 *Momentum design contemporâneo do Rio de Janeiro*, publicação Viana & Mosley.

JOIAS

- 2009 *Coleção Cotidianas Ouro* – joias cotidianas com detalhes em ouro.
- 2008 *Coleção Permeáveis* – joias feitas com cordas de polietileno utilizadas normalmente como fios de varal de roupa.
Colar Há Feto – joia em ouro ou prata com símbolo da gestação.
- 2007 *Coleção Pet* – joias com garrafas plásticas de refrigerante, PET.
Coleção Cajazeiras – joias feitas com madeira renovável.
- 2004 *Magnomento* – fecho magnético feito em plástico transparente com produção em escala industrial.
Coleção BIC – joias feitas com canetas para a grife A Colecionadora/Luiza Marcier.
- 2003 *Coleção Joias Cotidianas* – joias feitas com materiais cotidianos.
Coleção Índio Urbano – joias feitas com enfileiramento de lantejoulas de diferentes formatos.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 2011 *Instalação Áudio-Visual Poemas Manuscritos* – concepção espacial de Renata Seripieri usando banco de madeira de Hugo Franca, trilha sonora, projeção e mapping de Pedro Bernardes, Bruno Queiroz e Augusto Amaral – Mostra Black, São Paulo, Brasil.
Môbiluz – objeto de luz desenvolvido em parceria com Airtton Pimenta e Zeca Cury, feito em madeira com preenchimento de sobras de lantejoulas e iluminação LED – Stand Galeria Luisa Strina, Design São Paulo, São Paulo, Brasil.

Joias Cotidianas – Design São Paulo, São Paulo, Brasil.

Joias Cotidianas – exposição Joia Contemporânea Brasileira, museu ACASA, São Paulo, Brasil.

Joias Cotidianas – exposição (+55) Brazil, Galeria The Civic, Barnsley Town, Inglaterra.

Joias Cotidianas – exposição Rio Design, Fashion Rio (edição verão), Rio de Janeiro, Brasil.

2010 *Joias Cotidianas* – Bienal Brasileira de Design, Curitiba, Brasil.

Joias Cotidianas – II Bienal Ibero Americana de Design, Madri, Espanha.

2009 *Joias Cotidianas* – exposição Destination: Brazil, MoMA, Nova Iorque, Estados Unidos.

Joias Cotidianas – exposição Design Brasileiro Hoje: Fronteiras, Museu de Arte Moderna, São Paulo, Brasil.

2008 *Leque da Aclamação* – leque feito com jornal, acetatos coloridos com manuscritos bordados em linha de ouro – exposição Joias Reais, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Brasil e Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Portugal.

Joias cotidianas – exposição Joyas a La Carte, Hotel 1898, Barcelona, Espanha.

Corpo Casa – versão miniatura da escultura No papel não caberia. O que no corpo já não cabia, Na poesia caberia feita com 50 lâminas de papel vegetal reproduzindo o corpo da artista sendo reduzido gradativamente, revestido por caixa de acrílico e iluminação – Miami Art Basel, Miami, Estados Unidos.

Joias Cotidianas – exposição Design + Sustentabilidade, Lounge Vip Sebrae, Fashion Rio (edição verão), Rio de Janeiro, Brasil.

<p>2007 <i>No papel não caberia, O que no corpo já não cabia, Na poesia caberia</i> – escultura feita com 100 lâminas papel vegetal iluminadas, na qual o corpo é representado como uma moradia transitória, decrescendo de seu tamanho original até a sua menor dimensão – exposição Moradias Transitórias, Museu Nacional de Brasília, Brasília, Brasil.</p>	<p>translúcida que gera sombras e movimento, exposição J'en revê, Fundação Cartier, Paris, França.</p> <p><i>Conectar-se Pelo Cordão</i> – mostra Itinerante 25º aniversário revista "ID", Londres, Nova York, Tóquio, Hong Kong e Beijing.</p> <p><i>Jóias cotidianas</i> – exposição O Outro Sentido do Moderno: Aluizio Magalhães e o Design Brasileiro, Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>PERFORMANCES</p>	<p>Cenografia de Show – para Teresa Cristina/EMI, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p><i>Interseções Articuláveis</i> – adaptação para uso cenográfico na peça Romance Vol. II. para Super Amigos Produções, São Paulo, Brasil.</p> <p><i>Série Limitada de Leques</i> para Stella Artois/Amberv, São Paulo, Brasil.</p>	<p>Assistência de direção – para o filme <i>Tamboro</i>, de Sergio Bernardes.</p> <p>2001 Design de acessórios – para R. Sobral, Rio de Janeiro, Brasil (1999-2001)</p> <p>1994 Coleção de acessórios – para a personagem de Letícia Spiller na novela 4x4 da Rede Globo, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p>Coleção de acessórios – para marcas Cantão e Wöllner, Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>2009 Oficina <i>História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida</i> – para grupo de artesões da Rede Asta, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p>Palestra-oficina – sobre processo criativo autoral no 6º evento ZigZag de Arte e Moda, São Paulo, Brasil.</p> <p>2008 Curso <i>História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida</i> – para a ONG Ser Cidadão com formatura e desfile das peças criadas na loja Parceria Carioca, Rio de Janeiro, Brasil.</p>
<p><i>Fome de Floresta</i> – criação com Pedro Bernardes de vaca pousando sobre bife com manchas representando a devastação das florestas – Cow Parade, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p><i>Raízes de Melissa</i> – Instalação com 300 sandálias Melissa recortadas e transformadas em raízes, que fixadas no teto estimulavam a reflexão sobre a questão da gravidade – Galeria Melissa, São Paulo, Brasil.</p>	<p>2004 <i>Jóias Cotidianas</i> – exposição Design + Social, Museu de Arte Brasileira, Maceió, Alagoas.</p> <p><i>Jóias Cotidianas</i> – exposição Metais e Luzes, Bienal de Design, Sant Etienne, França.</p> <p><i>Jóias Cotidianas e Véu de Poesia, com Rute Casoy</i> – Loja Daqui Do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>2009 <i>Performance Poética</i>, com Mariana Ximenes – Hotel Boutique Zank, Salvador, Brasil.</p>	<p>2008 <i>Manuscritos UMA</i> – concessão de direitos dos manuscritos para uso nas peças da coleção da marca UMA/Raquel Davidowicz, com desfile no São Paulo Fashion Week, São Paulo, Brasil.</p>	<p>CURSOS, OFICINAS E PALESTRAS</p>	<p>2007 Oficina <i>História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida</i> – na Unisinos, São Leopoldo, Brasil.</p>
<p>2006 <i>Instalação Tira de Manuscritos</i> – tira de papel de 5cm x 30cm com 45 poemas manuscritos e narrados ao som de trilha original de Pedro Bernardes – Museu do Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p><i>O Trabalho é Seu</i> – chapa de alumínio interativa, revestida de formas de alumínio com espelhos e imãs – Museu do Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p><i>Teias Humanas e Estampa de Cada Rosto</i> – Curadoria – Galeria Lurix, Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>2010 Residência Artística – <i>Anakonda</i> (cobra gigante feita com 1.550 superfícies de latas de alumínio), <i>Big Circulo</i> (feito com 750 tampinhas de garrafa de água e retalhos de alumínio das latas.), <i>African Map</i> (feito com 500 garrafas tipo PET e fundos de lata de plásticos coloridos), <i>Corpo Casa e Manuscritos</i> (poemas manuscritos em superfície de madeira) – Mia Lehrer+Associates, Los Angeles, Estados Unidos.</p>	<p>PROJETOS</p>	<p>2007 <i>Ação Raízes de Melissa</i> – concepção de ação e ambientação espacial de stand para a Grendene, no São Paulo Fashion Week, nos quais clientes da marca Melissa eram estimuladas a doar sandálias antigas para virarem uma escultura, promovendo o conceito de consumo sustentável, São Paulo, Brasil.</p> <p><i>Interseções Articuláveis</i> – móveis cenográficos para stand da Solvay na feira Brasil Plast, São Paulo, Brasil.</p>	<p>2011 Palestra – no <i>Seminário Internacional Pensadores e Criadores Discutem o Fazer do Homem e suas Transformações</i>, do Museu Vale, Espírito Santo, Brasil.</p> <p>Palestra – sobre processo criativo autoral na Escola São Paulo, São Paulo, Brasil.</p> <p>Palestra – sobre processo criativo autoral na M-EIA (Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura), Cabo Verde, África.</p> <p>Palestra – sobre processo criativo autoral na colônia de férias do Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p>Palestra – sobre processo criativo autoral na feira do livro de Ribeirão Preto, Brasil.</p>	<p>2006 Oficina <i>História de Vida Através da Arte, História da Arte Através da Vida</i> – para a ONG Ata Cidadania, Belo Horizonte, Brasil.</p> <p>Oficina <i>História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida</i> – para a ONG Ser Cidadão, Rio de Janeiro, Brasil.</p>
<p>2005 <i>Conectar-se Pelo Cordão</i> – vídeo-arte e instalação com fotografias de corpo inteiro de pessoas mostrando o umbigo e um grande cordão umbilical conectando-os – exposição J'en revê, Fundação Cartier, Paris, França.</p> <p><i>Um Fio Para O Espaço</i> – móbile de 8m feito com lantejoulas</p>	<p>2009 <i>Manuscritos</i> – poemas manuscritos em papel Kozo, com moldura de madeira contendo mp3 player, para compor trabalho poético-visual-sonoro – Galeria Habitar, Porto Alegre, Brasil.</p>	<p>2010 <i>Algo Indecifrável/O Trabalho é Seu</i> – versão da obra O Trabalho é Seu com acetatos coloridos e fundos de alumínio para Clube de Colecionadores do Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil.</p> <p><i>Mapa de Potencialidades e Articulações de Base Sustentável</i> – sistema de pesquisa e diagnóstico para implantação de plataformas conceituais/inspiracionais para o movimento Repense e a pousada Zé Maria, em Fernando de Noronha, sob coordenação da Router Beta, São Paulo, Brasil.</p>	<p>2005 <i>Mostra, brindes e oficina</i> – para stand da TIM no São Paulo Fashion Week, São Paulo, Brasil.</p> <p>2003 <i>Vitrines</i> – para Papel Kraft, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p>Direção de Arte de Cena – para o filme <i>Tamboro</i>, de Sergio Bernardes.</p> <p>2002 Co-Fundação da ONG <i>Ser Cidadão</i> – organização não governamental cujo objetivo é desenvolver cidadãos autônomos e solidários, por meio de ações educativas, Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>Palestra – sobre processo criativo autoral na colônia de férias do Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil.</p> <p>2010 Oficina de Criatividade – na Walden School, Los Angeles, Estados Unidos.</p> <p>Oficina <i>História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida</i> – na Unisinos, São Leopoldo, Brasil.</p> <p>Palestra – sobre processo criativo autoral no Shopping Moinho de Vento, Porto Alegre, Brasil.</p>	<p>2005 Oficina <i>História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida</i> – para artesãos especializados em sementes no SEBRAE de Rio Branco, Acre, Brasil.</p> <p>Oficina <i>História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida</i> – no Instituto Europeu de Design em São Paulo, São Paulo, Brasil.</p> <p>2003 Oficina de <i>Jóias com Material Reciclável</i> – para a ONG. Projeto Estruturar, Lixão de Itaguaí, Niterói, Brasil.</p> <p>1996 Curso de arte em bijuteria D+ da Conta – projeto social do Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (1996-2004).</p>

BIOGRAPHY

Mana Bernardes was born in 1981, Rio de Janeiro, Brazil

EDUCATION

2011 Social Management Course, Artemísia, São Paulo, Brazil

2010 Artistic Residency, Leher Architects, Los Angeles, USA

2009 College of Industrial Design, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, Brazil (2003-2009)

2001 Art Therapy, Institute of Art Therapists of Brazil, Centro de Assessoria do Movimento Popular (Support Center for Popular Movement) (1999-2001)

1998 Artisan Management, Field Organization — Centro de Assessoria do Movimento Popular (Support Center for Popular Movement) Rio de Janeiro, Brazil.

AWARDS

2011 Top XXI Design Prize — Capsule Packaging for PET. São Paulo, Brazil. Winner.

2007 Top XXI Design Prize — Little Bag of Lemons Collection. São Paulo, Brazil. Finalist.

PUBLICATIONS

2011 Homo Faber: The Animal who has Hands, Vale Museum.

2008 Pure Idea, Dell Anno

2007 Fork, Phaidon.

2004 Momentum contemporary design in Rio de Janeiro, Viana & Mosley.

JEWELRY

2009 Quotidian Gold Collection — quotidian jewels with gold details.

2008 Permeable Collection — jewelry made with polyethylene cords usually used for clotheslines.

Affection Fetus Necklace — gold or silver pendant with pregnancy symbol.

2007 Pet Collection — jewels made of PET bottles.

Cajazeiras Collection — jewels made of renewable wood.

2004 Magnomento — magnetic closure made in transparent plastic, industrial scale production.

Bic Collection — jewels made of Bic pens for the fashion show The Collector/Luiza Marcier.

2003 Quotidian Jewel Collection — jewels made from quotidian materials.

Urban Indian Collection — jewels made with strings of sequins in different formats.

COLLECTIVE EXHIBITIONS

2011 Audio Video Installation Poems Manuscript — special conception by Renata Seripieri using a wooden bench by Hugo Franca, sound track, projection, and mapping by Pedro Bernardes, Bruno Queiroz, and Augusto Amaral — Mostra Black, São Paulo, Brazil.

Mobilight — light object developed in partnership with Airton Pimenta and Zeca Cury, made in wood stuffed with sequins and LED lighting — Stand Gallery Luisa Strina, Design São Paulo, São Paulo, Brazil.

Quotidian Jewels — Design São Paulo, São Paulo, Brazil.

Quotidian Jewels — Contemporary Brazilian Jewelry, ACASA Museum, São Paulo, Brazil.

Quotidian Jewels — (+55) Brazil, The Civic Gallery, Barnsley Town, England

Quotidian Jewels — Rio Design (Summer Edition), Rio de Janeiro, Brazil.

2010 Quotidian Jewels — Brazilian Bienal of Design, Curitiba, Brazil.

Quotidian Jewels — Il Bienal Ibero American of Design, Madrid, Spain.

2009 Quotidian Jewels — Destination: Brazil, MoMA, New York, USA.

Quotidian Jewels — Brazilian Design Today: Frontiers, Museum of Modern Art, São Paulo, Brazil.

2008 Fan of Acclamation — fan made of newspaper, colored acetate with manuscripts embroidered with gold thread. Exhibition Joias Reais, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Brazil, and Palácio Nacional da Ajuda, Portugal

Quotidian Jewels — Joyas a La Carte, Hotel 1898, Barcelona, Spain.

Body House — miniature version of the sculpture, The paper wouldn't contain, What the body couldn't contain, The poetry contained, made on tracing paper reproducing the body of the artist gradually reduced, covered by an acrylic box and illuminated — Miami Art Basel, Miami, USA.

Quotidian Jewels — Design + Sustentabilidade, VIP Lounge Sebrae, Fashion Rio (Summer Edition), Rio de Janeiro, Brazil.

2007 The paper wouldn't contain, What the body couldn't contain, The poetry contained — sculpture made of 100 illuminated tracing paper laminates, in which the body is represented as a transitory home, decreasing in size to its smallest dimension — Moradias Transitórias (Transitional Housing), Museu Nacional de Brasília, Brasília, Brazil.

Forest Hunger — created with Pedro Bernardes of a cow landing on steaks with spots representing the devastation of forests — Cow Parade, Rio de Janeiro, Brazil.

Melissa Roots — Installation of 300 Melissa brand sandals cut and transformed into roots, which fixed to the ceiling stimulated reflection about gravity — Galeria Melissa, São Paulo, Brazil.

2006 Installation Strips of Manuscripts — strips of paper measuring 5cm x 30m with 45 poems manuscripts and narrated to the original sound track by Pedro Bernardes — Museu do Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brazil.

The Work is Yours — interactive aluminum sheet, overlaid in aluminum forms with mirrors and magnets — Museu do Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brazil.

Human Webs and Mark on Each Face — Curator — Galeria Lurix, Rio de Janeiro, Brazil.

2005 Connected by the Cord — video art and installation with full body photographs of people showing their umbilical cord and a great big umbilical cord connecting them — J'en revê, Fundação Cartier, Paris, France.

A Line to Space — 8 meter-long mobile with translucent sequins that create shadows and movement, J'en revê, Cartier

Foundation, Paris, France.

Connected by the Cord — I-dentity 25th anniversary exhibition, "i-D Magazine," London, New York, Tokyo, Hong Kong and Beijing.

Quotidian Jewels — O Outro Sentido do Moderno: Aluizio Magalhães e o Design Brasileiro (The Other Meaning of Modern: Aluizio Magalhães and Brazilian Design) Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, Brazil.

2004 Quotidian Jewels — Design + Social, Museu de Arte Brasileira, Maceió, Alagoas, Brazil.

Quotidian Jewels — Metals and Lights, Bienal of Design, Sant Etienne, France.

Quotidian Jewels and Veil of Poetry, with Rute Casoy — Store Daqui Do Brasil, Rio de Janeiro, Brazil.

SOLO EXHIBITIONS

2010 Artist Residency — Anakonda (giant snake made with 1,550 tin cans surfaces), Big Circle (made with 750 water bottle lids and tin can tabs.), African Map (made with 500 PET type bottles and the bottoms of colored plastic cans), Body House and Manuscripts (hand written poems on a wooden surface) — Mia Lehrer+Associates, Los Angeles, USA.

2009 Manuscripts — poems written by hand on Kozo paper, with wooden frames containing mp3 players, to compose poetic-visual-sonorous — Galeria Habitart, Porto Alegre, Brazil.

PERFORMANCES

2011 Poetic Unwrapping — poetic performance with direction

by Vera Holtz, scenography by Cláudio Amaral Peixoto, costumes by Raquel Davidowicz and sound track by Pedro Bernardes — Shopping Leblon, Rio de Janeiro, Brazil.

Parto de Palavras (Birth of Words) with Rute Casoy — Store Mutações, Rio de Janeiro, Brazil.

2009 Poetic Performance with Mariana Ximenes — Hotel Boutique Zank, Salvador, Brazil.

PROJECTS

2011 Map of Potentialities and Articulations for Ipanema and Inspirational Jewel — a research and diagnostic system for the establishment of conceptual/inspirational platforms for Ipanema — Grandene, Farroupilha, Brazil

2010 Something Indecipherable/ The Work is Yours — a version of The Work is Yours with colored acetate and aluminum bottoms, for the Clube de Colecionadores of the Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil

Map of Potentialities and Articulations of the Sustainable Base — a research and diagnostic system for the establishment of conceptual/inspirational and scenographic platforms for the Repense (Rethink) movement and the Zé Maria Inn, Fernando de Noronha, coordinated by Router Beta, São Paulo, Brazil.

2009 Christmas of Transformation — Design, scenography and social transformation for Christmas in the city of Canoas, Rio Grande do Sul, Brazil.

Concert Scenography — for Teresa Cristina/EMI, Rio de Janeiro, Brazil.

- Articulated Intersections – adaptation for scenographic use in the play *Romance Vol. II* for Super Amigos Productions, São Paulo, Brazil.
- Limited Edition Fans for Stella Artois/Ambev, São Paulo, Brazil.
- 2008 Manuscripts UMA – release of rights for the manuscripts to be used in pieces of the UMA/Raquel Davidowicz collection at São Paulo Fashion Week, São Paulo, Brazil
- 2007 Melissa Roots Action – conceptualization of action and spatial configuration for the Grendene stand at the São Paulo Fashion Week, where the Melissa brand clients were encouraged to donate old sandals to be transformed into a sculpture, promoting the concept of sustainable consumption, São Paulo, Brazil.
- Articulated Intersections – scenographic mobiles for the Solvay stand at the Brasil Plast Fair, São Paulo, Brazil.
- 2005 Exhibition, give-aways, and workshop for the TIM stand at the São Paulo Fashion Week, São Paulo, Brazil.
- 2003 Window Displays for Kraft Paper, Rio de Janeiro, Brazil
- Art direction – for the film *Tamboro*, by Sergio Bernardes.
- 2002 Co-Founder of the NGO Ser Cidadão – a non-governmental organization with the objective of developing self-reliant and compassionate citizens, through educational initiatives, Rio de Janeiro, Brazil.
- Director's Assistant for the film *Tamboro* by Sergio Bernardes.
- 2001 Accessory Design for R. Sobral, Rio de Janeiro, Brazil (1999-2001)
- 1994 Accessory Collection for the character played by Leticia Spiller in the soap opera *4x4* O Globo Network, Rio de Janeiro, Brazil.
- Accessory Collection for the brands Cantão and Wollner, Rio de Janeiro, Brazil

COURSES, WORKSHOPS, AND LECTURES

- 2011 Lecture – in the International Seminar Thinkers and Creators Discuss the Work of Man and his Transformations, at the Museu Vale, Espirito Santo, Brazil.
- Lecture – on the creative authorship process at the Escola São Paulo, São Paulo, Brazil.
- Lecture – on the creative authorship process at the MEIA (University Institute of Art, Technology and Culture of Cabo Verde) Cabo Verde, Africa.
- Lecture – on the creative authorship process in the summer camp of the Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brazil.
- Lecture – on the creative authorship process at the book fair, Ribeirão Preto, Brazil.
- 2010 Workshop on Creativity – Walden School, Los Angeles, USA.
- Workshop on Story of Life through the Object, Story of the Object through Life – in Unisinos, São Leopoldo, Brazil.
- Lecture on the creative authorship process - Shopping Moinho de Vento, Porto Alegre, Brazil.
- 2009 Workshop on Story of Life through the Object, Story of the Object through Life – for a group of craftsmen of the Rede Asta, Rio de Janeiro, Brazil.

- Lecture-workshop on the creative authorship process at the 6th ZigZag Arte and Fashion event, São Paulo, Brazil.
- 2008 Course Story of Life through the Object, Story of the Object through Life – for the NGO Ser Cidadão with graduation and parade of objects created in the store Parceria Carioca, Rio de Janeiro, Brazil.
- 2007 Workshop Story of Life through the Object, Story of the Object through Life at Unisinos, São Leopoldo, Brazil.
- 2006 Workshop Story of Life through the Object, Story of the Object through Life, NGO Ata Cidadania, Belo Horizonte, Brazil.
- Workshop Story of Life through the Object, Story of the Object through Life – for the NGO Ser Cidadão, Rio de Janeiro, Brazil.
- 2005 Workshop Story of Life through the Object, Story of the Object through Life – for craftsmen specialized with seeds at SEBRAE, Rio Branco, State of Acre, Brazil.
- Workshop Story of Life through the Object, Story of the Object through Life at the European Institute of Design, São Paulo, São Paulo, Brazil.
- 2003 Workshop on Making Jewelry with Recyclable Materials – for the NGO Projeto Estruturar, Lixão de Itaguaí, Niterói, Brazil.
- 1996 Art Class on in costume jewelry D+ da Conta – social project of the Museu da República, Rio de Janeiro, Brazil (1996-2004).

CRÉDITOS
CREDITS

Copyright © Mana Bernardes, 2011

Coordenação executiva / *Executive coordination*
Mariana Brunelli
Renata Gebara

Curadoria e direção editorial / *Curatorial and editorial direction*
Heloisa Buarque de Holanda

Coordenação editorial / *Editorial coordination*
Camilla Savoia

Transcrição das poesias / *Poetry transcription*
Tatiana Louzada

Direção de arte / *Art direction*
Mariana Ochs

Designer / *Designer*
Rodrigo Moura

Fotografias / *Photography*
Mauro Kury

Tradução / *Translation*
Alex Forman

Revisão / *Revision*
Camilla Savoia
Letícia Barroso

ÁUDIO DOS MANUSCRITOS

FICHA TÉCNICA

AUDIO OF THE MANUSCRIPTS
CREDITS

MANA E MANUSCRITOS:

1. Pílulas de vento
2. A milionária austera
3. Pílulas de gesto
4. Como acordar
5. Pílulas de breu
6. O homem cascado
7. Pílulas de vaso
8. Mãe procurei pra você
9. Pílulas de séculos
10. Mulher passarinha
11. Pílulas de equilibrar
12. O poço
13. Pílulas de teto
14. Sobre menstruação
15. Pílulas de rigidez
16. Vou como um cavalo e A mulher do silêncio
17. Pílulas de memória
18. O homem que acumulava gestos
19. Pílulas dos olhos encharcados
20. A mulher aos poucos
21. Pílulas dos signosfícados
22. A mulher do oco sem fim
23. Pílulas do corpo descompleto
24. Agradeço aos detalhes
25. Pílulas do engolido
26. Escrava de seu tempo
27. Pílulas da saliva
28. Neste papel eram flores
29. Pílulas do território
30. O que fica interroga o que sobra

Poesias: Mana Bernardes.

Composições: Pedro Bernardes.

Produção musical, piano acústico, Rhodes e guitarra: Pedro Bernardes.

Gravado entre julho e agosto de 2011, no estúdio: WG Estúdio.

Técnico de gravação: Iky Castilho.

Técnico de mixagem: Iky Castilho.

Pré-mixado no estúdio: Miradouro.

Mixagem: Batmastersom.

Masterização: Luiz Tornagui.

Agradecimentos: Thalma de Freitas e Felipe Benoliel.

MANA and MANUSCRIPTS:

1. *A measure of wind*
2. *The Austere Millionaireess*
3. *A measure of gesture*
4. *How to wake*
5. *A measure of darkness*
6. *Thickheaded man*
7. *A measure of vessel*
8. *Mother I looked for you*
9. *A measure of centuries*
10. *Bird woman*
11. *A measure of balance*
12. *The well*
13. *A measure of ceiling*
14. *On menstruation*
15. *A measure of rigidity*
16. *I go like a horse and Silence's woman*
17. *A measure of memory*
18. *The man who accumulated gestures*
19. *A measure of drenched eyes*
20. *The woman little by little*
21. *A measure of significances*
22. *The woman of the endless hollow*
23. *A measure of the uncomplete body*
24. *I thank the details*
25. *A measure of the swallowed*
26. *A slave to her time*
27. *A measure of saliva*
28. *In this paper there were flowers*
29. *A measure of territory*
30. *What is left interrogates what is left over*

Poems: Mana Bernardes.

Compositions: Pedro Bernardes.

Musical production, acoustic piano, Rhodes and guitar: Pedro Bernardes.

Recorded in studio between July and August, 2011: WG Estúdio.

Recording technician: Iky Castilho.

Mix technician: Iky Castilho.

Studio pre-mix: Miradouro.

Mix: Batmastersom.

Mastering: Luiz Tornagui.

Special thanks: Thalma de Freitas e Felipe Benoliel.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B444m

Bernardes, Mana, 1981-
Mana e manuscritos / Mana Bernardes ; [tradução Alex Forman]. - Rio de Janeiro : Aeroplano, 2011.
436p. : il.color. ; 23 cm

Texto bilíngue, português e inglês
Inclui índice
ISBN 978-85-7820-068-8

1. Arte brasileira - Século XXI - Exposições. 2. Poesia - Brasil - Exposições. 3. Jóias - Brasil - Exposições. I. Título.

11-5406. CDD: 709.81
CDU: 7.038.6(81)

23.08.11 29.08.11

O29123

Todos os recursos foram empenhados para identificar e obter as autorizações dos fotógrafos e retratados. Qualquer falha nesta obtenção terá ocorrido por total desinformação ou por erro de identificação do próprio contato. A editora se coloca à disposição para corrigir quaisquer erros e conceder os créditos a seus verdadeiros titulares.

Every effort was made to identify and obtain authorization for photographs and models. Any failure in this respect is due to misinformation, or an error in contact identification. The publisher is willing to correct all errors where they occur, and to concede credit where necessary to proper owners of images.

Este livro foi composto na fonte Altis, criada por Jarno Lukkarila em 2011.
O papel utilizado para a capa foi o Cartão Duplex 300 g/m².
Para o miolo foram utilizados os papéis Silprint 120 g/m² e Croqui 35 g/m².
Impresso pela Grafitto Gráfica para a Aeroplano Editora em setembro de 2011.

